

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA



A Igreja Evangélica e as Eleições: o envolvimento da Igreja Assembleia de Deus nas eleições presidenciais de 2018 na cidade de São Leopoldo

Ibanês de Oliveira Mariano

Pelotas,

2024.

IBANÊS DE OLIVEIRA MARIANO

**A IGREJA EVANGÉLICA E AS ELEIÇÕES: O ENVOLVIMENTO DA IGREJA
ASSEMBLEIA DE DEUS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 NA CIDADE DE
SÃO LEOPOLDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Roberto Cogo
Leivas

Linha de Pesquisa: Teoria Política e Teoria Social
Contemporâneas

Pelotas,

2024.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

M333i Mariano, Ibanes de Oliveira

A igreja evangélica e as eleições [recurso eletrônico] : o envolvimento da Igreja Assembleia de Deus nas eleições presidenciais de 2018 na cidade de São Leopoldo / Ibanes de Oliveira Mariano ; Claudio Roberto Cogo Leivas, orientador. — Pelotas, 2024.

126 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Política. 2. Evangélicos. 3. Eleições. 4. São Leopoldo. 5. Igreja. I. Leivas, Claudio Roberto Cogo, orient. II. Título.

CDD 320

IBANÊS DE OLIVEIRA MARIANO

**A IGREJA EVANGÉLICA E AS ELEIÇÕES: O ENVOLVIMENTO DA IGREJA
ASSEMBLEIA DE DEUS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 NA CIDADE DE
SÃO LEOPOLDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Ciência Política.

Banca examinadora:

Professor Doutor William Daldegan de Freitas (UFPEL)

Professor Doutor Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Orientador: Prof. Dr. Claudio Roberto Cogo Leivas

Pelotas,
2024.

Dedico este trabalho à Fabiane Bitello, esposa,
lutadora, historiadora, educadora por todo o
amor, motivação e força que tive nesta reto-
mada dos estudos;

Ao João Pedro, ao Joaquim e à Natasha por me
fazerem pai e por me ensinar muito na vida.

AGRADECIMENTOS

A construção desta dissertação me trouxe algumas reflexões que pretendo traduzi-las em agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço ao Mestrado em Ciência Política da UFPEL por ter aceitado o projeto de investigação de um tema instigante e com isso, ter me recolocado em um banco escolar mais de vinte anos após ter concluído a graduação em História. Mesmo que em condições especiais, vivendo uma pandemia, agradeço aos professores que tive, aos conhecimentos ministrados e a tudo que pode ser compartilhado nessas condições. Para quem vive a prática da política e da gestão pública em ambientes locais poder re-ler estas vivências a partir de visões, teorias e, muitas vezes, *linká-las* ao dia a dia me foi muito proveitoso. Tive a graça de ter bons professores, a quem também, coletivamente agradeço muito. Infelizmente, o momento especial que permeou grande parte do Mestrado não permitiu ter uma convivência melhor com os colegas das aulas, que trouxeram para mim grandes contribuições. Quero destacar o Prof. Dr. Cláudio Leivas, meu orientador pelas contribuições e orientação. Embora de forma virtual, agradeço a breve convivência.

À minha esposa, Fabiane Bitello, agradeço a convivência e as muitas trocas que temos nos muitos projetos comuns em nossas vidas. Os mestrados são um deles. Mas, também por estar sempre junto, dando dicas, refletindo, contribuindo. Somos de áreas diferentes do conhecimento, mas nos completamos na afirmação um do outro e nas presenças que cobrem ausências com nossos filhos. Apesar do cotidiano corrido, não faltamos um ao outro, nem mesmo aos nossos filhos.

Agradeço a disposição daqueles que me disponibilizaram parte de seu tempo para concederem entrevistas, algumas tive que fazê-las em várias etapas, visto a sobrecarga minha e dos entrevistados em alguns momentos. Em especial destaco os agradecimentos aos Pastores Arnaldo Freitag – Presidente da Assembleia de Deus do Vale dos Sinos e ao Pastor Adalberto Santos Dutra, pelo tempo disponibilizado.

À professora Débora Luiza da Silva por seu trabalho de revisão e formatação. Uma amiga de muitas décadas que contribui neste importante momento de minha vida.

“Por mais esforços que se faça, não há como não notá-los (os evangélicos), mesmo na política partidária, terreno do qual até há pouco, por sectarismo, mantinham-se deliberadamente afastados. Ao substituírem a velha máxima “crente não se mete em política” por projetos eclesiásticos corporativistas radicados no slogan “Irmão vota em Irmão” – título de livro de um pastor assembliando, entraram de “corpo e alma” no jogo político”.

(Mariano, 1999, p.1516).

RESUMO

A presente dissertação analisa a participação da Igreja Assembleia de Deus de São Leopoldo nas eleições de 2018. Nas últimas décadas houve um aumento considerável do número de evangélicos no Brasil – um país que tem o maior número de católicos no mundo também apresenta um dos maiores contingentes de evangélicos do planeta. Há uma transição religiosa em curso no país, na qual o Demógrafo José Eustáquio Diniz aponta que haverá a superação dos católicos pelos evangélicos até 2030, mantida esta velocidade de crescimento da adesão. Dentre os evangélicos, a segunda maior igreja do Brasil – Assembleia de Deus, organizada no país há 113 anos, tem mais de 12 milhões de fiéis, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Também, segundo o IBGE, representa 30% deste segmento multifacetado e que tem centenas de denominações que estão estruturadas em território brasileiro. Nesse ambiente, essencialmente popular, pobre, preto e feminino é que vamos traçar caminhos históricos e compreender as motivações religiosas que geram a mobilização e a agregação em determinadas candidaturas nas eleições presidenciais. Mais especificamente queremos entender o porquê de a Igreja Assembleia de Deus de São Leopoldo, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, com mais de 217 mil habitantes, segundo o censo (IBGE, 2022) aderiu majoritariamente à candidatura de Jair Bolsonaro (PSL) nas eleições de 2018 e procurar entender como esta igreja instalada na cidade há mais de 80 anos agiu nestas eleições. A Igreja Assembleia de Deus de São Leopoldo apresenta, segundo o Censo (IBGE, 2010) um contingente de 15 mil aderentes, de um total de 54 mil evangélicos que foi levantado pelo mesmo Censo na cidade.

Palavras-chave: Política; Eleições; Igreja; Evangélicos; São Leopoldo.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the participation of the São Leopoldo Assembly of God Church in the 2018 elections. In recent decades there has been a considerable increase in the number of evangelicals in Brazil – a country that has the largest number of Catholics in the world also has one of the largest contingents of evangelicals on the planet. There is a religious transition underway in the country, in which Demographer Jose Eustáquio Diniz points out that Catholics will be overtaken by evangelicals by 2030, with this rate of growth in membership maintained. Among evangelicals, the second largest church in Brazil – Assembly of God, organized in the country 113 years ago, has more than 12 million faithful, according to the 2010 IBGE Census. Also according to IBGE, it represents 30% of this multifaceted segment and which There are hundreds of denominations that are structured in Brazilian territory. In this essentially popular, poor, black and female environment, we will trace historical paths and understand the religious motivations that generate mobilization and aggregation in certain candidacies in the presidential elections. More specifically, we want to understand why the Assembly of God Church of São Leopoldo, a city in the Metropolitan Region of Porto Alegre, with more than 217 thousand inhabitants (according to the 2022 IBGE census) supported the majority of Jair Bolsonaro's (PSL) candidacy in the 2018 elections and try to understand how this church installed in the city for more than 80 years acted in these elections. The São Leopoldo Assembly of God Church has, according to the 2010 IBGE Census, a contingent of 15 thousand adherents, out of a total of 54 thousand evangelicals that was surveyed by the same Census in the city.

Keywords: Politics; Elections; Church; Evangelicals; Sao Leopoldo.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
1.1 Contexto Histórico.....	15
1.2 A importância da Rua Azusa para o pentecostalismo e para o Brasil.....	19
1.3 O sentido de Pentecostes.....	21
1.4 Transição Religiosa: Um conceito estruturante para nossa dissertação.....	23
2. O Protestantismo no Brasil.....	28
2.1 A guinada gerada pela Teoria da Prosperidade.....	39
2.2 A importância do Pastor.....	40
2.3 Como se distribui o ambiente evangélico.....	42
2.4 Cultura Evangélica.....	45
2.5 A participação dos evangélicos na política.....	46
2.6 Frente Parlamentar Evangélica.....	50
2.7 Vamos falar sobre Bolsonaro.....	51
3. História da Assembleia de Deus.....	56
3.1 O aspecto fractal da Igreja.....	64
3.2 CPAD: da doutrina aos assuntos mundanos.....	65
3.3 A Assembleia de Deus perante outras igrejas e religiões.....	70
3.4 A disputa com as religiões afrodescendentes.....	71
4. História da Assembleia de Deus no Rio Grande do Sul.....	73
5. São Leopoldo: de bicicleta para o mundo.....	78
5.1 História da Assembleia de Deus em São Leopoldo.....	78
5.1.1 Evangélicos em São Leopoldo.....	78
5.2 Assembleia de Deus de São Leopoldo.....	80
5.3 Resultados eleitorais das eleições de 2018 em São Leopoldo.....	86
6. Metodologia de Pesquisa.....	88
6.1 Resultado das entrevistas.....	89
6.1.1 Perfilação.....	89
6.1.2 Atuação religiosa.....	94
6.1.3 Atuação Política.....	95
Considerações finais.....	98
Referências.....	107
Anexo I – Questionário para entrevista.....	112
Anexo II – Extrato de algumas das entrevistas.....	113

1. Introdução

“[...] a religião é imanente à condição humana, presente em toda a história mundial. (Santos, 2017, p. 175)

A proposta desta pesquisa para a construção da dissertação é investigar o envolvimento da Igreja Assembleia de Deus nas eleições presidenciais de 2018 no Rio Grande do Sul, tendo como referência o processo eleitoral realizado na cidade de São Leopoldo. Sua motivação parte da necessidade de conhecer o intuito dos grupos evangélicos na política; na importância não só numérica, mas qualitativa que estes grupos agregam ao processo político, bem como nas pautas e demandas sociais que geram ao se movimentarem politicamente.

Destaca-se ainda, que a motivação para focar este estudo em uma pós-graduação em nível de mestrado decorre, em partes, da experiência do pesquisador na gestão pública e nas demandas que as agendas de grupos organizados, motivados religiosamente geram para o serviço público. Além disso, partindo da modulação das relações políticas que suscitam.

No Brasil, há um processo de transição religiosa, conceito trabalhado pelo geógrafo José Eustáquio Diniz, que afirma que há uma redução do percentual da população católica no país e um crescimento, principalmente a partir dos anos 1980, de um contingente de pessoas que se assumem evangélicas, ou mais especificamente neo-pentecostais. Esta transição tem apresentado uma mudança de comportamento no eleitorado brasileiro. Ela teria sido, em grande parte, responsável pela eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

Nesse sentido, o cientista político Jairo Nicolau (2020) chega a afirmar que o diferencial de votos responsável pela eleição do ex-presidente originou-se quase que, exclusivamente, do meio evangélico. Ademais, os templos leopoldenses foram utilizados como máquinas eleitorais, da mesma forma que o teólogo Fábio Py (2018) identificou em muitas regiões do Brasil.

De outra parte, a que motivações ideológicas respondem estes grupos? Pode-se dizer que há uma resposta uniforme, da mesma forma que foi captada em regiões do Brasil, na Assembleia de Deus de São Leopoldo? Estes são, portanto, os problemas de pesquisa que fomentaram a presente investigação.

Para aprofundar estes temas esta dissertação se propõe a relacionar abordagens teóricas sobre política e religião, eleições e religião e seus desdobramentos locais. Então, dispor de um olhar sobre a história da Assembleia de Deus.

Durante a CPI dos atos golpistas de 2023, uma professora de escola dominical da Assembleia de Deus do Maranhão – Senadora Eliziane Gama (PSD/MA), apresenta um relatório que pede o indiciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, dentre tantos outros pela invasão de seus apoiadores aos prédios do Governo, do Supremo e do Congresso Nacional. Gama, em entrevista ao Estadão disse: “Sou amante da leitura da Bíblia, vou todos os domingos à minha igreja.” (Estadão, 2023).

De outra parte, anos antes, um pastor assembleiano do Rio Grande do Sul se torna Ministro do Trabalho do Governo Temer. Tratava-se de Ronaldo Nogueira (Republicanos/RS). Contudo, voltando um pouco mais no tempo, tem-se a assembleiana do estado do Acre despontando em uma eleição presidencial. O ano era 2010 e refere-se à então ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva, que por muitos anos foi filiada ao PT e, posteriormente, se filiou ao partido REDE. Da mesma forma, podemos citar o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (MDB-RJ), membro da Assembleia de Deus do Rio de Janeiro que presidiu a Câmara dos Deputados em 2016 e instalou o impeachment da Presidente Dilma Rousseff (PT).

Estes são alguns dos muitos exemplos de expressões públicas desta que é a segunda maior igreja do Brasil em número de fiéis: a Assembleia de Deus. Uma igreja mais que centenária no Brasil, mas que encerra ou ressignifica um protestantismo que foi se moldando a uma realidade cada vez mais dura para milhares de pessoas, que se tornaram excluídas do processo econômico, principalmente após os surtos industriais vividos na Europa e nos Estados Unidos da América. Por sinal, o peso da Assembleia de Deus no meio evangélico é gigantesco, visto que representa, pelo menos, 32% deste crescente número de evangélicos do Brasil.

Entender esta Igreja na cidade de São Leopoldo e como ela se posicionou nas eleições de 2018 é o propósito deste trabalho. Neste período, o então Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro, do Rio de Janeiro, é eleito Presidente da República do Brasil. Portanto, aproveita-se o ensejo para compreender suas motivações, sua história e como uma igreja centenária, iniciada por pessoas humildes, consegue se adaptar as muitas realidades surgidas neste hiato temporal e absorve milhares de pessoas, também humildes, em seus quadros.

Em verdade, busca-se entender a influência do poder religioso sobre a política, embora esta situação faça parte da história da humanidade e a sua influência na política neste momento não é obra do acaso. De fato, o elevado crescimento numérico e a ampliação que as igrejas

evangélicas tem demonstrado e, em especial a Assembleia de Deus, é quem faz com que o mundo político também os olhe com cobiça.

Santos (2016, p. 160) alerta que “[...] a participação evangélica no campo político é hoje um fenômeno impregnado na realidade brasileira, em sintonia com o que ocorre em grande parte da América Latina.”. De fato, a postura política dos evangélicos mudou consideravelmente nos últimos 50 anos e, como se pode acompanhar na sequência, um dos grandes promotores desta mudança é a Assembleia de Deus. Isso ocorre por seu tamanho e sua fragmentada organização, que abrange desde os mais longínquos rincões, no caso de São Leopoldo, o que chamamos de “fundo da vila”, até os locais nobres, em grandes avenidas.

Para tanto, a presente dissertação foi organizada a partir das entrevistas realizadas junto aos pastores e fiéis, percebemos que existe um modo de vida evangélico cultivado cotidianamente, que é repassado por gerações e que conquista pessoas todos os dias. Assim, para esta dissertação procurou-se estabelecer um panorama histórico do protestantismo, que permitiu enxergar por quais trilhas históricas os protestantes caminharam para ser tornarem pentecostais

A partir de quais lentes vamos olhar os evangélicos e a Igreja Assembleia de Deus para o foco político-eleitoral que pretendemos abordar: a partir das lentes do neo-institucionalismo. Segundo Hall e Taylor (1996) embora não seja uma corrente de pensamento unificada, esta perspectiva teórica procura “elucidar o papel desempenhado pelas instituições na determinação de resultados sociais e políticos” (op. cit. p.194). Esta perspectiva teórica apresenta três métodos de análise, que os referidos autores denominam de escolas de pensamento e se dividem em institucionalismo histórico, institucionalismo da escolha racional e institucionalismo sociológico. Ambos, surgidos nos anos 1970 são uma reação ao pressuposto teórico dominante à época, o behaviorismo, considerado por alguns teóricos como de “caráter meramente descritivo, a-teórico e paroquial” (Nascimento, 2009. p. 97) ao funcionalismo e ao marxismo, bem como as abordagens racionalistas e formalistas das instituições.

Contrera e Estevinho (2021) salienta que “as instituições são o centro das análises da ciência política desde sua constituição enquanto campo científico”.

Sobre as diferenças ressaltadas Ellen Immergut nos elucidada que “O behaviorismo aceita a ideia de que a soma das preferências individuais explicaria o comportamento coletivo” ((In Nascimento, p.97) e que, de sua parte, “os institucionalistas afirma que a ação social é determinada por instituições, e não meramente pelo somatório das preferências” (op. cit). Immergut segue afirmando que, “os institucionalistas também rejeitam o estruturalismo, o qual

atribui a uma determinada estrutura social a força causal de todas as situações sociais. Segundo ela,

“os institucionalistas criticam os comportamentalistas por aceitar pelo valor de face a expressão das preferências e a agregação de interesses. Mas não estão dispostos a adotar os padrões dos determinantes sociais ou marxistas – ou, nesse aspecto, nenhum princípio único a priori – como base para a discussão crítica ou para aperfeiçoamento” (op. cit. p.97).

No contexto brasileiro, Emmendoerfer e Silva (2009, p.219) afirma que este enfoque “vem trazendo potenciais avanços nas investigações sobre as organizações e seus desdobramentos”.

Em verdade, buscamos uma chave para desvendar ou até mesmo reinterpretar as relações políticas atuais. Nascimento (2009, p.95) resgata um bordão para dizer que “as instituições importam”. No caso abordamos uma instituição mais que centenária, A Igreja Assembleia de Deus que possui uma uniformidade estrutural, uma estrutura de poder para muito poucos, ao mesmo tempo uma capilaridade gigantesca em diversos rincões do país – fato que demonstraremos ao re-construir sua pouco falado história, relacionando ao histórico dos evangélicos, bem como do pentecostalismo e seus matizes para que possamos chegar na replicação desta estrutura na cidade de São Leopoldo.

Ao focarmos grande parte da dissertação em aspectos históricos que demonstram os degraus que os evangélicos tiveram que galgar para chegarem até sua condição atual de serem um fenômeno social que soube manter a essência de sua proposta original, mas que também soube se adaptar as mudanças sociais que foram construídas ao longo dos tempos pretendemos mostrar uma longa trajetória histórica que foi moldando estruturas, remoldando conceitos, como exemplo o surgimento do protestantismo, das muitas denominações surgidas na Europa e da remodelação que ocorre nos Estados Unidos da América geradora do pentecostalismo no final do século XX, esta que, por sinal, vai se implantar no Brasil com a Assembleia de Deus em 1911 e que vai em um longo trabalho se organizar e se disseminar até se tornar a segunda maior igreja do Brasil, mesmo fato verificado no Estado do Rio Grande do Sul e em São Leopoldo, por sinal. Da mesma forma quando apresentarmos o aspecto fractal que nos apresenta uma forma de propagação. Este, no princípio representou divergências de condução do culto religioso, depois também se mostrou como crises entre os líderes de certas denominações – também da Assembleia de Deus, mas que nunca quebrou a identidade evangélica. Se momentaneamente gerou fissuras, a grosso modo logo se tornou unidade.

Mesmo a Teologia da Prosperidade – que também abordaremos historicamente e que não é abraçada da mesma forma por todos os evangélicos (muitos assembleianos – alguns

figurões negam-na) não gera rachas definitivos entre os evangélicos. O que esta teologia faz, por sinal, é criar um padrão aceito de que o reino dos Céus já é dos crentes e que eles/elas precisam é conquistar uma boa condição de viver, desde que frequente e contribua com sua igreja. Este, portanto, também se torna um pressuposto universalizado neste ambiente.

Da mesma forma podemos afirmar com relação ao agir político-eleitoral dos evangélicos. Procuraremos demonstrar que sua atuação mais direta no campo da política se inicia nos anos 1930 e que também irá percorrer uma trajetória longa, pois embora fossem pouco numerosos até os anos 1980, também não tinham unidade enquanto se envolver em questões mundanas. Esta modificação, como dissemos, foi ocorrendo aos poucos e tomou a forma atual a partir da Constituinte de 1986 quando um assembleiano – Josué Sylvestre – escreve o livro “Irmão vota em Irmão”. Desde então procuraremos mostrar que o avanço evangélico para dentro do Estado brasileiro moldado por mensagens religiosas com caráter político tem mobilizado milhões de pessoas. Ademais, mesmo sendo majoritariamente de direita e conservadores os evangélicos (inclusive os assembleianos) há um percentual destes que são de esquerda e, mesmo assim, não põe em questão sua identidade.

Nesse sentido, dividimos a presente dissertação em sete capítulos. No primeiro vamos sistematizar o contexto histórico de surgimento do protestantismo e dos evangélicos; no segundo capítulo abordamos o Protestantismo no Brasil. Neste trecho procuraremos entender de que forma os protestantes chegaram e como se consolidaram em um Brasil essencialmente católico. No terceiro capítulo abordaremos a história da Assembleia de Deus no Brasil para podermos captar suas origens e sua consolidação, primeiro estrutural, depois massiva e suas permanências e inovações que foram sendo aplicadas por esta que se tornou a segunda maior igreja do Brasil. Na mesma esteira estão os capítulos 4 e 5 nos quais abordaremos a história da Assembleia de Deus no Rio Grande do Sul e na cidade de São Leopoldo. As particularidades locais e regionais não afetam sua identidade, mas não os faz menos numerosos – mesmo percentualmente – em relação a sua implantação social em demais estados brasileiros. No capítulo seis abordaremos a metodologia e as dificuldades de efetivação da pesquisa. Neste capítulo destrincharemos a pesquisa realizada com os pastores e aderentes assembleianos e, por fim, apresentaremos apontamentos para uma conclusão final.

1.1 Contexto Histórico

“[...] Ryrie explica como nos últimos 500 anos, periodicamente, os homens e mulheres autodidatas se impõem contra o sacerdócio de conhecimento que serve e satisfaz a si próprio”. (Spyer, p.45)

O mundo é uma constante em transformação, para melhor compreender um tema, é preciso revisitar suas origens. Isso permite traçar um caminho, suas sinuosidades e os contornos que foram tomando até se chegar ao formato atual, aquele que se reproduz e que, com certeza carrega as marcas históricas e carga do seu tempo, no caso, dos tempos atuais. Sob este prisma é importante revisitar a origem dos evangélicos atuais.

Sabe-se que o formato atual provém dos protestantes norte-americanos no final do século XIX, início do século XX, mas de onde vem estes protestantes? Protestavam contra o quê? O que buscavam? Como se espalharam pelo mundo? Por que e como chegaram ao Brasil?

Tudo começou com Martinho Lutero, como será exposto a seguir:

O século XVI, no início da Era Moderna, na Alemanha, remete à origem de toda esta gama de situações que se abordam hoje. O fato registrado para a história foi um ato de pregação de um impresso com 95 teses por Martinho Lutero, na porta de uma igreja em Wittenberg e, posteriormente, enviado ao Arcebispo Alberto, da Mongúcia e, dali chegando ao Papa. O ato inicial foi realizado no dia 31 de outubro de 1517, véspera do dia de todos os Santos. As teses questionavam profundamente a Igreja Católica, pois contestavam o poder eclesiástico, as indulgências. Segundo Ryrie (2017), elas contam “a história do enamoramento dos cristãos ocidentais com Deus” e seu preâmbulo nos traz:

Por amor à verdade e no empenho de elucidá-la, discutir-se-á o seguinte em Wittenberg, sob a presidência do reverendo padre Martinho Lutero, mestre de Artes e de Santa Teologia e professor catedrático desta última, naquela localidade. Por esta razão, ele solicita que os que não puderem estar presentes e debater conosco oralmente o façam por escrito, mesmo que ausentes. Em nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Amém. (Lutero, 1517)

Tratava-se de um debate teológico que mexia profundamente no jeito de se ter fé e no *modus* de pensamento de parte da cristandade ocidental. Max Weber, no livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (Weber, 1905), percebeu a formação de uma nova ética que foi essencial para o surgimento do capitalismo. Instigante, mas não é tema deste estudo.

Ainda, havia um movimento de contestação à forma como o catolicismo comandava as questões doutrinárias e, de fato, para quem servia. Lutero entendia que as pessoas deveriam ser salvas por sua fé e por meio de um contato direto e individual com Deus. E, de forma alguma,

essa salvação deveria ocorrer por meio de perdões concedidos por líderes católicos através de indulgências vendidas ou através de intermediários da palavra divina. Suas ideias se espalharam pela Europa e Martinho Lutero acabou condenado por heresia e excomungado pela Igreja Católica. Os seguidores destas 95 teses foram chamados de luteranos ou protestantes, nome decorrente do protesto que fizeram contra a política religiosa do catolicismo.

Ryrie (2017) enxerga no protestantismo uma história “marcada por eventos e situações em que segmentos de camadas baixas da sociedade reagem contra elites religiosas e seu domínio político, fundamentados no controle da doutrina.” (Spyer, 2020, p. 46). Nesta mesma esteira, o historiador enxerga um fio condutor característico que é “[...] o ataque recorrente a quem tenta regulamentar e institucionalizar a relação das pessoas com a divindade.” (Spyer, 2020, p. 46). Basicamente, o protestante contesta a intelectualização e a burocratização da relação com o divino e prega que “esse contato que se opõe a uma espiritualidade mais regrada, erudita e hierarquizante, é associado à experiência afetiva e mística das religiões.” (Spyer, 2020, p. 47).

Desta forma, podemos afirmar que o Protestantismo surge de uma contestação ao catolicismo. Nas teses de Martinho Lutero foi organizado e formatado uma ação que deu sentido a um debate que permeava a Europa por séculos. As 95 teses, considerando-se o domínio que a religião da vida cotidiana, reorganizou a religiosidade europeia e foi, aos poucos, tomando diversas formas em outros países como a França, a Inglaterra. Aqui captamos o princípio de tudo o que pretendemos abordar.

Para o propósito desta pesquisa, é preciso dizer que as 95 teses estão na origem da geração das Igrejas Batistas e dos Quakers na Inglaterra no século XVII. Muitas das pessoas que professavam esta fé é que povoarão o sul dos Estados Unidos da América. Leo Huberman explica que

Um enorme pão, de boa qualidade, atraía então a maioria dos povos que emigravam para a América. Mas muitos vinham por outras razões. Uma delas era a perseguição religiosa. Se alguém fosse católico num país protestante, ou protestante num país católico, ou protestante em outro país também protestante, muitas vezes sua vida era intolerável. Podia ter dificuldades em obter um emprego, podia sofrer desprezo ou ser alvo de pedras atiradas em sua direção. Ou podia até mesmo ser assassinado por ter uma religião errada (isto é, diferente). Vinha a saber da existência da América, onde a religião não fazia grande diferença, onde podia ser o que quisesse, onde havia católicos, protestantes, judeus. Para a América, pois! (Huberman, 1987, p. 7)

Neste clima de intolerância, em uma terra inóspita, mas buscando seu lugar ao sol ou sua “terra prometida”, foi que os protestantes chegaram às Treze Colônias, depois Estados Unidos da América. Sua influência na construção desta nação foi e é assim descrita no Observatório da Laicidade na Educação

É inegável a forte influência da religião na organização das colônias. Os ingleses que iniciaram a colonização da região norte da América do Norte possuíam como característica principal a religiosidade. O assentamento inglês estabelecido em solo americano na região conhecida como Nova Inglaterra foi fundado por dois grupos religiosos diferentes. Ambos os grupos eram a favor de uma reforma geral no Cristianismo e da eliminação de elementos católicos na Igreja da Inglaterra. Enquanto que os peregrinos buscaram sair da Igreja Anglicana, os puritanos queriam reformá-la, através da instalação de uma santa comunidade em uma sociedade que eles posteriormente construiriam no Novo Mundo. (Araujo, 2019)

É justamente na colonização da citada região que aparece a primeira questão referente à laicidade. Segundo Albanese (2007), uma das intenções dos puritanos que vieram colonizar América era a construção da liberdade religiosa. Eles esperavam que o Novo Mundo fosse uma espécie de “redenção”. Todavia, eles não pretendiam estabelecer a tolerância religiosa, pois queriam um lugar onde pudessem estabelecer, sem restrições, o seu culto.

Embora os puritanos tivessem fugido da repressão religiosa na Inglaterra, a sociedade ideal para ele, deveria ser formada a partir de preceitos religiosos que serviria como um exemplo para a Europa a estimular a conversão em massa para sua religião. Uma questão emblemática da religião imposta pelos puritanos aconteceu com o teólogo Roger Williams, que veio para Massachusetts pregar a tolerância religiosa e a separação da Igreja e Estado a partir de um completo corte com a Igreja Anglicana. Por estas ações, Williams foi banido de Massachusetts e fundou a Colônia de Rhode Island, que rapidamente se tornou um grande centro de atração para pessoas que buscavam completa tolerância religiosa, inclusive pessoas fugindo do puritanismo daquela colônia.

Outro exemplo importante foi o de Anne Hutchinson, que pregava que a interpretação pessoal de todas as pessoas das palavras de Deus era legítima. Como Williams, ela acreditava em tolerância religiosa e liberdade de pensamento. Por isso, acabou exilada também em Rhode Island. Assim se resume o fato citado:

Religiosos ingleses, missionários quakers e batistas espalharam-se por toda a região sul dos atuais Estados Unidos da América, e a diversidade religiosa tornou-se uma característica normal do cenário político. Também os presbiterianos foram parte importante da mistura, bem como uma série de outros grupos dissidentes menores. Além disso, grupos sectários alemães espalharam-se pela Pensilvânia e por outros lugares — menonitas, dunkers e pietistas morávios, entre outros. Onde quer que os alemães e escandinavos se estabelecessem, desenvolvia-se também uma forte presença luterana, bem como uma representação calvinista. (Araujo, 2019)

Assim, o assunto é arrematado para os nossos propósitos quando se afirma que

Tal situação gerou uma característica muito curiosa dos EUA: uma sociedade extremamente religiosa, regida por um Estado Laico. Apesar dessa característica, a situação nunca foi segura para a laicidade do Estado, salvo pela forte presença da Suprema Corte americana no sentido de manter a constituição, defendendo sempre a primeira emenda, pois eventualmente forças políticas-religiosas tentam intervir na política e nas leis. (Araujo, 2019)

A frase “sociedade extremamente religiosa, regida por um Estado laico” resume uma das características dos evangélicos e irá produzir um padrão em que os ecos desta concepção soam até os dias atuais, com breves adaptações, mas essencialmente repercutindo este padrão. A politização dos evangélicos que veremos mais adiante nos levará a mais pistas sobre esta situação. Ademais, podemos afirmar que os puritanos e anglicanos construíram o molde da sociedade norte-americana tal qual a conhecemos hoje.

Esta consolidação populacional gera o chamado Cinturão da Bíblia, assim descrito por Martina Castigliani, no jornal do Instituto Humanitas (IHU, 2013)

Há um profundo Sul dos Estados Unidos onde se vota nos republicanos e a regra é a conservação. A área é conhecida como Bible Belt, literalmente "Cinturão da Bíblia", e inclui cerca de 12 Estados, embora não seja possível chegar a uma contagem definitiva, visto que existem amplas áreas influenciadas pelos protestantes: Louisiana, Arkansas, Texas, Ohio, Mississippi, Alabama, Georgia, Tennessee, Virginia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Flórida são as que têm a maioria. É a terra de Martin Luther King, e onde se votava no ex-presidente George W. Bush, parte integrante de uma América que existe além do poder e dos slogans eleitorais.

Trata-se de uma comunidade evangélica que se assentou nestas terras desde antes da Guerra de Secessão (1861-1865) norte-americana. Eles focam na conversão dos indivíduos e são chamados de *born again*, nascer de novo, e destacam grande importância para a assembleia dos crentes convertidos, a *believer's church*. São organizados em diversas matrizes, das quais se destacam: batistas, presbiterianos, metodistas, pentecostais. De fato, sua religião é protestante. Entendem que a Bíblia é a tradução da vontade de Deus e que “[...] o principal objetivo do indivíduo é obter a salvação. Para fazer isso é necessário seguir o caminho indicado por Jesus Cristo e tentar ter uma relação pessoal com o filho de Deus” (IHU, 2013).

O recorte político é conservador e eles se mobilizam muito contra as políticas públicas de direitos para os *gays*, o aborto e o divórcio, bem como a extensão do *welfare state* (estado de bem-estar social) para todas as faixas da população e contra o aumento de impostos.

John Giggie, professor de História dos Estados Unidos do Sul, da Universidade do Alabama afirma que neste ambiente a religiosidade influi no cotidiano de forma intensa.

O ponto a se entender é que essa vida religiosa influencia fortemente a cotidianidade. E falamos das ideias políticas, das relações com os outros e do envolvimento na organização da comunidade. Por exemplo, em muitas pequenas cidades, é quase impossível programar eventos às quartas-feiras, porque os conservadores cristãos têm o grupo de estudo do texto sagrado programado para essa noite. (IHU, 2013, s/p)

É este *Bible Belt* que atua como grande motivador de ondas evangélicas e pentecostais no Brasil. Embora todas as pautas não sejam necessariamente transpostas para a realidade brasileira, sua essência também age para organizar o fazer político das igrejas e dos pastores de maior expressão política e social no país.

1.2 A importância da Rua Azusa para o pentecostalismo e para o Brasil

“Quando os gritos estranhos e palavras incompreensíveis começaram a ecoar pelas ruas de Los Angeles, em um prédio decadente da rua Azusa, ninguém poderia prever que ali estava sendo gestado um dos mais notáveis movimentos religiosos do século XX”. Assim o *site* Biblioteca do Pregador (2023) descreve o surgimento do movimento pentecostal em Los Angeles, capital do Estado da Califórnia, nos Estados Unidos da América.

Até hoje, os cultos são rumorosos, pois trabalham as emoções, mas, na verdade era uma inovação que gerou um movimento de proporções mundiais. Um pregador negro organizou, em 1906, em uma igreja metodista desativada, um culto que mudaria o protestantismo, gerando um movimento de massas religioso. Seus ecos percorrem espaços e tempos. Estamos falando de William J. Seymour (Figura 1), um pregador batista, negro, que convocou pessoas para irem “além dos limites da sua fé”. Recém-chegado de Houston, de acordo com o texto “O Avivamento da Rua Azusa: Impactante História e Legado Pentecostal” (2023), publicado no *site* Biblioteca do Pregador, Seymour “pregava a necessidade da santificação e do batismo no espírito santo, acompanhado pelo dom de falar em línguas”.

Figura 1 - William J. Seymour



Fonte: Biblioteca do Pregador (2023).

Pode-se dizer que este movimento inicia com questionamento da postura dos Batistas aos efeitos da Revolução Industrial, que ampliava o fosso entre os pouquíssimos ricos e os

muitos pobres, estes últimos, verdadeiras engrenagens do intenso e brutal processo industrial. Em verdade, este movimento tem ações anteriores a esta.

Desse modo, cita-se o ocorrido no Condado de Cherokee, na Carolina do Norte, em 1896, no qual também fora registrado o fenômeno de falar em línguas, situação que gerou conflitos e expulsões. Aqui novamente percebe-se uma característica que se tornará perene no pentecostalismo: sempre procurar brechas quando ocorrer uma certa burocratização e institucionalização em seu campo religioso. O fato histórico da Rua Rua Azusa, chamado de Avivamento, está incluso em um conjunto de fracionamentos que existiram antes dele e que se sucederam aos milhares, pelo mundo afora, depois dele.

Par e passo ao seu surgimento a imprensa norte-americana se interessou pelo fenômeno. O Jornal *Los Angeles Daily Times* noticiou no mês de abril (mesmo mês do surgimento) de forma negativa a afluência de pessoas para o prédio da rua Rua Azusa. Assim o tema foi propagado em todos os Estados Unidos. Interessante é que mesmo noticiado negativamente a fluência de público e a propagação do pentecostalismo não cessou. Pelo contrário, só continuou.

Alguns meses depois, o movimento pentecostal lança o Jornal *Apostolic Faith*. O Título: *O Pentecostes chegou!*. A mensagem de abertura do veículo assim começava:

O poder de Deus agora tem esta cidade agitada com nunca. O Pentecostes já chegou e com ele seguem-se as provas da Bíblia. Muitos estão a ser convertidos, santificados e cheios do Espírito Santo, falando em línguas como no dia de Pentecostes”. Também disse que, “o reavivamento verdadeiro só começou porque Deus estava trabalhando principalmente com seus filhos, para leva-los até ao Pentecostes, e a preparar a fundação para uma grande onda de salvação entre os que não estão convertidos.” (De Rua Azusa para a África das Nações – Denzil R. Muller, 2005, p.12/13).

O pentecostalismo se multiplica, fragmentando-se e se relendo constantemente, sem nunca deixar de ser pentecostalismo. Esta movimentação sempre parece ligada a grandes movimentações demográficas e sociais. Nesta esteira, Spyer (2020, p. 11) sintetiza que “percebemos, em vez de um mundo evangélico homogêneo, a existência de um terreno simbólico fértil e disputado no qual periodicamente representantes de igrejas estabelecidas.” Pode-se afirmar, baseado neste estrato, que o pentecostalismo, surgido do avivamento, é essencialmente um processo que abarca populações mais pobres e negras no EUA. Esta característica vai permear toda a propagação ainda existente desta vertente religiosa no Brasil e nos demais países por onde viceja.

Deste resumo o que de fato impacta na abordagem desta pesquisa é o processo de avivamento ocorrido no final do século XIX nos Estados Unidos, pois destes fatos em diante capta-se uma inovação que torna o protestantismo mais capaz de absorver os milhares de

homens e mulheres, muitos dos quais, negros, pobres, imigrantes. Além disso, há uma forte dose de emoção nos cultos, o que os torna ainda mais atrativos para esta massa humana desamparada por um capitalismo selvagem que se estruturava.

Nas palavras de Spyer (2020, p. 57) “trata-se de um movimento popular desde a sua origem, com forte participação dos pobres e essencialmente excluídos, explica o sociólogo da religião David Martin”.

Sobre o termo “avivamento” o dicionário Michaelis¹ explica como sendo “ação ou efeito de avivar-se (tornar-se mais vivo)”. Nada mais apropriado em tempos de segregação racial do que uma transformação ou releitura religiosa que propiciasse mais vida aos negros, pobres e desagregados da sociedade norte-americana. Por sinal, esta característica irá permear este movimento em todos os lugares nos quais for implantado.

O legado do avivamento pentecostal está presente em vários países, principalmente na América Latina e no Brasil, além de seu ambiente de surgimento: Os EUA. Deste movimento foram geradas várias denominações religiosas. Foi um ponto de virada na fé cristã e conquistou o posto de corrente mais influente do cristianismo contemporâneo. Outra questão importante a ser abordada é de que o pentecostalismo foi, como abordamos anteriormente, uma forma de superar a segregação racial – característica da sociedade norte-americana no século XIX e em grande parte do século XX. Em suma, a rua Rua Azusa molda o pentecostalismo em sua essência.

1.3 O sentido de Pentecostes

É necessário, por fim, entender por que pentecostalismo e também o termo avivamento.

A palavra “pentecoste” vem do grego “quinguagésimo”, “[...] mais especificamente ao dia depois da oferta de manjares durante a Festa dos Pães Asmos.” (Estilo Adoração, s/d.)

Para entender o verdadeiro sentido da Solenidade de Pentecostes, cabe partir do texto bíblico que nos apresenta na narração:

Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa em que se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se. Residiam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações que há debaixo do céu. Quando ouviram o ruído, reuniu-se a multidão, e todos ficaram confusos, pois cada um ouvia os discípulos falar em sua própria língua” (At, 2, 1-6). Essa passagem bíblica

¹ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/avivamento/>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

apresenta o novo curso da obra de Deus, fundamentada na Ressurreição de Cristo, obra que envolve o homem, a história e o cosmos. (Canção Nova, s/d)

Trata-se de uma celebração de agradecimento a Deus pela colheita, realizada pelos judeus de várias localidades, 50 dias após a Páscoa. Também fazia menção ao momento em que Moisés recebeu as Tábuas com as Leis Sagradas, denominadas Torah.

O termo remete, segundo AT 2.4 a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e também à Igreja, reporta à Igreja Primitiva. No relato bíblico, o Espírito Santo, conforme descrito acima, teria ‘descido’ em forma de língua de fogo. Desta feita, estamos falando do início da missão discipular, de semear a mensagem de Jesus por todos os recantos do mundo, então, este dia anima a Igreja a vivenciar a experiência do Espírito Santo, da ressurreição de Jesus até os dias atuais. É um constante re-viver repetido pela igreja em sua missão cotidiana. “A Solenidade de Pentecostes é um fato marcante para toda a Igreja, para os povos, pois nela tem início a ação evangelizadora para que todas as nações e línguas tenham acesso ao Evangelho e à salvação mediante o poder do Espírito Santo de Deus.” (Canção Nova, s/d).

De acordo com o Terceiro Livro da Bíblia, Levítico (23:21), neste dia nenhum trabalho servil poderia ser executado, embora a Bíblia não especifique uma significação precisa em torno desta data. Neste dia, dois pães assados eram trazidos às casas dos judeus e um animal era sacrificado para a expiação dos pecados e como oferta de paz. As passagens diretas e indiretas sobre o tema são diversas, cite-se, por exemplo:

1. Festa das Semanas, referindo-se à sete semanas após a oferta das primícias (Êxodo 34:22; Deuteronômio 16:10,16; 2 Crônicas 8:13);
2. Festa da Colheita, referindo-se à colheita dos grãos (Êxodo 23:16);
3. Festa da Colheita, referindo-se à colheita dos grãos (Êxodo 23:16);
4. O Dia das Primícias, referindo-se às primícias de uma colheita (Números 28:26).

Também se verifica em Deuteronômio e Jeremias e todas estas referências são oriundas do Velho Testamento. No Novo Testamento há também passagens indiretas sobre o tema quando afirmam que o “sangue do Espírito Santo foi derramado sobre os cristãos em Jerusalém.” (Atos 2), noutra que afirma que “[...] quando o apóstolo Paulo estava decidido a não se demorar na Ásia a fim de poder estar em Jerusalém até o dia do Pentecostes.” (Atos 20:16). A terceira referência mostra Paulo disposto a permanecer em Éfeso até o Pentecostes, devido a uma “*porta grande e eficaz*” que lhe tinha sido aberta (1 Coríntios 16:9).

Já no Novo Testamento, João Batista falou sobre o Messias que batizaria com Espírito Santo (Marcos 1:8), e depois o próprio Jesus prometeu que o Espírito Santo seria enviado (João 14) e deu ordens claras para que os discípulos aguardassem em Jerusalém até que isso ocorresse. (Lucas 24:49; Atos 1:4,5)

Os apóstolos esperaram em Jerusalém conforme Jesus havia ordenado e quando o dia de Pentecostes chegou, a promessa foi cumprida (Atos 2:1). O texto grego original diz literalmente “quando o dia do Pentecostes estava sendo cumprido”, no sentido de expressar a ideia de que o quinquagésimo dia havia chegado e o período de espera terminado.

É por isso, que muitos comentaristas ligam diretamente o fato de o Espírito Santo ter sido derramado juntamente no dia do Pentecostes com a afirmação do apóstolo Paulo de que Cristo ascendeu ao céu como as primícias da ressurreição (1 Coríntios 15:23). No entanto, destaca-se que no presente trabalho, não se tem como foco aprofundar este debate teológico. Pretende-se, de certa forma, apresentar os contornos deste tema para que possamos entender seu papel no ambiente evangélico e as inovações que foram promovidas a partir de sua releitura recente.

De certa forma podemos dizer que Pentecostes produz uma experiência intensa, mobilizadora de multidões; que promove mudanças e inovações no cristianismo e que faz com que se expresse um êxtase coletivo que impulsiona as pessoas a buscarem algo diferente, às vezes novo, para suas vidas.

1.4 Transição Religiosa: Um conceito estruturante para nossa dissertação.

O conceito de transição religiosa é basilar para a abordagem desta pesquisa. Ele apresenta a situação de mudança do perfil religioso brasileiro, como está ocorrendo, qual a intensidade e onde este processo de perda de adesão católica para evangélicos tem ocorrido com mais intensidade.

No Brasil, país majoritariamente católico, há um flagrante crescimento do pentecostalismo, principalmente se considerar dos anos 1980 para os dias atuais. Segundo o Censo, os católicos se tornaram 24.4% menores em tamanho populacional neste mesmo tempo. (Bobsin, 2012, p. 07). O impacto desta movimentação é tão grande que, embora no Brasil ainda tenha uma maioria católica, se tornou um país “caracterizado por um crescente pluralismo e mobilidade religiosa” (Bobsin, 2012, p. 05).

Ser brasileiro e ser católico foram sinônimos até boa parte do século XX. A palavra religião foi por muito tempo articulada no singular, mas hoje é conjugada no plural, segundo o antropólogo Pierre Sanchis (Bobsin, 2012, p. 02). Sem rigor, é possível afirmar que, segundo o

demógrafo José Eustáquio Diniz, há várias faces da transição e que estas “transições sociais e culturais abrem espaço para transformações no mundo religioso” (Diniz *et al.*, 2014, p. 1056).

Oneide Bobsin (2012, p. 02) afirma que Diniz observa que “O Brasil é o maior país católico do mundo e tem a segunda maior população católica do mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos. Mesmo assim, o estudioso percebe que as filiações católicas caem no Brasil de 89% em 1980 para 64.6% em 2010”. Na mesma esteira, prevê que a continuar esta tendência, deve se chegar a menos de 50% da população em 2030. No contexto brasileiro, Diniz afirma que o Rio de Janeiro é o estado com a menor proporção de católicos do país (45,8%), segundo o Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Para exemplificar, na década de 1990, no Grande Rio uma igreja nova era aberta por dia. Segundo Janaína Simões (2023) no *site* do Centro de Estudos da Metrópole “[...] igrejas evangélicas abriram 17 novos templos por dia em 2019”.

Quanto ao processo de difusão das igrejas evangélicas, Diniz destaca que “a maioria das igrejas neopentecostais foram criadas por divergências a partir de uma igreja matriz” (Bobsin, 2012, p. 2). O escritor destaca que esta descentralização e pulverização permite a adaptação aos diversos meios nos quais estas igrejas se implantam, e também que os pentecostais conseguem mais facilmente se adaptar as transformações demográficas que ocorrem na sociedade brasileira.

Já Edênio Valle, teólogo e psicólogo da religião destaca que o campo religioso no Brasil se apresenta como “uma esponja que tudo absorve e recondiciona à sua maneira”. (Bobsin, 2012, p. 3). Enquanto o demógrafo José Eustáquio (2012, p. 1066) trabalha com a ideia de mercado religioso e que ocorre a apresentação do que denominou de produtos religiosos, sobre isto, por sinal, afirma que “Como a sociedade contemporânea é plural e marcada por fortes desigualdades sociais os discursos e práticas religiosas se voltam para tornar o produto religioso ofertado mais eficiente na satisfação das necessidades religiosas”

Esta noção, de que existe um mercado religioso, aponta para uma oferta sempre crescente de alternativas religiosas e sua postura concorrencial (Bobsin, 2012, p. 13). Há uma agregação de métodos de *marketing* que, segundo Ricardo Mariano, encaminham para uma escolha racional.

Mariano afirma que “A economia religiosa brasileira contemporânea é pluralista, competitiva e funciona como um mercado livre [...]” (Bobsin apud Mariano, 2012, p. 14). Mariano segue nesta esteira e aprofunda o tema ao afirmar que

[...] do lado da oferta, diversas igrejas pentecostais apresentam ampla disposição para enfrentar a concorrência, competir por mercado, fazer proselitismo, criar novas demandas, exigir compromisso exclusivo dos adeptos, adotar técnicas publicitárias, estratégias de marketing e métodos de gestão e organização típicos da racionalidade econômica. Do lado da demanda, por sua vez, verifica-se a presença, em larga escala,

de uma racionalidade instrumental fomentada pela oferta de serviços mágicos e por promessas de benefícios materiais e espirituais baseadas em relações de reciprocidade e de troca. (Bobsin apud Mariano, 2012, p. 14)

Na mesma linha, Ary Pedro Oro afirma que “[...] as igrejas neopentecostais adotam um modelo empresarial na gestão da organização eclesiástica, na sua organização interna e nos mecanismos de arrecadação de recursos [...]”. Diniz, por sua vez, afirma que “[...] o neopentecostalismo se caracteriza pela “comercialização” de bens simbólicos e do sagrado.”. Percebe-se que há um vazio não preenchido pelas religiões tradicionais e uma demanda por novas formas de religiosidade que permitem este crescimento. Da mesma forma que se verifica que há uma circulação de pessoas por diversas instituições religiosas.”. (Bobsin, 2012, p. 11).

Então, podemos dizer que há um movimento estrutural na sociedade brasileira, no qual uma sociedade predominantemente católica perde espaço para um considerável avanço de adesão ao pentecostalismo. O que nos coloca frente a uma situação de pluralismo religioso, embora ainda em formação, mas já com vieses e contornos precisamente definidos.

Nota-se que esta mesma dinâmica ocorre em São Leopoldo. O propósito desta pesquisa é entendê-la e verificar se ela produz uma energia política. Neste contexto, é importante que se olhe para o processo de “mobilidade e trânsito religiosos”. As duas noções apontam para uma circulação de pessoas entre denominações, mas também na metamorfose de práticas e crenças que foram se verificando no tempo e no espaço, principalmente do século XX, com a chegada do pentecostalismo ao Brasil e de uma religiosidade que Paul Freston descreveu em três ondas – conforme abordamos anteriormente. Destaque-se que

O aspecto comum a essas três ondas é que as camadas sociais com o menor nível de instrução (formal) e de renda passam a integrar as igrejas pentecostais ou se dizem membros delas. Por causa da facilidade de ingressar nelas, suas redes sociais fortemente estruturadas e seus cultos focados na experiência, que transmitem a seus membros a mensagem de que são portadores do Espírito Santo e, por conseguinte, repletos do poder de Deus, elas parecem ser particularmente atraentes para essas camadas da população. (Bobsin apud Freston, 2012, p. 7)

Nesse processo de seleção cuidadosa e comparação de atributos, no qual se apresenta uma “religiosidade mínima”, conceito muito usado por André Doggers – que afirma ser “uma religiosidade que se manifesta publicamente em contextos seculares, veiculada pelos meios de comunicação de massa, mas também pela linguagem cotidiana.”. Esta expressão produz uma porosidade, um pluralismo interno e uma indecisão de identidades. Já Sanchis (Bobsin, 2012, p. 12) chama este processo de “sincretismo pré-moderno e tradicional”.

Há que se olhar para o processo de conversão que produz esta onda de transição religiosa. Clara Mafra (Bobsin, 2012, p. 14) aponta para uma “conversão minimalista”, no qual o converso tem maior autonomia na formação de sua identidade religiosa. A antropóloga verifica

uma adequação pessoal por parte do convertido até que “sinta-se bem”. (Bobsin, 2012, p. 15). Identifica-se também uma menor disciplinarização da mensagem religiosa, o que permite ao converso se apropriar de diversas formas de um mesmo referencial teórico, “articulando de um modo não previsível diferentes níveis de continuidade e descontinuidade” (Bobsin, 2012, p.15). Por sinal, esta continuidade agrega elementos da devoção anterior, principalmente quando se fala da “aceitação de Jesus Cristo” e da “experiência de transe”. Embora o transe seja abordado em algumas igrejas, tipo a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), o foco aqui é na questão da aceitação de Jesus.

Sobre a conversão, Bobsin (2012, p. 15) ancora sua escrita em Campos, que fala que ela ocorreu massivamente em momentos de mudança cultural, econômica e social. Campos chama a conversão Neopentecostal de “exclusão inclusiva”, pois o ascetismo intramundano, típico do protestantismo histórico se dilui, em grande parte, no neopentecostalismo. Aprofundando, afirma que “apesar de o convertido continuar se distinguindo do mundo e reconstruir suas redes sociais como consumidor ele pode perfeitamente se inserir no mundo”. Pode-se dizer que não há uma ruptura radical com o antigo.

Berenice Martin apud Bobsin (2012, p. 15) afirma que

A pessoa convertida “torna-se um indivíduo num sentido novo e libertador, chamado e reivindicado por Deus, sem se converter porque ele ou [...] ela já é um consumidor ‘individualizado’ nos moldes modernos”; [...] a conversão é experimentada simultaneamente como uma opção pessoal e como dom imerecido da graça”, à qual normalmente se segue uma adoção voluntária de regras que estão em vigor.

Desta forma a conversão é o aprofundamento de uma postura de fé e um “compromisso mais forte de viver as consequências de fé no cotidiano.” (Bobsin, 2012, p. 15).

A conversão aos milhares que está promovendo a citada Transição Religiosa, é vista por Richard Shaell (2012, p. 13) como “um ponto de encontro dos mais pobres nas igrejas pentecostais, pois é onde este estrato social encontra a sua linguagem”, mas também encontram as suas buscas. Já John Burdick (2012, p. 13) salienta que “os cultos nepentecostais são cultos de aflição que transmitem consolo, força e libertação de fardo dos fiéis”.

Shaull vê um caminho com muitas pontes que se ligaram entre a religiosidade das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica e as igrejas neopentecostais, pois identificou um baixo nível de exigência de ingresso em igrejas que atuam em Favelas e Prisões, uma vez que “As pessoas se entendem sem problemas quando portadoras do Espírito Santo [...]” (Bobsin, 2012, p. 16).

Nas igrejas pentecostais, elas ganham, além disso, possibilidades de formação, podem assumir o papel de obreiras ou colaboradoras e dispõem de uma grande rede de irmãos e irmãs em que também a assistência material concreta é possível. A conversão tem,

neste sentido, consequências práticas imediatas, sem que seu sentido já se esgote neste aspecto”.

Um estudo de 2004 destacou que “a mobilidade religiosa é “um fenômeno social com dinâmica própria, estimulado pelas subjetividades individuais, pelas mudanças aceleradas das sociedades modernas e pelo apelo sócio-histórico que questionou o lugar social das religiões oficiais, mas não aboliu o fascínio pelo religioso” (Bobsin, 2012, p. 8). Já um estudo médico de 1998 identificou também que “Os católicos estão perdendo membros em todas as direções, ao passo que as igrejas pentecostais, além dos chamados “sem religião”, estão entre os grandes ganhadores, embora eles também registrem perdas, representando, por sua vez, grupos diversificados ou até difusos (sem religião) com elevada mobilidade interna.” (Bobsin, 2012, p. 8).

A abordagem dessa questão demonstra de que forma ocorre esta transição religiosa e qual o efeito da mesma na religiosidade das pessoas, visto que há redesenho da fé. Quando se fala do ambiente evangélico, embora esse produza certas condições de estabilidade social, traz consigo as noções de mercado e de consumo, que são sutilmente (às vezes nem tanto) incutidas neste agir religioso.

Desta forma, podemos resumir que a transição religiosa está mudando o perfil religioso da sociedade brasileira, produzindo um ambiente de pluralidade religiosa e traz desafios que precisam ser devidamente estudados, visto as previsões de mudanças no cristianismo que são apontadas e de os evangélicos/pentecostais terem uma atitude política mais organizada e direta e terem um viés conservador majoritário que, por beira o reacionarismo em alguns casos.

2. O Protestantismo no Brasil

“Jesus quer vidas transformadas e, por meio delas, um mundo transformado” (A Política segundo a Bíblia, Grudem, 2014, p. 63)

Os caminhos percorridos no capítulo anterior, mesmo que brevemente, levam a uma reflexão sobre a chegada do protestantismo no Brasil.

Quando se fala em protestantismo no Brasil, a cidade de São Leopoldo tem um destaque importante, principalmente a partir do século XIX. Em 1824, um grupo de casais luteranos, vindos de regiões da Alemanha, em sua maioria, aportaram as margens do Rio do Sinos e, sob orientação do Império brasileiro, fundaram a Colônia Alemã em uma área que hoje envolve em torno de vinte municípios.

No entanto, a chegada do protestantismo ao Brasil antecede este fato em pelo menos dois séculos. Por sinal, o Brasil, na sua origem, é essencialmente um empreendimento de dois parceiros. Mattos (2011, p. 2) sintetiza esta criação assim: “[...] a descoberta do Brasil foi um empreendimento conjunto do Estado português e da Igreja Católica, na qual a coroa desempenhou um papel preponderante.”

O primeiro governador geral foi Tomé de Souza, designado pela coroa portuguesa, junto com ele vieram os jesuítas. Este fato moldou uma religiosidade no Brasil Colônia assim resumidas:

Em primeiro lugar, havia a religiosidade dos colonos, escravos e senhores de engenho, centralizada na ‘casa grande’ e caracterizada pela informalidade, pequena ênfase em dogmas, devoção aos santos e Maria e permissividade moral. Ao mesmo tempo, nos centros urbanos havia o catolicismo das ordens religiosas, mais disciplinado e alinhado como Roma. Havia ainda as irmandades, que por vezes tinham bastante independência em relação à hierarquia. (Mattos. 2011, p. 3)

À guisa de uma conclusão sobre o tema, o mesmo autor sentencia que

[...] no período colonial o estado exerceu um rígido controle sobre a área eclesiástica. Com isso a igreja teve dificuldade em realizar adequadamente o seu trabalho evangelístico e pastoral. O catolicismo popular era culturalmente forte, mas débil no plano espiritual e ético. Apesar das suas debilidades, a igreja foi um importante fator na construção da unidade e da identidade nacional. (Mattos. 2011, p. 3)

O primeiro contato que o Brasil teve com os protestantes foi através das invasões francesas e holandesas nos séculos XVI e XVII. Nicolas Durand de Villegaignon, simpático à

Reforma Protestante, aportou seus navios na Baía de Guanabara entre 1555 e 1567. Já o Almirante Gaspard de Colligny, “um simpatizante e futuro correligionário dos protestantes franceses (huguenotes)” (Mattos. 2011 p. 3), foi quem trouxe os primeiros pastores protestantes, chamados pelos nomes de Pierre Richier e Guillaume Chartier, às terras brasileiras. Neste mesmo grupo estava Jean de Lerry, posteriormente pastor, que escreveu ‘História de uma viagem à terra do Brasil’, publicado em Paris em 1578. Matos destaca que “no dia 10 de março de 1557 esse grupo realizou o primeiro culto protestante da história do Brasil e das Américas”. (2011. p. 4).

Na Holanda, uma nação calvinista, surgida no final do século XVI, foi constituída à Companhia das Índias Ocidentais. Em 1630, João Maurício da Nassau Siegen, governador-geral do Nordeste brasileiro por sete anos (1637-1644), “concedeu uma boa medida de liberdade religiosa aos habitantes católicos e judeus no Brasil holandês”. “Os ocupantes criaram sua própria igreja e durante os 24 anos de ocupação organizaram 22 igrejas e congregações, dois presbitérios e um sínodo”. “As igrejas foram servidas por mais de 50 pastores (“predicantes”), além de pregadores auxiliares (“proponentes”) e outros oficiais. Havia também muitos ‘consoladores dos enfermos’ e professores de escolas paroquiais”. (Mattos. 2011, p. 3).

Mesmo que tenha concedido algum direito aos escravos, os holandeses mantiveram o mesmo sistema de escravidão negra que os portugueses aplicavam no Brasil. Após a expulsão dos holandeses em 1654, o Brasil manteve a vedação da entrada de protestantes, situação rompida somente em 1808, quando da chegada da família real portuguesa, que permitiu a entrada legal de anglicanos ingleses.

No decreto de abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em fevereiro de 1810, no artigo 12 concedia aos estrangeiros “perfeita liberdade de consciência para praticarem sua fé”. Embora fosse uma liberdade limitada, pois proibia fazer prosélitos (seguidores) e falar contra a religião oficial e, também, não permitiam que capelas protestantes tivessem “forma exterior de templo, nem utilizar sinos.” (Mattos. 2011. p. 8).

Destaque-se que durante o século XVIII as ideias iluministas, a maçonaria e o liberalismo político, bem como os ideais democráticos norte-americanos e franceses que vicejavam na Europa, começaram a campear nos ambientes da elite brasileira, principalmente entre intelectuais, políticos e sacerdotes. A consequência desta circulação de ideias foi “o enfraquecimento da Igreja Católica e uma crescente abertura ao protestantismo.” (Mattos. 2011. p. 6).

No período imperial (1822-1889) havia a necessidade de atrair imigrantes europeus, dentre os quais protestantes. Desta forma, “A Constituição Imperial, promulgada em 1824,

concedeu-lhes certa liberdade de culto, ao mesmo tempo em que confirmou o catolicismo como religião oficial. Até a Proclamação da República, os protestantes enfrentariam sérias restrições no que diz respeito ao casamento civil, uso de cemitérios e educação”. (Mattos. 2011. p. 6).

Em verdade, D. Pedro II (1841-1890) tratou a Igreja Católica como um departamento do governo imperial. Este fato observado com atenção pelo Vaticano fez com o Papa Pio IX (1846-1878) buscasse exercer maior controle sobre a igreja brasileira. Encíclicas papais foram emitidas, mesmo sem a anuência do imperador. Estas idas e vindas levaram a conhecida Questão Religiosa (1872-1875) – um conflito entre o governo imperial e dois bispos do norte brasileiro. Este fato tem implicações no enfraquecimento do império que cairá na década seguinte a este episódio.

Neste contexto de contendas entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica, outros grupos, como os positivistas e os espiritistas, se firmam no território e os protestantes conseguem ampliar o seu espaço vital. Mattos afirma que de 1810 a 1890 os protestantes lutaram para obter “completa legalidade e liberdade no Brasil”. Foram “80 anos de avanço lento, porém contínuo em direção à plena tolerância” (2011, p. 7).

Os protestantes só obtiveram proteção legal com a República. Mattos (2011, p.7) assim descreve este recorte histórico: “[...] finalmente, em 1890, um decreto do governo republicano consagrou a separação entre a Igreja e o Estado, assegurando aos protestantes pleno reconhecimento e proteção legal. A nova expressão religiosa se implantou no Brasil em duas fases: protestantismo de imigração e protestantismo missionário.”

O historiador Boanerges Ribeiro apud Mattos (2011. p. 8) observava que “ao iniciar o século XIX não havia no Brasil vestígio de protestantismo”, mesmo assim há um crescente na implantação em solo brasileiro do chamado protestantismo de imigração. Em 1816, chega o primeiro capelão anglicano, Robert C. Crane, e a primeira capela anglicana é inaugurada em 26 de maio de 1822, seguida de outras em cidades litorâneas. “Outros estrangeiros protestantes que chegaram aos primeiros tempos foram americanos, suecos, dinamarqueses, escoceses, franceses e especialmente alemães e suíços de tradição luterana e reformada” (Mattos, 2011, p. 8), mas mesmo assim Ribeiro apud Mattos (2011. p. 8) afirma que “quando se proclamou a independência, contudo, ainda não havia igreja protestante no país. Não havia culto protestante em língua portuguesa. E não há notícia de existir, então, sequer um brasileiro protestante.”

Na Constituição Imperial de 1824 se verifica no artigo 5º que “[...] a religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.” (Matos, 2011, p. 8).

Nesta mesma esteira, um contingente de católicos suíços inicia a colônia de Nova Friburgo. Esta área é abandonada e oferecida alemães luteranos, que chegam em maio de 1824. “Eram 324 imigrantes, acompanhados do seu pastor Friedrich Oswald Sauerborn (1784-1864)” (Matos, 2011, p. 8).

Entre 1824 e 1830, 4.800 imigrantes alemães foram trazidos para o sul do Brasil, primeiro para São Leopoldo, sendo que “60% dos quais eram protestantes” (Mattos, 2011, p. 9). Seus primeiros pastores foram Johann Georg Ehlers, Karl Leopold Voges e Friedrich Christian Klingelhoffer, sendo que alguns destes hoje dão nomes às ruas de São Leopoldo ou de cidades originárias desta.

Em junho de 1827 foi criada, por iniciativa do cônsul da Prússia, Wilhem von Theremin, no Rio de Janeiro, a Comunidade Protestante Alemã-Francesa, congregando luteranos e calvinistas. Em 1837 foi inaugurado o primeiro santuário. A figura do “pregador colono” supriu a falta de pastores, situação que começou a ser refeita a partir de 1850, quando o governo da Prússia e da Suíça passaram a enviar pastores ordenados para as colônias teuto no sul do Brasil.

Em 1886, o Reverendo Wilhem Rotermund – cuja parte de seus descendentes ainda vive em São Leopoldo – criou o Sínodo Rio-grandense, modelo para outras organizações similares. Mesmo num crescente “até o final da Segunda Guerra Mundial as igrejas luteranas permaneceram culturalmente isoladas da sociedade brasileira”. Por fim, “em 1930, de uma comunidade de 700 mil pessoas no país, as igrejas imigrantes tinham aproximadamente 300 mil filiados. A maior parte estava ligada à Igreja Evangélica Alemã do Brasil (215 mil) e vivia no Rio Grande do Sul”. (Matos, 2011, p. 9).

O protestantismo missionário se manifestou a partir de 1835. As sociedades bíblicas britânica e estrangeira em 1804, americana em 1816. O Reverendo João Ferreira de Almeida (1628-1691) fez uma tradução protestante da Bíblia para o português, com isso é importante destacar que “Neste período foi muito importante o trabalho dos colportores, isto é, vendedores de Bíblias e literatura religiosa.” (Matos, 2011, p. 10).

A primeira igreja a iniciar ações missionárias no Brasil foi a Metodista Episcopal (1835-1841), seus obreiros fundaram a primeira escola dominical do Brasil. Dentre as figuras pioneiras se destacaram Daniel P. Kidder [...]: “ele viajou todo o país, vendeu Bíblias e manteve contatos com intelectuais e políticos destacados, como o padre Diogo Antônio Feijó, regente do império (1835-1837). Kidder escreveu o livro *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*, publicado em 1845, um clássico que despertou grande interesse pelo Brasil” (Mattos, 2011, p. 11). Uma versão atualizada da obra de Kidder foi escrita por James Cooley Fletcher, em 1857, por sugestão de Fletcher, que também era pastor presbiteriano, o escocês Robert Reid

Kalley, médico, que anteriormente havia sido missionário na Ilha da Madeira, veio aportar em Petrópolis, no Rio de Janeiro, com sua esposa Sarah Poulton Kalley, chegando em 1855. Três anos depois, o escocês fundou a Igreja Evangélica Fluminense, “cujo primeiro membro brasileiro foi Pedro Nolasco de Andrade” (Mattos, 2011). Esta igreja teve seus estatutos aprovados pelo governo imperial em 22 de novembro de 1880.

A Igreja Metodista Episcopal (do sul dos Estados Unidos) enviou Junius Newman para atender os imigrantes, em 1876 no Rio de Janeiro e também no Rio Grande do Sul. Os presbiterianos se organizaram primeiro no Rio de Janeiro em 1862, em São Paulo em 1865, e fundaram, em São Paulo, a Escola Americana (atual Universidade Mackenzie), em 1870. Da mesma forma, também organizaram o jornal Imprensa Evangélica (1864-1892) e o Seminário Rio de Janeiro (1867-1870). Matos (2011, p. 11) informa que por parte dos presbiterianos “[...] o primeiro pastor evangélico brasileiro foi o ex-sacerdote José Manoel da Conceição, ordenado em 17 de dezembro de 1865.”

Com relação aos Batistas, estes chegaram à Santa Bárbara, no oeste paulista, em 1871, e fundaram duas igrejas e tornaram o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, o primeiro pastor Batista brasileiro. Este grupo fundou a primeira igreja em Salvador, na Bahia em 1882 e, em 1907, fundou a Convenção Batista Brasileira.

A última das denominações históricas a se instalar no Brasil, neste período, foi a Igreja Protestante Episcopal. Richard Holden (1828-1864) pregou no Pará e na Bahia (1861-1864) e a partir de 1890, se organizou um trabalho permanente com James Watson Morris e Lucien Lee Kinsolving. Baseados em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, “[...] um estado até então pouco ocupado por outras missões [...]” (Mattos, 2011, p. 12).

No período republicano foi editado o Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890 “que consagrou a liberdade de culto” (Mattos, 2011, p. 12), além desta situação, também a plena liberdade de culto, o casamento civil obrigatório e a secularização dos cemitérios e a secularização da educação foram confirmadas pela primeira Constituição Republicana de 1891. Com isso, legalmente falando, a igreja católica foi colocada em pé de igualdade com todos os outros grupos religiosos.

De parte da Igreja Católica houve uma grande mobilização nos primeiros anos da recém-nascida República. D. Sebastião Leme da Silveira Cintra (1882-1942) e padre Júlio Maria foram os líderes nacionais da mobilização dos católicos. Em 1930, Getúlio Vargas cede e decreta o retorno do ensino religioso nas escolas. A Constituição de 1930 “inclui todas as exigências católicas, sem oficializar o catolicismo” (Mattos, 2011, p. 13). Neste caldo mobilizatório, atuava a Liga Eleitoral Católica e muitas ordens que chegaram ao Brasil, como capuchinhos,

benedictinos, carmelitas, franciscanos atuaram para reforçar esta reação católica. Mattos destaca que “[...] a igreja também manteve sua firme oposição contra a modernidade, o protestantismo, a maçonaria e outros movimentos.” (Mattos, 2011, p. 13).

Frente à reação católica, os protestantes tiveram diferentes posições. A Aliança Evangélica, criada na Inglaterra em 1846 e nos EUA em 1867, se organizou no Brasil em 1903. O primeiro presidente foi o metodista Hugh C. Tucker e o secretário F. P. Soren, batista. Havia grupos que defendiam a aproximação com os católicos e outros defendiam o rebatismo “[...] de católicos convertidos à fé evangélica.” (Mattoos, 2011, p. 14). Destaque-se que “[...] esse período também viu o recrudescimento de perseguições contra os protestantes em muitos lugares do Brasil”.

Nos anos 1920, o Reverendo Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932) que liderava a Comissão Brasileira de Cooperação “[...] procurou unir as igrejas evangélicas na luta pela preservação dos seus direitos e no exercício de um testemunho profético junto à sociedade brasileira.” (Mattos, 2011, p. 14). Esta movimentação continuou nos anos 1960 com a Confederação Evangélica do Brasil.

As influências que agiram sob o pensar evangélico no Brasil tem muita responsabilidade sob estes fatos anteriormente narrados. Nesse sentido, observa-se uma intensa influência de algumas correntes teológicas norte-americanas sobre o protestantismo brasileiro, cite-se o evangelho social, o movimento ecumênico e o fundamentalismo.

A partir de 1934, a Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil se uniu ao Conselho Nacional de Educação Religiosa e a, já existente, Comissão Brasileira de Cooperação (1917) para formar a Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Esta, nos anos 1950, criou a Comissão da Igreja e Sociedade. Em 1962, no Recife, a Conferência do Nordeste discutiu o tema “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”. De sua parte a Conferência Missionária Mundial (1910), criada em Edimburgo, na Escócia que está na origem do Conselho Missionário Internacional (1921) foi responsável pelo movimento ecumênico.

O Conselho Mundial de Igrejas (Utrecht, 1938; Amsterdã, 1948) teve como filiados no Brasil os metodistas (1942), luteranos (1950), a episcopal (1965) e a Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo (1968).

O espírito denominacional suplantou o ecumenismo (Duncan Reily) observa: ‘o ecumenismo no Brasil foi muito mais um projeto dos missionários e das sociedades missionárias do que dos brasileiros’ (História Documental, 233). Além de que algumas igrejas históricas, também se opuseram ao ecumenismo os grupos pentecostais, as ‘missões de fé’ e ‘missões internacionais’, e o movimento fundamentalista de Carl McIntire. (Matos, 2011, p. 15)

Deste processo de chegada e implantação em território nacional temos o seguinte mapa de igrejas do final de 1889 até 1964, que nos permitem entender um pouco do contexto atual:

1. Sobre as Igrejas Congregacionais pode-se dizer que 13 delas foram organizadas até 1913, todas autônomas. Sendo que oito delas são originárias da Igreja Fluminense e três da Igreja Pernambucana. No ano supra referido, elas realizaram a 1ª Convenção Geral, no Rio de Janeiro. Até 1942, esta denominação mudou de nome dez vezes;
2. A organização *Help for Brazil* foi criada pelos ingleses para atuar na América do Sul, em 1892 com expressões também na Argentina (South American Evangelical Mission) e Peru (Regions Beyond Missionary Union). Posterior à Conferência de Edimburgo (1910), criaram a União Evangélica Sul Americana – UESA, em 1911. Deste trabalho despontou no Brasil a Igreja Cristã Evangélica;
3. A Igreja Presbiteriana do Brasil conquistou autonomia em 1888, com a criação do Sínodo Presbiteriano. Teve uma crise no período 1892-1903 que a fragmentou, gerando a Igreja Presbiteriana Independente. Durante o século XX foi criada a Assembleia Geral (1910) “e o estabelecimento de um plano de cooperação entre a igreja e as missões americanas, conhecido como Modus Operandi ou ‘Brazil Plan’ (1917)”. Após a Constituição de 1937, a Assembleia se tornou Supremo Concílio. Em 1955, virou Conselho Interpresbiteriano. Este geria “as relações da igreja com as missões americanas e com as juntas missionárias nos Estados Unidos”. (Matos, 2011, p. 16). O debate entre conservadores e modernistas foi muito intenso no seio desta igreja. Há registro do surgimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista, no Recife, que acusou outros membros de “modernismo”. Houve também a Igreja Presbiteriana Conservadora, fundada por membros da Liga Conservadora em 1940. Sobre a Igreja Presbiteriana Independente destaque-se que este debate entre conservadores e modernistas fez com que ela atuasse também para fora. Tinham Jornal, seminários e compuseram a Liga Conservadora em 1938, fato que levou a elite liberal a retirar-se dela em 1942, fundando a Igreja Cristã de São Paulo;
4. A Igreja Metodista surgiu no Rio de Janeiro, em 1886 pelas mãos do Bispo John C. Granbery, destacado para o Brasil pela Igreja Metodista Episcopal do Sul. Dez anos depois seu trabalho é transferido para o Rio Grande do Sul. Esta igreja sofria pesadas

intervenções por parte de seus superiores, como a Junta de Nashville. A reação foi organizada por Guaracy Silveira. Em 1930, os metodistas brasileiros conquistaram autonomia e se tornou Igreja Metodista do Brasil. Sobre Guaracy Silveira é preciso salientar que foi o primeiro deputado federal evangélico da história do Brasil. Na Constituinte de 1934, foi eleito pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Na Constituinte de 1946, elegeu pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em ambos os casos foi eleito pelo estado de São Paulo. “Jornalista e lutador pela herança dos meus antepassados, era natural que pusesse meus dons naturais ao serviço do evangelho” (In: Oliveira, Cilas, 2007, p. 1).

5. A Igreja Batista ou “Convenção Batista Brasileira surgiu em 24 de junho de 1907 na Primeira Igreja Batista da Bahia, em Salvador, quando 43 delegados, representando 39 igrejas, aprovaram a “Constituição Provisória das Igrejas Batistas do Brasil” (Matos, 2011, p. 18)”. Buscando independência da Junta de Richmon, líderes batistas do nordeste apresentaram um documento aos missionários em 1922, bem como um manifesto à Convenção em 1925. Reivindicavam “maior participação nas decisões, principalmente na área financeira” (Matos, 2011, p. 18). Não foram atendidos, portanto, organizaram um grupo apartado da Junta e da Convenção. Estas discussões voltaram à tona de 1936 a 1957, quando conquistaram a reivindicada autonomia;
6. A Igreja Luterana tem origem em 1886, quando foi criado o Sínodo Rio-grandense, ligado à Igreja Territorial da Prússia e filiado à Federação Alemã das Igrejas Evangélicas. A partir de 1905, surgiram outros sínodos: Sínodo da Caixa de Deus ou “Igreja Luterana”, “com forte ênfase confessional e o Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná – esta criada em 1911 e Sínodo Brasil Central, 1912. “Em 1939 o Estado Novo exigiu que toda a pregação pública fosse feita em português.” (Matos, 2011, p. 19). Por fim, “Em 1949 os quatro sínodos se organizaram em Federação Sinodal, a Igreja Luterana propriamente dita. No ano seguinte a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A Igreja Luterana filiou-se à Confederação Evangélica do Brasil em 1959”. (Op. cit. p. 19);
7. Já a Igreja Episcopal, a partir de 1898 foi organizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Neste ano houve uma Convenção Especial que elegeu Lucien Lee Kinsolving, sagrado ao bispado em Nova York em 1899, para ser o primeiro bispo residente da

igreja brasileira. Este foi o único bispo episcopal até 1925. Athalício Theodoro Pithan, foi o primeiro bispo brasileiro sagrado em 1940. A partir de 1965 a Igreja Episcopal obteve “plena emancipação administrativa”, passando a compor uma “província autônoma da Comunhão Anglicana” (Op. Cit. p. 19). Nos anos 1960 dois fatos dominam o contexto: O Concílio Vaticano II (1962-1965) que “marca a abertura aos protestantes (‘irmãos separados’) e revelou novas concepções sobre o culto, a missão da igreja e a relação com a sociedade” e o Regime Militar (1964-1985) (Op. Cit. p. 19).

Em resumo, foi desta forma que os protestantes, luteranos, evangélicos foram se constituindo e firmando em território brasileiro. Desta maneira podemos afirmar que três ondas permearam esse processo no decorrer do século XX.

Entre as décadas de 1910-1940 ocorreu a chegada simultânea da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus, que dominaram o campo pentecostal por 40 anos.

Já nas décadas de 1950-1960, ocorreu a fragmentação do pentecostalismo com o surgimento de novos grupos – Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor e muitos outros (contexto paulista), também chamado de Deuteropentecostalismo. Este período revela um momento no qual surge a Cruzada Nacional pela Evangelização, movimento no qual o uso de tendas para pregação tornou-se método. Originado do interior de São Paulo logo se difundiu pelo Brasil e foi responsável por acelerar o crescimento do pentecostalismo.

Da mesma forma, destaca-se o uso do rádio, que direcionou a evangelização às massas e, principalmente, pela Igreja do Evangelho Quadrangular (surgida em 1951) que pregava a cura divina. Nesse sentido, Ricardo Mariano salienta que:

os métodos inovadores e eficientes desempenhados pelos membros da Igreja do Evangelho Quadrangular em pouco tempo atraíram, além de fiéis, pastores de outras confissões evangélicas, milhares de indivíduos dos estratos mais pobres da população, muitos dos quais migrantes nordestinos. Causaram escândalo e reações adversas por toda a parte. Mas, ao chamarem a atenção da imprensa, que os ridicularizava e os acusava de charlatanismo e curandeirismo, conseguiram pela primeira vez dar visibilidade a este movimento religioso no país. Com o êxito de sua missão, provocaram a fragmentação denominacional do pentecostalismo brasileiro, que, até então, praticamente contava só com Assembleia de Deus e Congregação Cristã. (Mariano, 2012, p. 30)

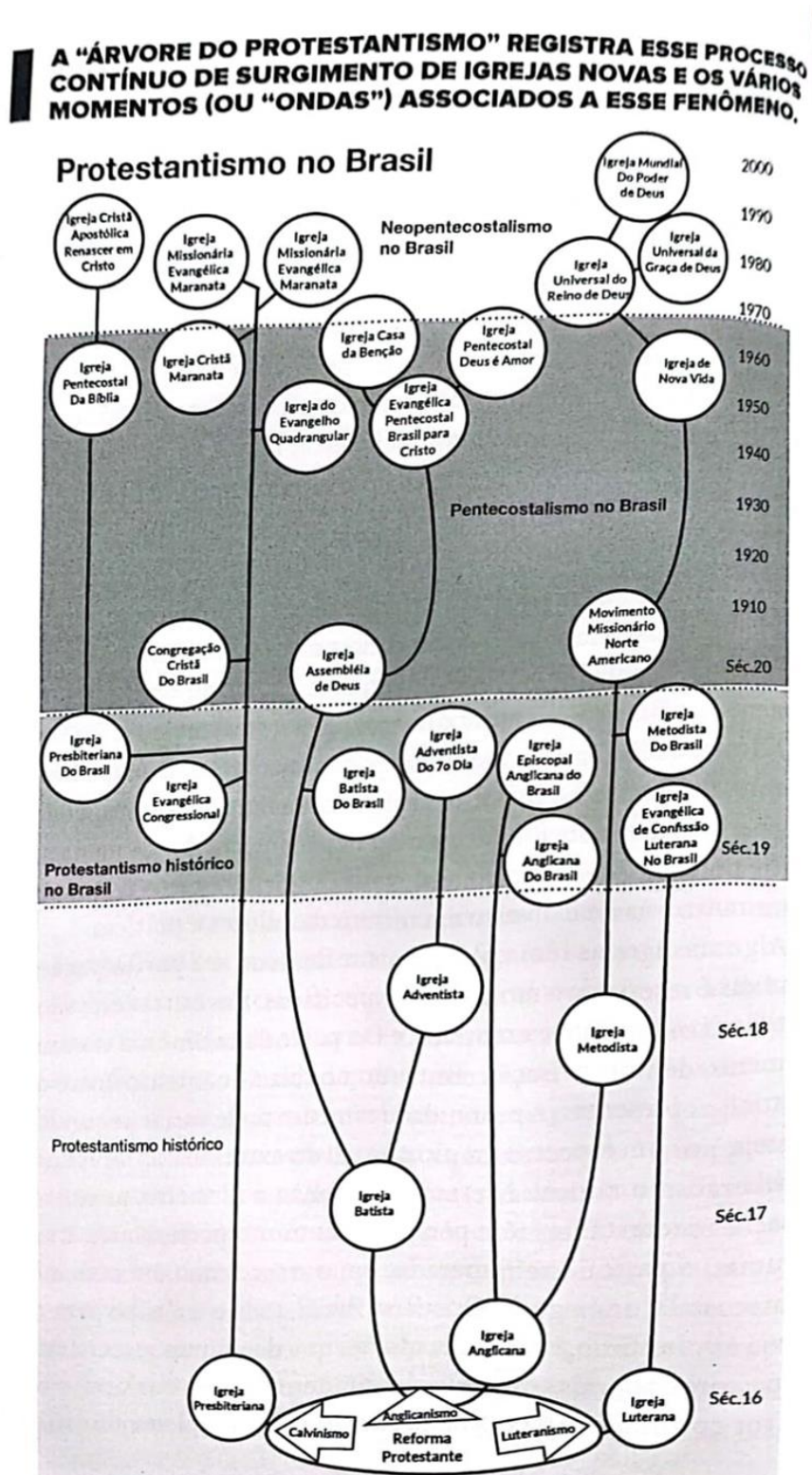
O período entre os anos de 1970 e 1980 compreende o advento do neopentecostalismo – Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e outras (contexto carioca) (Matos, 2011, p. 22). Deste momento em diante ocorre o que comumente se denomina de explosão evangélica, visto que o crescimento de aderentes a essa fé entra em uma ascendente, assim resumida:

Os dados apresentados nos últimos censos populacionais demonstraram o crescimento do número de fiéis evangélicos no Brasil, um país de maioria católica. O que identifica essas igrejas é a forma como se apresentam diante da sociedade, a atitude de suas lideranças, sobretudo dos pastores, pela adoção de um conjunto de valores, hábitos e crenças baseado na “evangelização”, como se fossem os mensageiros oficiais e propagadores do que está escrito na Bíblia, difundindo a mensagem cristã, considerada por eles como a única palavra. Para muitas denominações evangélicas, ao longo do tempo, essa forma de transmitir a mensagem contida na Bíblia foi se convertendo, adquirindo novos aspectos, conforme alegam as lideranças evangélicas, buscando entender as novas necessidades, tentando acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade. Essas mudanças, em virtude do crescimento da população evangélica e do declínio do número de católicos, causaram novos efeitos na politização deste segmento e também no deslocamento de questões de natureza política para outros âmbitos do social. (Rafael Bruno Gonçalves, Graciele Macedo Pedra, 2017, in *Diversidade Religiosa*, p. 70)

Para Clara Mafra (2001) o segmento evangélico ainda se identifica como “um povo missionário e cristão” (p. 11 in op. cit, p. 71). Embora cultivem diferenças por vezes marcantes entre si, há a forte crença, esta sim comum, de “segunda e súbita vinda de Cristo e de que possuem o acesso diário aos dons e carisma do Espírito Santo” (Novaes, 1998, op. cit. p. 72).

Spyer (2020) resume da seguinte forma toda esta trajetória histórica, conforme Figura 2.

Figura 2 - A árvore do protestantismo.



Pesquisa: Dados retirados originalmente do Dossiê Evangélicos no Brasil da Revista de História do Museu Nacional, edição de dezembro de 2012, pp. 22-23

A importância de abordarmos este período, com toda sua profusão de denominações religiosas protestantes, reside no fato de que até o século XIX as experiências vividas em terras brasileiras eram episódicas, visto o domínio que a Igreja Católica Apostólica Romana tinha da vida na Colônia. Durante o Império com a política de branqueamento da sociedade algumas congregações foram permitidas de existir para que os imigrantes que vinham de países influenciados pelo protestantismo pudessem aqui permanecer. Mas os limites de atuação eram nítidos, pois o sombreamento com o ambiente procurava ser evitado. Essa situação vai começar a se romper com a Constituição Republicana de 1891, mas pouco avança em termos de conquista das grandes massas até os anos 1980.

Da mesma forma, esta abordagem nos apresenta um componente estruturante da religiosidade brasileira, o chamado catolicismo popular, uma apropriação feita por parte do povo brasileiro do catolicismo que se implantou no Brasil e que se caracteriza por ser informal, com permissividade moral e pouca ênfase em dogmas, mesmo que o clero tentasse controlar a forma como esta fé se expressava. É esse catolicismo popular que vai ser futuramente apropriado pelos evangélicos pentecostais, principalmente.

2.1 A guinada gerada pela Teoria da Prosperidade

Dentre as inovações que foram inseridas no Brasil a partir dos anos 1980 está a chamada Teologia da Prosperidade, que basicamente se prega a partir desta construção teológica que o reino dos céus já estaria garantido para quem cumprir os mandamentos divinos e que a vida na terra também terá que ser próspera, só não será para aqueles que não tem fé em Jesus. É a falta de fé que provoca miséria e doença.

É possível afirmar, com razoável grau de certeza, que ao *linkar* a fé à sociedade de consumo, os pentecostais deram um salto e passaram a aplicar leis de mercado ao ambiente religioso. Afinal, você passaria a receber conforto espiritual e é orientado a buscar uma vida próspera. Até mesmo a relação com o dízimo – sua parte nesta busca pela prosperidade – se tornou diferenciada. Assim, Bucci (2001) definiu a Teologia da Prosperidade, afirmando que “Estamos diante da fabricação de uma nova face do divino, de um novo padrão de culto e de um novo tipo de religiosidade, combina imagem eletrônica, entretenimento e consumo. Com a televisão, a experiência mística pode se converter em entretenimento e em objeto de desejo. Trata-se de uma forma de obscenidade (Lemos, 2017, p. 84).

A Teologia da Prosperidade, em que parte expressiva do pentecostalismo sustenta sua ação evangelizadora, foi originalmente formulada por Kenneth Hagin nos Estados Unidos, na

década de 1940, e difundida por pregadores como Thomas Lee Osborn, Gordon Lindsay e Fred Price. Esta doutrina religiosa por sinal também ganhou as designações de Health and Wealth Gospel, Faith Movement, Faith Prosperity Doctrines e Positive Confession e envolve a crença sobre a cura e a prosperidade motivada pelo poder da fé. Em princípio, este movimento foi acolhido por grupos carismáticos evangélicos norte-americanos. Nos anos 1970, a produção literária destes pregadores foi absorvida por editoras evangélicas no Brasil, desta forma, Ricardo Mariano nos explica que:

[...] só não é próspero financeiramente, saudável e feliz nessa vida quem carece de fé, não cumpre o que diz a Bíblia a respeito das promessas divinas e está envolvido, direta ou indiretamente com o Diabo. A posse, a aquisição e exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem maiores problemas ou aflições são apresentados como provas da espiritualidade do fiel. (Mariano, 2012, p. 157)

Embora seja uma prática mais comum ou uma inovação religiosa muito difundida no ambiente da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), na qual o Pastor Paulo Velasco afirma que “O Reino dos Céus é hoje” (Mariano, 1999. p. 147), pode-se afirmar que esta doutrina permeia a prática religiosa de outras igrejas, dentre as quais a Assembleia de Deus. No entanto, o Pastor e Deputado Marco Feliciano afirma que “não sou adepto dessa desgraça, não! Sou assembleiano roxo!” (2013, s/p). Ele destaca que há diferenças entre a sua pregação e a da Teologia da Prosperidade, pois diz que “Teologia da Prosperidade, não pode ser comparada com a prosperidade que vem da Teologia. Existe na palavra centenas de afirmações sobre a benção que enriquece, que o Senhor é dono do ouro e da prata, que a prosperidade vem do fiel” (Alves, 2017, p. 13).

Ricardo Mariano, sociólogo, destaca que a Teologia da Prosperidade “reúne crença sobre cura, prosperidade e poder da fé”. Destaca que ela foi apresentada como um movimento doutrinário a partir dos anos 1970, “quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu por outras correntes cristãs”. (Mariano, 1999; 151; 158-159)

2.2 A importância do Pastor

Mesmo que haja certa centralização por parte da Assembleia de Deus, visto que se seus diversos ramos se organizam em uma Convenção Geral, no caso a CGADB – Convenção Geral da Assembleia de Deus do Brasil, há autonomia do pastor na constituição de sua rede de apoio cultivadas em pequenas comunidades. O Pastor, por sinal, é uma figura essencial, pois é o líder religioso. Alguns inclusive tentam sobrepor este papel, buscando também exercer papel político

também, seja no seu ambiente ou na sua ‘bolha’ de fiéis ou até mesmo buscando através de programas de televisão ou em redes sociais estabelecerem poder de influenciar camadas da sociedade.

Para galgar este posto não há um padrão comum a todas as igrejas evangélicas, visto que em algumas – estamos falando uma função não regulamentada por lei – há a exigência de curso superior em teologia, como os Batistas, Presbiterianos, que possuem universidades e noutras um curso bíblico de seis meses, no máximo, é o necessário. Em média exige-se que o pretendente tenha ensino médio completo.

O jornalista e publicitário Carlos Eduardo Betim (2023), que trabalha uma comunicação voltada para questões religiosas, informa que dentre as atividades que são afeitas ao trabalho pastoral estão

- Apresentar os ensinamentos da Bíblia e interpreta os trechos para os fiéis;
- Ajudar os membros da igreja a lidar com questões pessoais e existenciais;
- Desempenhar atividades administrativas no templo, como liderar reuniões;
- Realizar diversos tipos de cerimônias religiosas, como culto, batismo e casamento;
- Divulgar a mensagem cristã para a comunidade;
- Discipular membros da igreja, a fim de fazer crescer a fé cristã;
- Mobilizar a comunidade em prol de projetos sociais e missões;
- Reinar e desenvolver novos líderes para a igreja evangélica.

Além disto, destaca que o pastor tem que estar pronto para realizar um trabalho voluntário em sua comunidade, também deve se preparar para pastorear em outros países e participar de grupos de estudos bíblicos.

Betim (2023, s/d) apresenta um curso de liderança eclesiástica, ministrado pela Internet que leva assinatura da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com duração de 90 horas e com direito a certificação. O jornalista também apresenta uma tabela de salários que os pastores recebem por seu trabalho em diversas regiões do Brasil. Cita o *site* salario.com como fonte por este se basear em dados do CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, do Governo Federal, e informa que a média salarial de um pastor evangélico é de R\$ 2.860,13, mas afirma que “No entanto, os valores variam entre aproximadamente R\$ 1,3 mil a R\$ 8 mil, dependendo do tempo de atuação e do local em que exerce a profissão.”. Em São Paulo o valor médio é de R\$ 5 mil e no Distrito Federal alcança R\$ 6 mil e que alguns, com mais fama e projeção, atingem R\$ 20 mil mensais.

A Assembleia de Deus não ordena mulheres pastoras, porém durante a coleta de dados da pesquisa foi questionado ao Pastor Adalberto Santos Dutra por qual razão não ocorria o ordenamento de mulheres na AD, já que se percebe muitas mulheres no trabalho de base da

igreja, algumas professoras bíblicas, inclusive, muitas que dedicavam uma vida inteira a igreja, e mesmo assim nenhuma delas era ou é dado o direito ao sacerdócio. A resposta dele foi direta: “Jesus não ordenou nenhuma mulher”. Embora tenha dito que o espaço feminino no trabalho religioso tem aumentado nos últimos anos, também explicou que as esposas dos pastores são ordenadas junto com seus maridos e, por deferência, passam a ser chamadas de pastoras, embora, na prática, sejam vedadas deste exercício.

Elisael Costa em sua monografia de conclusão de curso esclarece que

A igreja assembleia de Deus passou tempos sem adaptar com os institutos de ensinos bíblicos, alegava que a formação acadêmica simplesmente gerava formalismo e não espiritualidade acreditava que os seminários eram apenas fábricas de pastores, por isso ela valorizava a revelação e o chamado de Deus na vida de alguém. Isso durou quase cinquenta anos para que a igreja tomasse outra decisão. (Brasil Escola, 2024).

Destaca-se esta situação para registrar a estrutura doutrinária e de comunicação que a AD possui e também sua capacidade de adaptação às inovações que foram ocorrendo ao longo desta centúria de sua existência. Ademais, falamos de uma estrutura eclesial extremamente hierárquica na qual os temas apontados pelo Pastor designam a agenda e a pauta do ambiente religioso por ele coordenado. Quando falamos da figura do Pastor-Presidente a abrangência dos temas abordados por este são absorvidas por todos os ambientes que coordena.

2.3 Como se distribui o ambiente evangélico

Na atual inserção dos evangélicos na sociedade, temos uma predominância dos fiéis da Assembleia de Deus. Assim distribuídos:

A conformação do ambiente evangélico, segundo Censo de 2000, considerando-se o universo destes na sociedade brasileira, é mais ou menos assim:

1. Evangélicos de outras religiões evangélicas – 5%
2. Evangélicos de origem pentecostal – outras 14%
3. Igreja Evangélica Assembleia de Deus – 32%
4. Evangelho Quadrangular – 5%
5. Igreja Universal do Reino de Deus – 8%
6. Igreja Congregação Cristã do Brasil – 10%
7. Evangélicos de Missão – outras – 2%
8. Igreja Presbiteriana – 4%
9. Igreja Evangélica Batista – 12%
10. Igreja Evangélica de Missão Luterana – 4%
- 11 – Evangélica Adventista do Sétimo Dia – 4% (Fonte. op. cit, 81)

Desta forma, em 2000 os assembleianos somavam 8.418.140. No Censo de 2010 (IBGE, 2010), embora tivessem caído para 29% do total de evangélicos no Brasil em números absolutos, representavam 12.314.410, um crescimento de mais de 50% em uma década. Christina Queiroz (2019) traz que “Na avaliação de Ricardo Mariano, [...] “Quarenta e quatro por cento dos

evangélicos no país nasceram católicos e mudaram de crença posteriormente, [...]” Esta informação indica que para muitos houve um reordenamento de sua fé, pois os princípios são os mesmos. Inclusive o jeito de cultuar, visto que uma parcela (expressiva é verdade) é praticante.

Para que seja possível entender este processo, é necessário olhar pelas lentes de Giumbelli (2008), que alerta para as transformações no estilo pentecostal, identificados em três momentos assim descritos:

1. As primeiras igrejas pentecostais desenvolveram a ideia da atualidade da ação do Espírito Santo basicamente por meio das manifestações da glossolalia;
2. As igrejas que surgem nos anos 1950/1960 aplicam a mesma ideia da promessa da cura religiosa;
3. A partir de 1970 o exorcismo chega ao primeiro plano. Exorcizam entidades que se remetem ao espiritismo, sobretudo a Umbanda e ao Candomblé. A prática vem acompanhada de um discurso de combate a estas religiões.

Na mesma esteira, Giumbelli (2008) destaca uma tendência de centralização administrativa, “numa ruptura com o modelo congregacional do pentecostalismo”. Esta tendência facilitou a implicação de várias igrejas em política eleitoral. Seja por meio de apoio a determinados projetos, ou por indicação de candidatos próprios a cargos legislativos.

As igrejas mais recentes se caracterizam pelo uso da comunicação de massas, inclusive televisão para a evangelização. São igrejas pentecostais de última geração que consolidam o termo evangélico (Spyer, 2020), tradicionalmente associado às igrejas clássicas. As igrejas clássicas tinham presença pública e resistiam politicamente a dominação católica dedicando-se ao setor educacional.

Os pentecostais têm uma marca mais popular, com poucos espaços nos ambientes formais. Seus adeptos eram conhecidos como crentes. Sua identificação era fácil por sua vestimenta e penteado, pelo porte da Bíblia. Nos últimos trinta anos há um abrandamento deste processo. O evangélico se tornou mais mundano.

As lideranças evangélicas se apropriaram do termo evangélico e fizeram este ter maior extensão, se tornado expressão do “cristianismo não-católico”. Cabe esclarecer que evangélico é uma categoria que abarca clássicos e pentecostais. Estatísticas de adesão religiosa expressam a expansão dos evangélicos. A base e o Censo populacional são assim resumidas:

Quadro 1- Percentual de evangélicos na população brasileira.

Ano	Percentual de evangélicos na população brasileira
1940	2.6%
1950	3.4%
1960	4%
1970	5.8%
1980	6.6%
1991	9%
2000	15.4%
2010	22.2%

Fonte: Alves (2017).

Sobre o Quadro 1, destaque-se que esta porcentagem aumenta no centro do país, nas regiões metropolitanas e em estados de imigração recente.

Os evangélicos adquiriram outras expressões de vida pública no Brasil. A principal delas é política, principalmente a partir de 1986, na Assembleia Constituinte, quando surgiu pela primeira vez a ideia de uma “bancada evangélica”. “Desde então um número significativo de parlamentares evangélicos vem ocupando postos em âmbitos municipais, estaduais e federais – mesmo que haja oscilações nestes números e muitos episódios com as igrejas de origem.” (Giumbelli, 2008, p. 94).

Hoje, existem também casos de prefeitos e governadores de origem evangélica. Giumbelli fala da procura de uma presidente evangélico, situação que entendemos que ocorreu com a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, considerando-se as relações que parte de sua família e ele próprio cativaram com o meio evangélico. Entretanto, cabe destacar que não há um partido essencialmente evangélico, nem mesmo uma agenda política que separe os evangélicos das demais forças que compõem o jogo eleitoral e a prática legislativa administrativa.

As formas de atuação das lideranças religiosas evangélicas tornam maior a presença dos evangélicos, mesmo sendo eles minoria e existem áreas que os evangélicos se mostram mais proeminentes que os católicos e a política é uma delas. Giumbelli também identifica alianças com o narcotráfico em muitas áreas, visto que este setor domina muitas comunidades pobres.

2.4 Cultura Evangélica

Há também uma vasta produção evangélica gospel que vem ganhando espaço no meio popular. O exemplo musical envolve bandas de rock, mas os evangélicos também estão no carnaval, no futebol, na praia, pois “se compõem de elementos que compõem os brasileiros”. Giumbelli afirma que a música gospel dos evangélicos brasileiros difere das norte-americanas, visto que nos EUA possuem conotação étnica, enquanto que no Brasil são marcas de músicas modernas que engloba vários gêneros e extrapola o universo evangélico: “há católicos que apreciam a música evangélica e sua disseminação ultrapassa as fronteiras evangélicas”. Inclusive o Grammy latino passou a exibir recentemente o “Melhor Álbum Cristão em música portuguesa”.

Sobre o futebol é preciso destacar que, a partir dos anos 1990 houve uma intensificação da atuação evangélica neste ambiente promovida pelos chamados “Atletas de Cristo” e “Deste modo o esporte foi encarado como terreno de evangelização”, salienta Giumbelli. Sobre a presença evangélica, por sinal, Giumbelli nos informa algumas características: 1. A ação de um movimento cede lugar a algo mais difuso e nada institucional, para o qual a denominação evangélica genérica parece suficiente; 2. A manifestação religiosa é ao mesmo sutil, mas eficiente, porque não se leva a cabo em uma oportunidade distinta que caracteriza o próprio esporte. Evidente por realizar-se de uma forma notória para o público em geral.

Nesse sentido, ocorrem orações coletivas (mesmo que feitas com alguma descrição) e mensagens escritas em forma de palavras no corpo do jogador, principalmente nas camisetas.

Este ponto da abordagem é importante, pois ele revela um método que se tornou o *modus operandi* do evangélico hoje em dia, situação que podemos repassar para outras áreas da sociedade. Também demonstra que, mesmo não questionando a autoridade religiosa do pastor, outros agentes passam a ser portadores de imagens projetadas como destaques em suas profissões e as colam as suas mensagens religiosas.

Entende-se, portanto, que esta situação, a qual precisa ser mais bem abordada contribui para a existência de uma esfera religiosa não atuante, pois contribui para uma área de influência na sociedade ainda pouco estudada. Giumbelli cita o exemplo do jogador da seleção brasileira ‘Kaká’ que, embora seja membro da Igreja Renascer em Cristo, imprimia mensagens religiosas até mesmo em suas chuteiras.

Em suma, os evangélicos expandem-se para além das igrejas, ocupam rádios, TVs, redes sociais, têm música própria e alguns comunicadores pop stars que mobilizam milhares por onde cruzam.

2.5 A participação dos evangélicos na política

A postura política dos evangélicos foi se modificando ao longo do tempo. De uma atitude ascética, sectária na qual entendiam que a política era coisa terrena, para o processo iniciado no caso da Ditadura Militar na década de 1980, quando o assembleiano Josué Sylvestre, em 1986, escreveu o livro “Irmão vota em Irmão”, carregado de justificativas bíblicas para orientar os eleitores evangélicos a votarem em candidatos evangélicos. Nesse sentido Paul Freston (1994) afirma que:

Nunca houve outro pronunciamento político tão abrangente por parte de um grupo representativo de líderes evangélicos brasileiros. As ambições católicas e a admiração de segmentos católicos pelo fascismo impulsionaram os autores do Memorial em direção a um esquerdismo moderado. Vemos a postura (sobretudo inicialmente) no primeiro grande político protestante, Guaracy Silveira. (Freston, 1994, p. 21)

Anteriormente, ressalta-se Guaracy Silveira, o primeiro deputado evangélico brasileiro. Silveira era metodista e representou São Paulo, primeiro pelo PSB, na Constituinte de 1933-1934 – quando se elegeu com mil votos, e, depois na Constituinte de 1947, quando se elegeu pelo PTB. Nesta eleição, por sinal, houve o aumento do número de evangélicos eleitos como deputados estaduais e vereadores.

Quando se fala da representação parlamentar evangélica, é fundamental olhar um mapa que foi nos apresentado por volta de 1947 a 1987, no qual 50 protestantes chegaram ao Congresso Nacional, compondo 108 mandatos. Estes representaram 5 igrejas na legislatura de 1951-1955, número que subiu para 8 igrejas na legislatura de 1979-1983. (Freston, 1994, p. 86).

Identifica-se também três fases:

[...] de 1946 (ou de 1933) a 1951, uma fase metodista; de 1951 a 1975, uma fase presbiteriana; e de 1975 a 1987, uma fase batista. A fase metodista se resume a Guaracy Silveira. A presbiteriana corresponde a posição social da igreja no mundo protestante [...]. Em número de mandatos exercidos (1946-1987) houve 29 por presbiterianos (IPB), 25 por batistas, 15 por luteranos, 9 por metodistas, 9 por congregacionais e 7 por presbiterianos independentes (IPI). Apenas 5 por pentecostais. (Freston, 1994, p. 29-30.)

Sobre a presença dos religiosos na política no período supra referido, Paul Freston esclarece que esta só se consolidará a partir de 1950, “[...] configurando uma participação pluripartidária com pouca adesão sustentada por princípios ideológicos. Quase sempre estes políticos são oriundos da região Sudeste, vinculados majoritariamente às igrejas protestantes históricas.” (Freston, 1994, 86-87).

Durante a Ditadura Militar (1964-1985) houve proximidade entre protestantes e o Regime. Embora a Igreja Católica rompesse com os militares em 1968 e os luteranos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana mantivessem uma postura crítica a esse regime, diversas denominações protestantes caminharam em outra direção. Assim fizeram a Convenção Batista do Brasil, a Igreja Presbiteriana, em contraposição a posicionamentos de suas lideranças internacionais.

Por sinal, nos anos 1960 surgem os primeiros candidatos oficiais pentecostais, sendo o primeiro deles Levy Tavares, originário da Igreja Brasil para Cristo. Tavares foi candidato a deputado federal em 1962 pelo Partido Social Democrático (PSD). Durante o bipartidarismo ele entra no MDB em 1966 e nas eleições de 1970 migra para a ARENA. Freston esclarece que “mesmo com a afinidade deste segmento religioso com o regime, a representatividade nos cargos políticos permaneceu estável dura todo o período (1964-1985).” (Freston, 1994, 87).

Durante os anos 1980, ocorre a grande virada, pois com o fim do Regime Militar e início da redemocratização, “as maiores igrejas pentecostais decidiram ingressar na política, rompendo com a postura sectária e isolada de outrora.” (Freston, 1994, 87). Muitos estudiosos colocam o marco desta mudança a partir da Constituinte de 1986 e do livro escrito pelo assessor do Senador Josué Silvestre, membro da Assembleia de Deus, com o título “Irmão vota em irmão”, já citado. Segundo Paul Freston (1993), os membros da Assembleia de Deus optam por mudar a linha de “crente não se mete em política”, apresentada como linha institucional de quase todas as igrejas até então, para uma postura proativa em política. Nesse sentido o estudioso destaca que

O marco desta transformação ocorreu na Assembleia Constituinte, no momento em que as lideranças da Assembleia de Deus – receando que a Nova Carta Magna colocasse limites na liberdade religiosa dos evangélicos e estabelecesse a Igreja Católica como religião oficial – decidem ingressar na carreira política. Em janeiro de 1985, A Assembleia de Deus decide organizar a sua Convenção Geral, realizada em Anápolis (GO), momento em que várias lideranças religiosas discutiram sobre a importância da Constituinte. Para romper com a postura apolítica dos assembleianos mais antigos, a Igreja resolveu convidar políticos evangélicos de outras denominações, como Iris Rezende (PMDB) da Igreja Cristã Evangélica e Daso Coimbra da Igreja Congregacional. (Freston, 1994, p. 87)

O apoio massivo dos evangélicos na primeira eleição presidencial da redemocratização, em 1989 foi para Fernando Collor (PRN). Moreira identifica que

nessas eleições, pela primeira vez de forma sistemática, as Igrejas Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus e outras igrejas pentecostais se engajaram abertamente na disputa eleitoral, a favor de Collor de Mello e dos candidatos de direita. Segundo Pierucci e Mariano (1992, p. 22) para convencer os eleitores crentes a votar em Fernando Collor, as lideranças pentecostais usaram o argumento da ameaça: votar no Partido dos Trabalhadores (PT) seria o mesmo que entregar o futuro das igrejas a uma tenebrosa aliança católico-comunista. (Moreira, 2019, p. 102)

De momentos como estes, que posteriormente se tornariam prática em todas as eleições, emergiu uma “classe política pentecostal basicamente representada por comunicadores, familiares de pastores e empresários.” (Freston, 1993, p. 88). Destaque-se que sua atuação era partidariamente dispersa, como, aliás, continua a ser. A moldura dentro da qual atuavam era, segundo Freston (1993) modelada por “[...] diretrizes que eram a unidade em questões comportamentais, a postura positiva para com o governo e o esvaziamento religioso de questões como a reforma agrária.” (Freston, 1993, p. 88).

A bancada foi logo contestada por uma minoria com outra concepção política. Posteriormente, surgiu uma liderança pentecostal mais “agressiva” no estilo e menos direitista” (Freston, 1993 op. cit. p. 88). Suas pautas sempre giravam em torno da defesa da família e do simbolismo religioso na vida pública. Para o DIAP, neste momento, “os pentecostais constituíram mais um centro fisiológico do que uma direita ideológica”, apresentando “uma conduta que estava concentrada na busca de benefícios para as igrejas, satisfazendo os interesses de cada agremiação religiosa, em detrimento do bem comum” (Freston, 1993, p. 88).

Burity (2006) fala da “politização do discurso religioso”. Afirma que os horizontes políticos dos evangélicos foram expandidos e que, em função disto, emergiram novas práticas de atuação e novas estruturas surgiram. Desta forma afirma que

“Entende-se que a politização representa um investimento na política que implica em uma mudança do discurso religioso, ocasionando oposições políticas no interior da arena religiosa, uma estratégia que pretende ocupar espaços na esfera pública por organizações religiosas, que se propõem a”salvar a política como, por exemplo, a corrupção (Burity, 2006) ou dos ataques aos valores da moralidade, da família tradicional aos “bons costumes” (Burity, 2006, p. 90).

Importante destacar que Burity não credita a participação dos evangélicos como parte de um “processo de despolitização do político” (2006, p. 90). As oscilações no tamanho da representação evangélica nos parlamentos continuam ocorrendo nos anos 1990. O apoio à eleição de Fernando Collor de Melo gerou um pesado custo a este setor, o que fez com que sua representação no Congresso Nacional caísse de 33 Deputados constituintes para 22 na eleição de 1990.

Neste período, por sinal, Ricardo Mariano (2010, p. 89-90) alerta que

[...] foi possível identificar uma mudança radical em termos de representação política do segmento evangélico no Congresso Nacional. Os deputados de orientação pentecostal tornaram-se maioria, assumindo de forma inédita e imprevista o papel político principal no campo evangélico. Esse protagonismo manteve-se nas próximas legislaturas, sob a liderança das igrejas Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus.

Nesta década, surge o Movimento Evangélico Progressista (MEP), que se apresenta como uma associação informal e suprapartidária, que afirmava a Bíblia, a conversão e a oração,

portanto como conservador, mas também mostrando comprometimento com as mudanças estruturais e incentivando a filiação a partidos, sindicatos e movimentos sociais. Então, desta forma também podiam ser caracterizados como progressistas. Segundo Freston (1994), procuravam se afastar dos escândalos ocorridos durante a Constituinte e do apoio incondicional dado a eleição de Fernando Collor à presidência da República em 1989, uma vez que afirmavam que “[...] o crescimento das igrejas, deterioração ética da vida pública tem produzido uma nova consciência política em amplos segmentos evangélicos” (Freston, 1994, p.111-112 op. cit. p. 91). Os expoentes iniciais do MEP foram a Deputada Federal Benedita da Silva e o ex-deputado federal Wasny de Roure, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT) e o cientista político e pastor anglicano Robinson Cavalcanti – que em 1989 liderou o movimento evangélico pró-Lula.

A partir de 1994, com um pequeno avanço na representação parlamentar (31 deputados federais) surge a figura do Pastor Caio Fábio D’Araújo Filho que presidia a Associação Evangélica Brasileira (AEVB), fundada em 1991. Sua postura questionadora da prática política evangélica lhe rendeu desafetos. Dizia “estar cheio de políticos evangélicos que se preocupavam em colocar o nome de Deus na Constituição. Política é coisa para se fazer em nome do homem, não em nome de Deus” (Freston, 1994, p.91). Neste mesmo período, surge o Conselho Nacional de Pastores do Brasil (CNPB), fundado em 1992. Este foi apoiado pela IURD pela Assembleia de Deus Madureira, pela Casa da Bênção, Internacional da Graça de Deus, Convenção Batista e Renascer em Cristo.

Nas eleições de 1994, houve um rompimento entre estas duas entidades. A AEVB lançou um documento nominado “Dez Mandamentos do Voto Ético”, em que afirmava que “nenhum eleitor evangélico deveria se sentir culpado por ter posições políticas diferentes de seu pastor, cujas opiniões deveriam ser consideradas como as de um cidadão comum e não como profecias divinas” (Oro, 2006, p. 92). De sua parte, o CNPB defendeu o direito de o pastor ter posições políticas e “indicar candidatos aos seus fiéis, acusando Caio Fábio de estar aliado a Lula” (Oro, 2006, p. 115, p. 92). Nesta arenga quem cresceu foram os representantes iurdianos.

Das eleições de 1998 até 2014 a representação evangélica na Câmara dos Deputados cresceu de 53 para 75 deputados, com uma queda registrada em 2006, quando foram eleitos 43 deputados evangélicos.

A manutenção de uma representação parlamentar evangélica, que mudou seu perfil após os anos 1990, passando a ter a primazia dos pentecostais, exigiu destes atores políticos um salto organizativo: a criação de uma Frente Parlamentar Evangélica e de uma Bancada Evangélica, temas que abordaremos na sequência.

2.6 Frente Parlamentar Evangélica

Na legislatura de 2003 a 2007 foi criada a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), mais precisamente em 18 de setembro de 2003. Esta reúne deputados de diversos segmentos evangélicos e de múltiplas orientações partidárias. Considerando-se para se formalizar uma Frente no Congresso Nacional são necessários pelo menos 170 deputados federais e que nem todos os deputados evangélicos se identificam com a FPE, ela teve um tempo de informalidade, mas sempre orientando a atuação dos parlamentares evangélicos. No ano de 2015 a FPE registrou 199 deputados e 4 senadores, seu primeiro presidente foi o Deputado Federal Adelor Vieira (PMDB-SC). Os fundamentos da Frente Parlamentar Evangélica se propõem a agir em “defesa da família e da sociedade brasileira, operando através de uma prática legislativa que busque o respeito aos “bons costumes” e à moralidade.” (Op. cit. p. 97). A agenda evangélica, ou pontos que os unificam, passaram, desta forma, a serem tratados com maior organicidade. Os temas supracitados de tornaram as “clausulas pétreas” dos parlamentares evangélicos.

Este avanço na representação parlamentar evangélica fez com que três das maiores igrejas criassem estruturas para coordenar e avaliar o desempenho de seus parlamentares. São elas: A Assembleia de Deus, a Universal do Reino de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular. Em função do interesse dessa pesquisa nos deteremos nas ações assembleianas.

O Conselho Político da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) criou em 2001 o projeto Cidadania AD Brasil. Este “busca realizar discussões em torno de princípios éticos, promovendo estratégias de atuação que pretendem despertar a consciência política dos eleitores, identificando o que consideram como “valores de cidadania”, e selecionando, através de um trabalho permanente, aqueles membros da Igreja que são considerados os mais capazes para concorrer as eleições e que apresentam vocação para a política. No projeto da CGADB, o Conselho Político Nacional estabelece os seguintes critérios para a seleção de candidatos:

Define-se o candidato da Assembleia de Deus o pretendente que:

- 1)- For preferencialmente membro da Igreja há mais de três anos.
- 2)- Der público e notório testemunho cristão.
- 3)- Desfrutar de bom conceito.
- 4)- Exercer liderança comunitária e tiver preparo para o cargo.
- 5)- Tiver conhecimento da base doutrinária da Igreja.
- 6)- Tiver seu nome submetido aos pastores e outros líderes da Assembleia de Deus e for recomendado e indicado para participar da triagem dos nomes.” (p.94).
- 7)- Receber o credenciamento concedido pelo órgão competente da CGADB, através de encaminhamento da Convenção Estadual, após cumpridos os critérios estabelecidos pelo Conselho Político Municipal.
- 8)- Assinar Termo de Compromisso em que se explicarão as obrigações e direitos do interessado.
- 9)- Não comprometer seu testemunho cristão, ético e moralmente.
- 10)- Será considerado candidato nato o político detentor de mandato, que estiver de acordo com os critérios estabelecidos pelo Conselho Político das convenções e

Ministérios Estaduais e Distrito Federal e Conselho Político Nacional. (Projeto Político da CGADB, 2005, p. 94-95)

Ricardo Mariano (2010) identifica um ativismo político evangélico tornado elemento da cultura política nacional, pois a cada eleição que passa e sempre que dados populacionais novos são divulgados por pesquisas ou censos, a busca pelo apoio eleitoral evangélico é por demais disputado. Esta busca de parceria com as igrejas se reverte em concessão de recursos e em troca de favores, muitas vezes. Nesse sentido Mariano percebe que

[...] sistematicamente requerido, estimulado, cobrado, barganhado por considerável parte da classe política brasileira, o que tem como efeito imediato reforçar, incrementar e legitimar a presença, a participação, a influência, o poder de pressão e de barganha desses religiosos na esfera pública, espaço no qual também atuam intensamente por meio de suas emissoras e redes de rádio e tevê, de jornais, revistas, gravadoras e mercado editorial. (2010, p.107. In op. cit. p. 97)

Assim, Campos apud Malaçai (2016, p. 9) afirma que

[...] os partidos ou programas não lhes fazem diferença alguma, porque o essencial para eles é a manutenção do apoio da igreja que os elegeu. Sem essa igreja, ele nada é; perde a função de locutor, pois o discurso não lhe pertence; não passa de um mero coadjuvante, que participa de uma dramaturgia que não dirige; e recebe da instituição que o escolheu um script pronto para uma atuação fundamentada na plena, total e irrestrita obediência às autoridades religiosas.

Desta forma, a Frente Parlamentar assenta os representantes das denominações evangélicas no Congresso Nacional e é nela que o então Deputados Federal Jair Bolsonaro vai se amarrar e dar sentido às pautas de costumes, que são sintetizadas nesse ambiente.

2.7 Vamos falar sobre Bolsonaro

O foco de nossa abordagem é a eleição de 2018 e a participação da Assembleia de Deus de São Leopoldo nesse processo. O contexto histórico e conceitual explanado anteriormente nesta pesquisa, leva ao fato da eleição de Jair Messias Bolsonaro que buscou a condição, mesmo considerando todos os aspectos que envolvem a sociedade brasileira, se autodenominar como um presidente cristão, de recorte conservador e reacionário, mas com viés evangélico muito destacado.

É importante salientar que para que esta mística se criasse, um pastor assembleiano – Pastor Everaldo² – contribuiu ao batizar o então Deputado Federal Jair Bolsonaro (PP) e sua

² O Pastor Everaldo foi candidato à Presidência da República nas eleições de 2018.

família nas águas do Rio Jordão, em Israel. Sobre o batismo Bolsonaro falou que “As pessoas não entendem que batismo não é coisa de evangélico ou católico, mas de todos que creem que Jesus é seu salvador.” (Nicolau, 2020, p. 74). Nessa mensagem fica nítida a identificação religiosa do voto e Bolsonaro buscava reorganizar e dar um sentido distinto ao existente para o voto religioso, principalmente no campo do conservadorismo, especialmente comportamental, presente neste espectro.

Registre-se que o próprio Bolsonaro, que já havia declarado voto em Lula em eleição anterior, girara sua carreira para mais próximo da bancada conservadora no Congresso Nacional, principalmente em seu último mandato. Por sinal, sua atuação parlamentar que nos primeiros mandatos se mostrava discreta e corporativa em relação a defesa das forças armadas, se voltou após 2011 para temas como a defesa da família tradicional – que ele dizia ameaçada pelo casamento *gay*; contra a “Lei Menino Bernardo (Lei nº13010/2014) que pune os castigos físicos e maus tratos contra as crianças, a qual, para Bolsonaro tiraria a autonomia dos pais. É como defensor dessa agenda que ele estabelece as primeiras conexões com a bancada religiosa e conservadora da Câmara dos Deputados” (Nicolau, 2020. p. 76).

As hipóteses para essa adesão são várias, mas, segundo Nicolau (2020) (ele as chama de “hipótese conservadora”), podem ser assim resumidas:

1. os evangélicos, em sua maioria, têm posições conservadoras no campo comportamental;
2. Bolsonaro se tornaria um dos principais defensores de temas conservadores no debate público;
3. em eleição em que candidato tem posição conservadora nos temas comportamentais é adversário de outro com posições progressistas, os evangélicos votarão no candidato conservador. (Nicolau, 2020, p. 76)

Mesmo sendo um católico e não frequentando assiduamente os espaços evangélicos, J Bolsonaro costumava frequentar os cultos da Igreja Batista da Atitude por um motivo importante: essa era a Igreja, em Brasília, frequentada por Michele Bolsonaro, sua esposa. Ademais, toda a mística em torno desta figura pública estava calçada em mensagens religiosas e sua trajetória foi sendo *linkada* principalmente a partir do batismo. O termo Messias – nome do meio tem a ver com as dificuldades de seu nascimento e teria sido colocado por sua mãe.

Neste sentido, também se destaca que passou a ser chamado de “Mito”, situação que também remete a alguém fora do contexto normal e que durante a campanha eleitoral, mais precisamente em 6 de setembro de 2018, em uma agenda na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Bolsonaro sofreu um atentado. Uma pessoa presente na multidão que o acompanhava deferiu-lhe uma facada. O candidato foi internado e sobreviveu e, segundo Fábio Py (2019), a

partir daí foi lhe impingida a marca de “servo sofredor”, o homem que quase morreu por nós e que merece ser escolhido para nos representar.

Estas imagens de si, com muitas pitadas de um bom *marketing* e o uso disruptivo das redes sociais, fez com que este deputado do baixo clero, considerado politicamente incorreto mesmo se declarando cristão – católico, untasse em torno de si um número grandioso de evangélicos. Segundo o cientista político Jairo Nicolau, Bolsonaro, na condição de candidato a presidente, “priorizou a difusão de mensagens nas redes sociais, não participou de eventos públicos e nem compareceu aos tradicionais debates promovidos pelos principais meios de comunicação do país.” (Nicolau, 2020, p. 33).

Cabe lembrar que o Censo de 2010 havia identificado que este segmento social alcançara 22% da população brasileira e que, até então, mesmo apoiando governos de direita e de esquerda, não havia encontrado um presidente para chamar de seu. Nicolau tasca que “não é exagero dizer que a mobilização dos evangélicos foi um dos fatores determinantes para a vitória de Bolsonaro” (2020. p. 78).

Os “grandes pastores” como Silas Malafaia, pastor e presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo – “líder evangélico mais influente nas redes sociais brasileiras” (Nicolau, 2020. p. 77), foi o primeiro líder evangélico a apoiar Bolsonaro, em fevereiro de 2018, pelo seu Twitter, além de celebrar o casamento de Bolsonaro com Michele.

Marco Feliciano, Deputado Federal – também assembleiano, se somou ao engajamento de Malafaia e ambos, dentre muitos, ofertaram ao povo este candidato como sendo contra tudo e contra todos. Nicolau destaca que

[...] os apoios aconteceram paulatinamente, com um volume mais intenso no fim do primeiro turno e começo do segundo turno. Entre eles destacam: o Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário da Rede Record – emissora que deu amplo espaço para aparições de Bolsonaro – José Wellington Bezerra da Costa, presidente emérito da Convenção Geral das Assembleias de Deus; e um grande número de pastores e cantores gospel com larga influência no mundo evangélico. (Nicolau, 2020, p. 77)

De acordo com o resultado eleitoral de 2018, este apoio e a intensa mobilização deram certo. Com o *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, Bolsonaro venceu Fernando Haddad (PT), o candidato de Lula em uma eleição “marcada por uma grande mobilização de lideranças religiosas” (Nicolau, 2020, p. 68), em seu favor. Considera-se um padrão mobilizatório só comparável as eleições de 1989, quando Fernando Collor se elegeu Presidente, mesmo que consideremos que na época, os evangélicos representassem 9% da população (Nicolau, 2020, p. 69).

Jairo Nicolau, que é considerado um dos grandes estudiosos das eleições no Brasil, afirma que

ao fazer referência ao crescimento do número de evangélicos no Brasil estamos falando de centenas de denominações; algumas como a Assembleia de Deus, contam com milhões de seguidores, outras apenas em um município e são frequentadas por dezenas de fiéis. As denominações variam segundo a sua doutrina e tipo de organização: a Igreja Universal do Reino de Deus é centralizada e hierárquica, enquanto centenas de outras seguem a orientação do fundador ou liderança local (mesmo a Assembleia de Deus tem subdivisões importantes). Em que pese todas essas diferenças, quando perguntados, os frequentadores dessas igrejas em sua maioria acabam se autotranscritando como evangélicos. (2020, p. 69-70)

Em que pese seja importante lembrar que Marina Silva, que também concorreu a Presidente em 2014 e em 2018, ser também assembleiana e antes Anthony Garotinho, um presbiteriano, e o Pastor Everaldo, também membro de um ramo assembleiano, terem concorrido ao cargo de Presidente da República e terem mobilizado muitas lideranças evangélicas.

Todavia, nenhum destes chegou a dimensão de Bolsonaro. Sobre esta situação Nicolau sintetiza assim:

A religião não foi uma variável relevante para distinguir o voto no segundo turno de 2010; observe que a probabilidade de um eleitor votar em um nome do PT ou PSDB é semelhante nos três grupos. O quadro muda em 2014, com a dominância do PT mantida apenas entre os católicos. Em 2018, Bolsonaro vence (ainda que por pequena margem entre os católicos e eleitores da categoria “outros”. Mas o dado que chama a atenção é sua expressiva votação entre os evangélicos (cerca de 70%). (2020, p. 71-72)

A Tabela 1 resume o quadro eleitoral que o Instituto Datafolha captou nas eleições de 2018.

Tabela 1 – Pesquisa Datafolha – Eleitorado por região

DISTRIBUIÇÃO DO ELEITORADO POR RELIGIÃO, COM BASE EM DADOS DE PESQUISA DATAFOLHA DE INTENÇÃO DE VOTOS			
Religião	Votos de Bolsonaro	Votos Haddad	Diferença
Católica	29.795.232	29.630.786	1.644.46
Evangélica	21.595.284	10.042.504	11.552.780
Afro-brasileiras	312.975	755.887	-442.912
Espírita	1.721.363	1.457.783	363.862
Outra religião	709.410	345.549	363.862
Sem religião	3.286.239	4.157.381	-871.142
Ateu e agnóstico	375.570	691.097	-315.527
Total de votos	57.796.074	47.080.987	10.715.087

Fonte: Pesquisa Datafolha, 25 de outubro de 2018, três dias antes das eleições

Fonte: Adaptado de Pesquisa Datafolha (2018, In.: SPYER, 2020, p. 185)

Os números aqui referenciados confirmam o peso dos evangélicos na eleição de Bolsonaro em 2018, pois considerado o quesito religioso, há praticamente um equilíbrio entre todos os abordados pelo Instituto Datafolha. A exceção fica por conta do voto evangélico, no qual esse volumoso grupo social, o candidato Jair Bolsonaro (PSL) conquistou em torno de 70%, enquanto que seu oponente, Fernando Haddad (PT), obteve 30% de apoio.

Segundo Campos (2020, p. 367), “Findas as apurações dos votos, graças à vitória de Bolsonaro, um “quase evangélico”, os evangélicos reforçaram a percepção de que agora estariam no poder”. Todavia, somente uma parte deles aceitou como seu o discurso e as propostas de Bolsonaro. Só para essa maioria seria válida a afirmação de que “com Bolsonaro, nós os evangélicos estamos no poder”.

3. História da Assembleia de Deus

O cristianismo evangélico é, essencialmente, um fenômeno das camadas populares no Brasil – o protestante de classe média prefere ser chamado de “cristão” -, e a maioria dos evangélicos é formada por negros ou pardos e tem em média menos escolaridade do que o restante da sociedade (Spyer, 2020. p. 35)

No começo do século, mais precisamente no ano de 1911, aportam em Belém do Pará dois suecos vindos dos EUA, que mal tinham os recursos para uma passagem de navio. Eles são Gunnar Vingren e Daniel Berg, alegam terem tido uma visão sobre um lugar chamado Pará e procuraram no mapa e descobriram que o referido local ficava no norte do Brasil. Suas trajetórias da Suécia para os EUA por si só instigam uma saga, visto que saíram do país nórdico, em 1903, onde eram batistas, para uma aventura nos EUA. Detalhe: não falavam inglês, quem dirá português.

Na América do Norte se depararam com o processo de avivamento das Igrejas evangélicas norte-americanas, mais intensamente percebida em Los Angeles, Chicago e no Kansas. Nestes lugares Vingren fez curso no Seminário teológico batista sueco.

Sobre Vingren há registros de atos de pregação sua em diversos estados nos EUA e que em 1909 foi chamado para pregar na Índia, enviado como missionário, função que rejeitou e por isto teria perdido uma namorada. Nas semanas seguintes, em 1909, participa em Chicago de uma série de conferências junto a Primeira Igreja Batista Sueca. Neste ambiente recebe o batismo do Espírito Santo e “no momento em que foi revestido do poder, falou em línguas estranhas, como acontecera com os discípulos no dia de Pentecostes” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 15). Sua postura intensa gerou agitação no interior de sua igreja e afirmava que “Jesus Cristo batiza com o Espírito Santo e com o fogo!” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 15). Foi instado a se afastar de sua igreja e abrigou-se na Igreja Batista de South Bend, no Estado de Indiana, onde ficou até 1910.

Sobre Daniel Berg, também sueco, sabe-se que era de família Batista e nesta denominação foi batizado em 1899. Em 1902, foi para os Estados Unidos da América, aportando em Boston, onde “No Novo Mundo, com que tanto sonhara e onde pretendia realizar-se profissionalmente, Deus preparou-lhe um plano ainda não imaginado.” (História da

Assembleia de Deus no Brasil, p. 15). Trabalhou em fazendas e foi fundidor de aço por durante oito anos e sonhava em voltar para a Suécia, o que fez. Lá reencontrou amigos de infância e teve contato com a novidade para a época que era o “batismo com o Espírito Santo” (Op. cit. p.16). Berg acompanhou um culto coordenado por amigo de infância e gostou do que viu. De volta aos EUA, sentiu que “sua vida mudou, tomando novo rumo... a partir de então, entregou sua vida ao Senhor e sentiu-se responsável em contar, aos que desejassem ouvir, o que recebera, lembrando que a salvação é para todos aqueles que creem.” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p.16).

Berg e Vingren se encontram em 1909, na cidade de Chicago e conversaram sobre a convicção de serem missionários “onde quer que o senhor os mandasse” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 16). O irmão Olof Uldim os teria falado de uma “revelação” que se apresentara em um sonho, no qual o nome Pará havia surgido. Sem saber se quer do que se tratava, entenderam como um desígnio divino e foram pesquisar o que lhes fora dito. Abrão de Almeida, autor do livro História da Assembleia de Deus no Brasil, explica que sua intenção de virem ao Brasil inicialmente não gerou nenhum entusiasmo no Pastor para o qual relataram tal intenção, mas mesmo assim, com US\$ 90,00 (praticamente o valor da passagem), partiram para o Brasil.

Assentado em Belém, Gunnar Vingren pastoreou nesta cidade e por duas vezes voltou aos EUA. Em 1917 casou-se com a enfermeira Frida Stradenberg, em Nova York. Ficou no Brasil até 1932, quando não mais suportou as enfermidades que o acometiam. Faleceu no ano seguinte na Suécia sem ver o quanto cresceria sua obra nos anos seguintes.

Quanto a Daniel Berg, venceu a barreira da língua e passou a evangelizar nas vilas no trajeto da Estrada de Ferro Belém-Bragança. “Berg operava a evangelização pioneira, pois o Evangelho era praticamente desconhecido fora de Belém. As igrejas evangélicas existentes eram pequenas e não possuíam recursos suficientes para promover a evangelização no interior.” (Op. cit. p. 21). De Bragança o trabalho se estendeu para a Ilha do Marajó.

No Jubileu de Ouro da Assembleia de Deus no Brasil foi homenageado num evento no Maracanazinho e recebeu uma medalha de ouro do Pastor Paulo Leivas Macalão, outra figura lendária da igreja. Berg respondeu a honraria dizendo que “não é a mim, e sim a Jesus que cabe esta honra e não é de outra maneira, senão em seu nome que eu recebi.” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 22). Faleceu em sua terra natal aos 79 anos, em 1963.

Destaque-se que ambos Vingren e Berg eram membros da Igreja Batista de Belém e, após se estabelecerem, foram acolhidos por Adriano Nobre, membro da Igreja Presbiteriana Belém, que os levou ao seu primeiro local de moradia: um porão da primeira igreja citada.

Assim que dominaram as primeiras palavras em português – Vingren teve um professor – começaram a pregar a cura divina e o batismo com o Espírito Santo, então uma novidade. “Os missionários estimulavam os crentes a uma vida de oração e consagração” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 25). “Orai sem cessar”, orientavam. A intensidade de sua ação religiosa promoveu a afluência de muitos fiéis, criando um movimento anormal na Igreja Batista de Belém e isto gerou incômodos, pois “as igrejas existentes (Presbiteriana, Anglicana e Metodista) não os receberam com apreço devido a doutrina que anunciavam.” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 26). Este fato gerou o primeiro cisma na futura denominação religiosa.

Um grupo de dezenove membros foi expulso da Igreja Batista de Belém, inclusive os dois suecos, então esse grupo organiza uma igreja, inicialmente chamada de Missão de Fé Apostólica, em 18 de junho de 1911. O Nome Assembleia de Deus passou a ser utilizado a partir de 11 de janeiro de 1918 (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 26). Na chegada ao Brasil o aspecto fractal da igreja de pronto se manifesta.

“Aquele pequeno grupo lançou os alicerces da obra pentecostal que se irradiou a todas as regiões do Brasil. Sem dúvida, o Espírito Santo vivificava os testemunhos e as mensagens, e convencia os não crentes: era Deus confirmando a sua obra.” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 27) e o crescimento do trabalho fez com que se organizassem convenções a partir de 1930. A primeira ocorreu em Natal, no Rio Grande do Norte em setembro daquele ano, neste momento se identifica uma primeira sucessão geracional pois

A principal questão debatida naqueles dias, quando a Assembleia de Deus realizava oficialmente sua primeira convenção foi a transferência da responsabilidade da obra, já desenvolvida no Norte e no Nordeste do Brasil, aos obreiros nacionais, dando-lhes a oportunidade de assumirem a administração das igrejas locais, pois os missionários suecos, cujo esforço e pioneirismo eram conhecidos por toda aquela região, sentiam que era chegada a hora de deixarem a Obra nas mãos dos trabalhadores nacionais e partirem para as áridas terras do Sul do país. A convenção das Assembleias de Deus realizada em Natal, nessa época, foi dirigida pelo pastor Francisco Gonzaga. O pastor Levi Pethrus, que viera da Europa especialmente para a Conferência, estava presente na abertura dos trabalhos. A questão foi apresentada e definida pelos missionários Gunnar Vingren, Otto Nelson, Joel Carlson, Nels Nelson, Samuel Nystrom e mais 16 pastores nacionais. Secretariaram as reuniões Manoel Leão e Manuel Higino de Souza. (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 30)

Neste mesmo evento, é criado o *Jornal O Mensageiro da Paz* e a partir deste ano, se decidiu que todos os anos teriam convenções “quando pastores e pregadores deveriam se unir numa só fé” (op. cit. p. 30). Esta nova fase aberta, a partir do ano seguinte, visava fazer com que “[...] a obra se conservasse unida em todo o país.” (História da Assembleia de Deus no Brasil, p. 30).

Este primeiro evento também marca a organização da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Esta primeira reunião presidida pelo Pastor Cicero Canuto de Lima abordou quatro pontos, quais sejam:

1. O relatório do trabalho realizado pelos missionários;
2. A nova direção do trabalho pentecostal no Norte e Nordeste;
3. A circulação dos Jornais Boa Semente e O Som Alegre;
4. O trabalho feminino na Igreja. (Fajardo, 2015, p. 5-6)

Fajardo (2015, p.8) registra que

Cicero Canuto é um personagem cuja trajetória resume as principais fases da AD entre as décadas de 1920 e 1980: acompanhou o início no interior do Pará, o fortalecimento das lideranças nacionais no Nordeste, a influência sueca que ainda persistia no RJ mesmo após a criação da CGADB, e por fim o processo de ministerialização da denominação com o conseqüente fortalecimento da figura dos pastores-presidentes e seus respectivos Ministérios, do qual Canuto foi um dos principais expoentes.

Sobre os resultados desta primeira convenção, o Pastor Levi Petrus (1982, p.32) definiu-os com as seguintes afirmações:

Assim se mostra a enorme e grandíssima importância desta conferência em Natal e as suas conseqüências para o Movimento Pentecostal no Brasil, quando se traçavam linhas bem claras, e fronteiras bem firmes foram demarcadas entre o que é humano e o que é divino, o que é espiritual e o que é carnal. Como conseqüência lógica disso, os missionários deveriam deixar as igrejas prósperas do Norte e começar novos trabalhos no Sul do país.

Neste espírito, a Convenção de 1933 já ocorrera no Rio de Janeiro e lá se abriu divergência com os adventistas. Foi definido que não se aceitaria seus batismos por não serem embasados na Bíblia. Já em 1946, a Convenção Geral das Assembleias de Deus foi tornada uma figura jurídica.

Com relação à CGADB que nominalmente representa a Assembleia de Deus no país, Fajardo afirma que “é uma entidade que representa apenas a sua liderança. Apenas pastores e evangelistas podem se filiar a ela. Assim, a Convenção não conta com um Cadastro de número de membros das Igrejas e nem mesmo exerce controle sobre a administração dos templos, sendo assim um órgão de sua classe dirigente.” (2015, p. 9). Neste contexto, dentro destas igrejas livres se criou um “sistema de governo episcopal, comandado pela figura do “pastor presidente de campo” (Fajardo, 2015, p. 9).

Este processo de ministerialização da igreja nos faz jogar luzes sobre outro personagem destacado na história do pentecostalismo brasileiro e da Assembleia de Deus: trata-se de Paulo Leivas Macalão. Nascido em 1903, na cidade de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, Macalão se converteu em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em 1924, a partir de uma pregação efetuada por Gunnar Vingren – que veio ao Estado para nele estruturar a AD e para aproveitar que um grupo dissidente de outra igreja decidiu entrar para o ambiente assembleiano.

Macalão não demora a se destacar. Organiza uma banda musical e rumo para um trabalho de evangelização na periferia da capital da República. Segundo Fajardo, “Criava núcleos da AD nas casas das pessoas que se convertiam em Realengo, Campo Grande, Santa Cruz e Marechal Hermes, inaugurou em 1933 um templo da AD em Bangu”. (2015. p. 10). No entanto, sua marca ficou estabelecida no bairro de Madureira. Neste bairro estabeleceu outro núcleo que, por vezes rivalizava com o de São Cristovão. Em 1930, o próprio Gunnar Vingren e Lewi Petrus o consagram pastor.

Haviam rugas na sua relação com os suecos e um certo nacionalismo de Macalão por vezes o isolava e também o fez buscar voo solo. Destaque-se que com o tempo, o trabalho de Macalão ultrapassou os limites geográficos da Guanabara e do Rio de Janeiro. Em 1938, ele alugou um salão no bairro do Brás, em São Paulo, situação justificada por uma revelação divina manifestada em um sonho. Fajardo (2015, p.10) esclarece que esse é “um elemento fundamental no imaginário assembleiano”.

Macalão vem de uma família rica, de tradição militar, portanto nacionalista. O governo de Getúlio (seu conterrâneo gaúcho) e o tenentismo é um substrato conceitual importante na sua formação. Ele não aceitou se submeter à liderança de um jovem sueco – ou mais grave – e/ou de uma mulher? Em 1932, quando Vingren foi embora, Nystrom assume em seu lugar. Por que não Macalão que já era um pastor com um ministério consolidado na cidade?

Este trecho remete ao debate entre a já consolidada elite pastoral nacional e os suecos. Aqui, por sinal, identifica-se um dos primeiros desafios que manteve a AD grande e abrangente: seu aspecto fractal. Entende-se que esta foi uma habilidade política dos suecos, visto que foi Petrus, como abordou-se anteriormente, quem deu a ideia de manter unidades autônomas. Nesse sentido, se encaixa o conceito de Ministério, que permite um olhar, mesmo que panorâmico, para a riqueza de diversidades que compõem este universo chamado Assembleia de Deus. Sobre este conceito, Fajardo (2015. p. 10), esclarece que

O Ministério no sentido corporativo-institucional, diz respeito aos grupos de igrejas liderados por um pastor-presidente e que têm autonomia administrativa em relação aos demais Ministérios e que pode manter ou não um vínculo com uma convenção de abrangência nacional, como a CGADB.”

Quanto a presença da Assembleia de Deus em São Paulo, embora o citado trabalho de Macalão, ela já estava instalada neste estado desde 1927, quando Daniel Berg começou a organizar cultos na Vila Carrão e, mais tarde no bairro de Belém, ambos na zona leste paulista.

Em 1937, foi realizada uma reunião da CGADB no bairro Belém, presidida por Macalão. Desta forma, a dualidade verificada no Rio de Janeiro entre igrejas de missão (comandadas pelos pastores suecos) e Madureira também foi transportada para São Paulo. Muitos outros

Ministérios surgiram; hoje são centenas que atuam em todo o Brasil. Alguns espalhados por todos os estados e outros com poucas congregações, conforme Fajardo apresenta a seguir

[...] cada um destes Ministérios, apesar de preservar uma identidade geral criada pela nomenclatura “Assembleia de Deus” apresenta suas características próprias, e um campo propício para a criação de suas próprias representações sociais. Assim, é comum que quando dois assembleianos se conhecem e conversam pela primeira vez a primeira pergunta que façam um ao outro seja: “de qual ministério você é?”. Identificar-se como membro de determinado Ministério significa estar ligado a uma série de práticas litúrgicas e comportamentais mais ou menos conservadoras, o que pode ditar o rumo da conversa, já que em várias cidades, muitos Ministérios veem-se como concorrentes. (2015, p. 11-12)

Os grandes Ministérios são organizados a partir da “igreja sede” e esta ocupa o lugar de centro administrativo do Ministério. Deste local, o Pastor Presidente comanda os demais pastores e obreiros e é também onde se realizam Congressos de jovens, adolescentes, senhoras e encontros regionais. Compondo esta estrutura estão, na base desta pirâmide, os “pontos de pregação” – “pequenos salões ou casas de membros”. Nestes locais se organizam cultos durante a semana.

As Congregações interligam o que os assembleianos denominam de “campo eclesástico” ou “setor” – que

[...] se configuram em um grupo de igrejas de um mesmo Ministério numa mesma cidade. As igrejas sede regionais respondem à Igreja sede do Ministério. Assim, o membro de uma Congregação tem como líder o seu dirigente local, que por sua vez responde ao pastor setorial, que por sua vez responde ao pastor presidente do Ministério. (Fajardo, 2015. p. 13)

Destaque-se que muitas das igrejas construídas pelo Brasil afora são feitas em regime de mutirão e que elas surgem principalmente de locais com pouca valorização imobiliária, das periferias das grandes cidades, geralmente, e dos bairros de origem operária.

Em 1947 a Convenção foi realizada em São Paulo e neste evento o Pastor João Kolenda informou que “100 mil crentes foram batizados nas águas”. Em 1951 a Convenção Geral ocorreu em Porto Alegre e foi presidida pelo pastor Gustavo Nordlund.

Elencam-se, a seguir, as convenções ocorridas até 1983 para demonstrar a disseminação da Assembleia pelo Brasil.

Quadro 2 - Convenções ocorridas até 1983 no Brasil.

Ano	Data	Local
1930	05 a 10/09	Natal, Rio Grande do Norte
1933	09 a 16/04	São Cristóvão, Rio de Janeiro
1934	14 a 25/02	Recife, Pernambuco
1935	7 a 15/9	João Pessoa, Paraíba

1937	3 a 17/10	São Paulo, São Paulo
1938	5 a 11/8	Recife, Pernambuco
1946	21 a 28/10	Recife, Pernambuco
1947	6 a 11/10	São Paulo (Brás), São Paulo
1948	22 a 27/11	Natal, Rio Grande do Norte
1949	5 a 13/11	São Cristóvão, Rio de Janeiro
1951	22 a 26/10	Porto Alegre, Rio Grande do Sul
1953	15 a 19/6	Santos, São Paulo
1955	17 a 22/10	Belém, Pará
1957	11 a 15/11	Belo Horizonte, Minas Gerais
1959	16 a 21/11	São Cristóvão, Rio de Janeiro
1962	18 a 23/11	Recife, Pernambuco
1964	16 a 21/11	Curitiba, Paraná
1966	5 a 9/12	Santo André, São Paulo
1968	25 a 29/11	Fortaleza, Ceará
1971	18 a 23/10	Niterói, Rio de Janeiro
1973	25 a 28/01	Natal, Rio Grande do Norte
1975	20 a 23/01	Santo André, São Paulo
1977	18 a 21/01	Recife, Pernambuco
1979	21 a 26/01	Porto Alegre, Rio Grande do Sul
1981	18 a 23/01	Belo Horizonte, Minas Gerais
1983	19 a 26/01	Vila Velha, Espírito Santo

Fonte: Assembleia de Deus (1982, p. 37-38).

Afora esta base, cabe destacar a ruidosa Conferência de 1989, quando a abertura de uma igreja da AD na cidade de Cuiabá foi a *gota d'agua* para a cisão entre a CGADB e o Ministério Madureira. Esta cisão motivou a realização da 1ª Assembleia Geral Extraordinária da entidade, presidida pelo Pastor José Wellington Bezerra da Costa. Neste encontro, foi definido o desligamento de todos os pastores do ramo Madureira.

O Ministério Penha, comandado pelo pastor José dos Santos, tinha programas televisivos exibidos em rede nacional desde os anos 1970 – sogro de Silas Malafaia. Em 2010, Santos faleceu e Malafaia que já vinha disputando espaços internos com o Pastor José Wellington, anunciou, mesmo após ter sido eleito vice-presidente nacional da CGADB no ano anterior, que fundaria sua própria igreja. Assim, nasceu a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, depois de Malafaia ter anunciado em seu programa de televisão que renunciaria ao cargo para qual havia sido eleito na direção da CGADB. A importância do Pastor Silas Malafaia para as eleições de 2018 será posteriormente apresentada.

Além dos já citados Ministérios, muitos outros surgiram, pois, segundo Farjado (2015, p. 17),

[...] muitas vezes eles surgem a partir do confronto de um membro obreiro da AD com a sua liderança. Insatisfeito, o obreiro descontente acaba alugando um salão e fundando uma nova igreja. No caso, usar o nome Assembleia de Deus na nova denominação que está surgindo é fundamental para garantir o seu desenvolvimento e atrair novos membros, já que garante ao novo grupo o estabelecimento de um vínculo com o tradicional e o capital simbólico de uma denominação centenária no concorrido campo religioso.

O nome Assembleia de Deus é patenteado pela CGADB e nenhuma denominação religiosa pode usá-lo sem autorização da Convenção Geral, mas, contraditoriamente, nada impede que outra igreja se chame “Assembleia de Deus Y” ou “Assembleia de Deus X”. Para Marina Correa, que estuda os ministérios assembleianos, “[...] utilizar o nome “Assembleia de Deus” em uma nova igreja é como filiar-se a uma rede de franquias religiosas, em que o uso de uma marca bem colocada no mercado pode garantir o “sucesso” do empreendimento.” (Correa apud Fajardo, 2015, p. 17).

Outras cisões foram registradas antes e depois desta, no entanto, o interessante é que todas mantêm um rito mínimo assembleiano e nenhuma delas se afastou do pentecostalismo. Por tanto, quando falamos de Assembleia de Deus abordamos

[...] um grande “guarda-chuva” de comunidades pentecostais distribuídas nos chamados “ministérios” e convenções que desenvolvem uma variedade enorme de pentecostalismos, desde só que primam por uma formação teológica razoável, até os que se opõem a educação formal, desde os modelos mais autoritários, até as poucas experiências de governo congregacional efetivo. Há pentecostais conservadores, no sentido de acharem que estão zelando pela preservação de suas marcas de origem, mas há aqueles que se julgam pós-modernos, em que pese a confusão que este conceito encerra. (Baptista apud Fajardo, 2015, p. 18)

O Quadro 2, apresentado anteriormente, traz uma disseminação desta denominação religiosa no Brasil, tendo como base o número de cidades nas quais foram realizadas as Convenções, demonstram que a organização da Assembleia de Deus levou 11 anos para atingir uma maturidade que lhe permitisse se organizar de uma forma que pudesse olhar para o Brasil. De 1930 a 1983 foram organizadas 26 convenções, que foram realizadas em 16 cidades (excluindo desta conta as cidades repetidas), em 10 estados, compreendendo quatro regiões do Brasil. Cabe ressaltar que não foi identificado nenhum evento na região Centro-oeste.

Em geral este trabalho era realizado de forma voluntária, visto que não há registro de derrame de recursos por parte de qualquer lugar para propagar este trabalho. Também demonstra superação de limites linguísticos para propagar a mensagem religiosa, visto que o fato demonstra uma abnegação trazida ao Brasil pelos pioneiros suecos, que conseguiram propagar a religião de casa em casa.

Um dos motivos é o de que estes pregadores chegaram ao Brasil quando a abolição da escravidão ainda estava latente e muitos destes ex-escravizados, embora forçados a seguirem a religião oficial – Católica Apostólica Romana – tinham restrições de compartilhar do mesmo seio religioso de seus ex-senhores. Como a mensagem religiosa foi entendida como variação deste mesmo cristianismo popular, muitos dos negros e negras mais pobres, largados a sorte pelo recente regime republicano, absorveram com mais facilidade a mensagem. No entanto, segundo consolidações estatísticas que mais adiante exporemos, de 1930 até 1980, pelo menos, a organização era de uma proporção acentuada para o tamanho de público que arregimentavam.

Sobre os locais onde foram realizadas as convenções, pode-se observar que, embora houvesse um planejamento de ser realizado anualmente, os eventos ocorreram bianualmente, com exceção do período da II Grande Guerra, no qual houve um hiato, mais especificamente de 1938 a 1946. Houve uma propagação de cidades pelo país, não somente capitais, mas também importantes cidades interioranas. As localidades que receberam estes eventos nos apresentam uma fase nordestina, associada aos pioneiros e uma busca com sucesso posterior dos grandes centros concentradores de vasta população. Fato que indica que a evangelização buscava números de fiéis.

Desta forma percebemos que a AD se constituiu de um trabalho abnegado por parte de missionários que trouxeram para o Brasil as inovações do pentecostalismo e foi se organizando e adaptando aos tempos sem perder sua essência pentecostal.

3.1 O aspecto fractal da Igreja

A Assembleia de Deus criou uma mensagem religiosa que se adaptou ao Brasil diverso. A igreja se disseminou por “rachas”, visto que o padrão de culto foi sendo disseminado por pastores congregados a Convenção Geral e também por grupos de pastores que, por diversos motivos foram se fragmentando da organização central. São identificadas três fases de propagação do pentecostalismo no Brasil, sendo que a primeira delas, segundo Paul Freston (2008), assim descritas:

- 1- Décadas de 1910 a 1940: chegada simultânea da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus. Estas dominaram o campo pentecostal por 40 anos;
- 2- Décadas de 1940 a 1960: fragmentação do pentecostalismo com o surgimento de novos grupos – Evangélico Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor e muitos outros (contexto paulista);
- 3- Anos 70 e 80: advento do neopentecostalismo – Igreja Universal do Reino de Deus e outras (contexto carioca). (Breve História do Protestantismo no Brasil, Alderi Souza de Matos, p. 22)

Podemos afirmar que esta primeira fase de afirmação deste trabalho religioso pode ser caracterizada como sueco-nordestina. Houve um processo paulatino e gradual de crescimento ao longo das décadas seguintes, no qual se pode afirmar que “Da submissão ao Espírito Santo resulta o crescimento da Igreja” (Matos, 2011, p. 7). Da chegada dos primeiros missionários em 1910 até pelo menos a década de 1980, há a construção do Movimento Pentecostal no Brasil e esta denominação, com todas as suas nuances, se torna a segunda maior igreja do país. Cabe destacar que os pioneiros não conheciam ninguém no Brasil.

3.2 CPAD: da doutrina aos assuntos mundanos

A Assembleia de Deus possui uma Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), que foi primeiramente criada com a preocupação de espalhar o evangelho pelo Brasil e depois utilizada como instrumento de posicionamento público e divulgação de diversas publicações – hoje inclusive com página na internet – esta casa publicadora expressa os vínculos internacionais e mantém a doutrina religiosa da AD para seus milhares de fiéis. A ideia original surgiu na Convenção de 1936, em Belém do Pará e foi proposta pelo missionário Nils Kastberg, sua efetivação, no entanto, ocorreu somente em 1940.

Segundo o *site* da CPAD (2024, s/p.), “Antes disso, na década de 30, já circulavam o jornal Mensageiro da Paz (MP), as revistas “Lições Bíblicas” e alguns livros e folhetos, que eram publicados em gráficas particulares.”

Diferentes publicações, dentre elas destacamos: Os Hinários (o primeiro foi de 1921 chamado “Cantor Pentecostal”); dezenas de livros sobre estudos bíblicos, controvérsias, evangelização e missões, vida cristã, poesia, ficção e testemunho; livro sobre as Escolas Dominicais da Assembleia de Deus que orientam várias publicações para crianças de 4 a 5 anos (Minha Revistinha); Amigos de Jesus (6 a 8 anos); Estudando a Bíblia (9 a 11 anos); Mensageiros da Fé (12 a 14 anos); Vencedores (15 a 18 anos) e Lições Bíblicas (acima de 18 anos). O que estas revistas abordavam:

1. A Bíblia: sua leitura, estudo, pesquisa e memorização pelo aluno;
2. Missões e Evangelização: destaca a informação missionária;
3. Vocações: incentiva a vocação ministerial, mas também a profissional do educando;
4. Orientação junto ao lar: que traz como os pais devem ajudar os seus filhos no caminho da cultura bíblica secular, bem como a observação regular do Culto Doméstico, a oração, e a reunião de pais e mestres no âmbito da Escola Dominical;

5. Verdades Bíblicas: tratando do Batismo com o Espírito Santo, a cura divina, os dons do Espírito Santo, a operação de milagres pelo poder de Deus, a santificação, a renovação espiritual, a prevenção contra as heresias e a preservação dos bons costumes;
6. Grandes datas do Cristianismo, como: Natal, Ressureição, Pentecoste e outras Igrejas como: Dia das Missões, Dia da Reforma, Dia da Bíblia, Dia da Escola Dominical.

E essas Revistas têm como objetivo o conhecimento da Bíblia, a salvação, o crescimento espiritual, a servidão ao Senhor e a vida sempre renovada no Espírito Santo (CPAD, s/p, 2024).

Segundo Fonseca (2014), ao abordar a participação da comunicação da AD na conjuntura dos anos 1980/1990, o conjunto de publicações da CPAD assim se resume, destacando que algumas, como frisamos, foram lançadas anteriormente a criação desta casa publicadora:

Até a primeira metade da década de 1970, havia três periódicos principais publicados pela CPAD: o *Mensageiro da Paz* (MP), jornal oficial da Igreja fundado em 1930; a revista *A Seara*, destinada à publicação de "variedades", e a revista *Lições Bíblicas*, utilizada nas escolas dominicais. Em 1977, para atender especificamente os ministros da Igreja (pastores e evangelistas) foi fundada a revista *Obreiro*. A partir de 1979, na administração de Rangel Pires, foi lançada para o público jovem a revista *Jovem Cristão* e para o público feminino a revista *Círculo de Oração*. Além desses novos periódicos, no início dos anos 1980 a revista *A Seara*, que desde 1956 circulava como um periódico multitemático, passou a publicar matérias específicas sobre o "lar e a família cristã". (s/p)

Desta forma, fica claro que dos anos 1980 em diante a política de comunicação da Assembleia de Deus se volta para orientar seus fiéis sobre coisas mundanas ou mais precisamente, para mostrarem-se atentos ao contexto político da Nova República e de se inserirem nele.

No *site* da CPAD há uma descrição precisa do momento atual e da dimensão desta casa publicadora no ambiente assembleiano, que subscrevo a seguir, por entender que corrobora com os aspectos que serão trazidos a seguir para a presente pesquisa e que demonstram uma trajetória de crescimento surpreendente e do quanto a Igreja priorizou este espaço ao longo de sua história.

Descubra a CPAD - Saiba como chegamos até aqui

A Casa teve um início humilde e cresceu com muitas conquistas pela graça de Deus

A história da CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus - começa, oficialmente, em 13 de março de 1940, quando foi organizada juridicamente no Rio de Janeiro. Antes disso, na década de 30, já circulavam o jornal *Mensageiro da Paz* (MP), as revistas "Lições Bíblicas" e alguns livros e folhetos, que eram publicados em gráficas particulares. O primeiro registro do sonho de se fundar uma Casa Publicadora consta nas atas da assembleia geral da CGADB, realizada na AD de Belém do Pará, em 1936. Na ocasião, o missionário Nils Kastberg apresentou a proposta da Casa. O desejo de possuir oficinas gráficas próprias também foi registrado no jornal *Mensageiro da Paz*, em 1938, na coluna do jornalista Emílio Conde.

Em 1940, o presidente Getúlio Vargas exigiu, através de um decreto, que todos os jornais fossem registrados no Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), órgão que regulava a imprensa. O decreto estabelecia também que somente entidades com personalidade jurídica poderiam possuir jornais. Visto isso, para não ter que interromper a veiculação do jornal MP, o missionário Samuel Nyström, então pastor da AD de São Cristóvão (RJ), pediu ao presbítero Lauro Soares que providenciasse a elaboração de um estatuto de uma Casa Publicadora e que fizesse o seu devido registro em cartório. Feito isso, nasceu a CPAD que se tornou a proprietária do Mensageiro da Paz.

No ano de 1946, a gráfica que imprimia o jornal MP estava para ser desapropriada. Por esse motivo, a CGADB lançou a “Campanha do Milhão” em favor da Casa para a aquisição de uma máquina tipográfica. Outra medida tomada pela Convenção Geral foi o estabelecimento do dia 7 de setembro de cada ano como o “Dia da Casa Publicadora”, ocasião em que as Assembleias de Deus de todo o país recolhiam ofertas especiais para a CPAD. Foi isso que fez com que por muitos anos a editora pudesse se manter, apesar das muitas demandas e dificuldades que foram surgindo.

“Em janeiro de 1949, o Mensageiro da Paz passou a ser impresso pela editora em suas próprias impressoras (foto ao lado). Já na década de 60, a grande conquista foi a inauguração da sede da CPAD na Estrada Vicente de Carvalho (zona norte do Rio de Janeiro), onde permaneceu por 22 anos. Em 1977, foi lançada a revista “O Obreiro”, terceiro periódico da Casa, destinado à edificação de ministros e oficiais das Assembleias de Deus e, em 1978, começou a circular a revista “Jovem Cristão”, primeiro periódico totalmente em cores lançado pela CPAD.

Com o passar dos anos e a chegada da década de 90, a Casa ainda tinha uma presença muito tímida no mercado editorial evangélico brasileiro para uma editora que representa a maior denominação evangélica do país. A partir desse momento, uma nova postura foi adotada: transformar a Casa Publicadora numa editora moderna.

Em 25 de janeiro de 1992, a Casa Publicadora foi transferida para Bangu (zona oeste carioca) e, em 4 de março de 1993, Ronaldo Rodrigues de Souza, administrador de empresas e publisher, foi empossado diretor-executivo da CPAD. A partir desse ano até hoje, a CPAD entrou em um período sólido de prosperidade administrativa, editorial e financeira que nunca experimentara em toda a sua história.

Com esse novo pensamento, nos últimos anos, a tiragem de revistas de Escola Dominical passou de 1 milhão para mais de 2,2 milhões trimestrais. Em função disso, a cada três meses mais de dois milhões de novos alunos aprendem a Palavra de Deus todos os domingos. É a CPAD cumprindo o seu papel como a editora da Escola Dominical. Antes, eram vendidos 60 mil livros por ano, atualmente, são mais de 700 mil obras que atendem diversos segmentos de nossa igreja. Destacam-se as teológicas, comentário e dicionários.

Para atender aos países de fala hispânica e aos latinos morando nos EUA, a CPAD fundou, em 1997, a Editorial Patmos, seu braço editorial internacional com sede na Flórida.

No final do ano 2000, foi inaugurado um moderno prédio administrativo e editorial no mesmo terreno em Bangu para melhor acomodar a crescente equipe (foto ao lado). Nesses últimos anos, a editora adquiriu novas filiais e as modernizou, aproximando-se mais dos clientes e proporcionando conforto a eles. A intenção atual da Casa é implantar uma filial em cada estado do Brasil e mais uma na África.” (Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2024)

Desta forma, as dimensões deste trabalho ficam expressas nesta síntese e também nos permite perceber o peso que esta casa publicadora tem no meio evangélico e no mercado editorial brasileiro. Outro fato destacável foi a compra da Rede Record por parte da Igreja

Universal do Reino de Deus que ascendeu luzes. No entanto, muitas ações anteriores, aquisição de rádios, se somaram as diversas iniciativas de jornais e revistas que permearam a propagação da doutrina evangélica por parte da Assembleia de Deus durante muitas décadas anteriores a este fato, mas a televisão – a agora as redes sociais, especialmente as *lives* – mostram e amplificam a performance e o poder dos pastores.

Sobre a presença dos evangélicos na vida pública, Giumbelli (2008) destaca que há uma estrutura centralizada que promove grande adesão, pois suas ações produzem capilaridade popular. A junção destas duas partes (estrutura centralizada e capilaridade popular), permite ao mesmo tempo uma interlocução com as altas esferas do poder político e a penetração no cotidiano.

Pode-se dizer que os evangélicos vêm quebrando a condição do catolicismo, como “religião natural do brasileiro”. Embora não se pode aprofundar este tema no presente trabalho, é preciso dizer que há um remexer, pelo menos, na ideia de “cultura nacional” criada a partir do catolicismo, uma vez que

Até a primeira metade da década de 1970, havia três periódicos principais publicados pela CPAD: o *Mensageiro da Paz* (MP), jornal oficial da Igreja fundado em 1930; a revista *A Seara*, destinada à publicação de "variedades", e a revista *Lições Bíblicas*, utilizada nas escolas dominicais. Em 1977, para atender especificamente os ministros da Igreja (pastores e evangelistas) foi fundada a revista *Obreiro*. A partir de 1979, na administração de Rangel Pires, foi lançada para o público jovem a revista *Jovem Cristão* e para o público feminino a revista *Círculo de Oração*. Além desses novos periódicos, no início dos anos 1980 a revista *A Seara*, que desde 1956 circulava como um periódico multitemático, passou a publicar matérias específicas sobre o "lar e a família cristã." (Fonseca, 2014, p. s/p)

No presente almejam visibilidade. Entende-se que este futuro já chegou, visto que sua disseminação na sociedade e em parte do Estado brasileiro é gigantesca e tende a crescer ainda mais, pois eles estão redesenhando a religiosidade popular no Brasil e em países da América Latina.

Nenhuma esfera da sociedade está excluída de sua manifestação, apesar da religião se manter com referência básica, embora Giumbelli destaque que “[...] não se deseja chegar a sociedade em sua totalidade, se não chegar a muitas de suas diversas partes, através de ações que buscam tanto a ocupação de posições como a proliferação de referências (Fonseca, 2014, s/p)”. O autor chama de “Cultura pública”, destacando que, neste caso, cultura se remete mais a algo a se construir, mas a ser construído.

Juliano Spyer destaca o fato de, diferentemente das Igrejas Católicas, que geralmente estão situadas nas áreas nobres e centrais das cidades, como já afirmei anteriormente, as igrejas evangélicas efetivamente estão aonde o povo mais necessitado mora, no fundo das vilas, nas favelas. Nesse sentido, Giumbelli (2008, p. 86) identifica que nos locais de moradia mais

precários os evangélicos passam a articular formas distintas de sociabilidade e as mais diversas dificuldades são tratadas de frente e diariamente a partir das ações evangélicas nestes ambientes. Por exemplo, “[...] a ideia de que a conversão evangélica pode ser alternativa para escapar das redes de narcotraficantes pegou [...]”. Por outro lado, em muitas localidades, são identificadas relações entre a igreja e os narcotraficantes. Não há exatamente uma disputa de campo, muitas vezes convivência comum, outras vezes alianças. Dificilmente um traficante reclama a um pastor quando algum de seus soldados se converte e larga o ofício anterior, pois alguns estudos feitos em comunidades captam que por vezes “os traficantes incorporam expressões e práticas evangélicas sem terem que se converter” (2008, p. 87). De sua parte “os evangelizadores como mediadores entre os narcotraficantes tentando amenizar a violência e buscando caminhos para a conversão” (2008, p. 88).

Giumbelli salienta que “a presença evangélica esta introjetada na cultura das favelas” (2008, p. 88), afirmação que pode ser estendida para muitas comunidades carentes por todo o Brasil. A atuação dos evangélicos nas cadeias também é ponto de destaque, uma vez que nos grupos que se formam no interior das prisões o número de evangélicos já superam o de outras religiões.

A ação evangélica procura, como dissemos anteriormente, estar onde o povo está, caminhar onde o povo caminha. Neste sentido, há vastíssimos exemplos na região metropolitana do Rio de Janeiro, local que concentra em torno de 12 milhões de pessoas, segundo o IPEA³. As pregações ocorrem em praças e parques públicos, também em montanhas e morros, locais nos quais, em alguns casos, são articuladas ações de proteção e preservação destes ambientes. Há também vagões de cultos na Central do Brasil, ambiente que gerou conflitos com o Ministério Público deste Estado. Verificou-se que muitas pessoas preferiam viajar nestes vagões, visto que neles não ocorriam brigas. Mesmo no Cristo Redentor e em muitas réplicas desta imagem que existem no Brasil, estes locais foram tornados pontos de pregação evangélica.

No Rio de Janeiro e em muitas cidades do Brasil, existem praças com monumentos à Bíblia que foram construídos por evangélicos e em muitas localidades, já foram aprovadas nas Câmaras municipais e tornadas leis o “Dia do Evangélico”, criando o que Giumbelli (2008) chama de “monumentalização evangélica”.

³Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/redeipea/images/pdfs/governanca_metropolitana/projeto_governanca_oficina1_rj.pdf. Acesso em: 05 jan.2024.

A construção de grandes templos em grandes cidades eleva a construção da presença evangélica para outro patamar, uma vez que estes prédios portentosos ganham proeminência na paisagem urbana. Do fundo das vilas – local de onde nunca saíram – ganharam as entradas e os espaços nobres das grandes cidades. Um exemplo é a Catedral da Fé, situada na Avenida Dom Helder Câmara, na cidade do Rio de Janeiro, que abriga 12 mil pessoas, que têm livre acesso e “permite conhecer e aprender sobre a História do berço civilização judaico-cristã e verdadeiro patrimônio da humanidade” (Giumbelli, 2008, p. 90). Deste ambiente os evangélicos celebram convênios com escolas da rede estadual para incentivar o ensino religioso e também realizam atividades comemorativas com Israel.

3.3 A Assembleia de Deus perante outras igrejas e religiões

O processo constituinte de 1988 coloca em curso um novo momento da mobilização social evangélica. Interessante ressaltar que ao se reportar às estatísticas anteriormente descritas na presente pesquisa, verifica-se que a “explosão evangélica” na sociedade brasileira se deu justamente nos anos 1980. A constituinte gerou no meio evangélico uma “mobilização social significativa” e logrou condições singulares para o fortalecimento da sociedade civil e o debate de temas que contribuíram para consolidar e pluralizar a sociedade” (Giumbelli, 2008, p.92).

Esta mudança de atuação no campo religioso gerou a mobilização de altas autoridades evangélicas no final do Regime Militar, pois o saldo compreendido foi o de que pouca coisa mudou em relação ao distinto espaço que a Igreja Católica ocupava perante o Estado brasileiro. Ademais, havia um acompanhamento intenso por parte dos evangélicos do crescimento da Teologia da Libertação no seio da sociedade brasileira disseminada pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

É importante lembrar que o principal elemento de interlocução religiosa com o Estado brasileiro era a Igreja Católica, mas mesmo assim, o princípio da laicidade teve sua fundamentação mantida na Constituição Federal de 1988. Da mesma forma, são mantidos: os efeitos civis do casamento religioso, a assistência religiosa em instituições e o regime de internato; a oferta de escolas públicas do ensino religioso, situação prevista desde 1934 e que foi tradicionalmente um espaço de domínio católico, mas que na última década vem se pluralizando.

De certa forma podemos dizer que, se valendo da tradição liberal de constituição de uma liberdade religiosa, os evangélicos foram campeando espaços de afirmação e reconhecimento no Estado. Nesse sentido houve também uma reconfiguração cultural por parte dos evangélicos

fazendo uso de princípios, resguardados ou mantidos na Constituição federal de 1988 como a “a religião como sustentação do pacto social e a religião como destino nacional” (Horácio, 2019, p. 3). Antes isto tudo era singularmente e majoritariamente articulado pela Igreja Católica, agora passava também a ter uma participação intensa dos evangélicos já então instalados em partes expressivas do estado brasileiro.

Nas eleições de 2018, a Frente Parlamentar Evangélica lançou um manifesto “O Brasil para os Brasileiros”, um documento com 60 páginas apresentou propostas de modernização do Estado brasileiro, segurança jurídica, segurança fiscal e revolução na educação, além de fazer uma análise da conjuntura política brasileira. O coordenador da Frente, Deputado Federal Takayama (PSC/PR) afirmou que “[...] essa frente quer colocar o Estado, a máquina do Estado, a favor povo brasileiro” (BRASIL, 2018).

O Deputado reconhece que o Estado é laico, mas a população é de maioria cristã e escuda sua afirmação dizendo que “[...] cerca de 87% dos brasileiros são cristãos. Nós não queremos uma ditadura dessa maioria. Mas jamais vamos aceitar uma ditadura da minoria que quer azucrinar” (Dep. Takayama in op. cit.).

No texto, a Frente defende a redução do número de ministérios de 29 para 15; intensificação do teletrabalho para servidores que não trabalhem diretamente com atendimento ao público; defesa da aprovação do Projeto Escola Sem Partido (PL 7180/14).

3.4 A disputa com as religiões afrodescendentes

As religiões afrodescendentes são outro campo de disputa dos evangélicos. Os terreiros estão assentados nos mesmos territórios onde as igrejas se localizam e isto gera uma disputa por públicos. Em vários locais do Brasil a disputa extrapola o razoável e “vai às vias de fato”. As investidas evangélicas por vezes são dirigidas aos templos afro e, em alguns casos, o tráfico se associa e determina o fechamento dos terreiros, mas há também territórios nos quais as pessoas circulam nos dois ambientes e fazem suas escolhas religiosas livremente.

Para que seja compreendida a dimensão do tamanho da Assembleia de Deus em números de fiéis, o que faz dela a segunda maior igreja do Brasil, mas também para que se possa comparar suas proporções as demais denominações evangélicas, apresenta-se a Tabela 2.

Tabela 2 – Igrejas Evangélicas e número de fiéis

IGREJAS EVANGÉLICAS – N° DE FIÉIS			
Igreja Assembleia de Deus	12.314.410	Igreja Deus é Amor	845.383
Igreja Evangélica não determinada	9.218.129	Igreja Maranata	356.021
Outras Igrejas Evangélicas pentecostais	5.267.029	Igreja Evangélica Metodista	340.938
Igreja Evangélica Batista	3.723.853	Igreja O Brasil para Cristo	196.665
Igreja Congregação Cristã do Brasil	2.289.634	Comunidade Evangélica	180.130
Igreja Universal do Reino de Deus	1.873.243	Igreja Casa da Bênção	125.550
Igreja Evangelho Quadrangular	1.808.389	Igreja Evangélica Congregacional	109.591
Igreja Evangélica Adventista	1.873.243	Igreja Nova Vida	90.568
Igreja Universal do Reino de Deus	1.561.071	Igreja Evangélica de Missão	30.666
Igreja Evangélica Luterana	999.498	Igreja Evangélica Renovada	23.461
Igreja Evangélica Presbiteriana	921.209	TOTAL	42.275.438

Dados do IBGE: Censo/2010. Pesquisa de Angélica Barros, publicada no dossiê *Evangélicos no Brasil*, lançado na edição de dezembro de 2012 da *Revista de História do Museu Nacional*

Fonte: (SPYER, 2020, p. 76).

Segundo o Censo (IBGE, 2010), de 2000 a 2010, o grupo religioso que mais cresceu no Brasil foi a Assembleia de Deus, passando de 8,4 milhões de fiéis para 12,3 milhões. Neste período, todas as demais congregações perderam fiéis. Exceção feita aos denominados grupos de “outras igrejas evangélicas de origem pentecostal” que avançou de 1.2 milhões de membros para 5.2 milhões. Fajardo alerta que

[...] assim o Censo indica o crescimento de um pentecostalismo heterogêneo, cujas duas maiores expressões são os grupos (“outras igrejas evangélicas de origem pentecostal”) e a Assembleia de Deus, já que não é possível identificar a quais Ministérios os quase quatro milhões de novos assembleianos aderiram. O mais plausível é concluir que eles estão diluídos entre os diversos ramos dos diversos assembleianismos brasileiros, o que aponta para a ideia que procuramos desenvolver no decorrer do texto: a AD é uma igreja que cresce enquanto se fragmenta”. (2015, p. 18)

4. História da Assembleia de Deus no Rio Grande do Sul.

[...] a especificidade do pentecostalismo é tal que é a primeira grande religião mundial a ter crescido quase inteiramente no solo da favela urbana moderna (...) cresceu e tornou-se, comprovadamente, o maior movimento auto-organizado dos pobres urbanos do planeta. (DAVIS, 2006, p. 21 in Bianchi, 2021, p. 302)

Em 1924 São Leopoldo, então uma cidade que abrangia mais de 1.200 km², se mobilizava para comemorar os 100 anos de sua existência, sem dúvida um momento singular. Da mesma forma podemos identificar a modesta chegada do Pastor Gustavo Nordlund, com sua esposa Elisabeth e seu filho Herberto a Porto Alegre para realizar o primeiro culto. Segundo o *site* da CIEPADERGS, Nordlund chegou em 2 de fevereiro de 1924 na capital gaúcha e já em 15 de abril realizara o primeiro culto no Bairro Monserrat. O primeiro culto contou com a presença de um senhor de 70 anos que entrara no recinto para se proteger da chuva torrencial que descia sob Porto Alegre. O primeiro batismo foi realizado em outubro deste mesmo ano com 12 pessoas, sendo que nove eram provenientes de outras igrejas.

O crescimento do trabalho foi assim descrito pelo *site* da Assembleia de Deus de Porto Alegre

Como a colheita de almas era intensa houve a necessidade de se conseguir um novo local para os cultos. Foi quando, com o auxílio de uma irmã chamada Elisabeth, da América do Norte, e um sueco chamado Johanssen, amigos da família Nordlund, que ofertaram duzentos dólares cada um, valor que foi transformado em seis contos de réis, moeda brasileira da época, suficiente para a compra de um bom terreno, com uma casa na Travessa Azevedo, nº 30. Após adaptações, e dois anos de esforço, foi realizado o primeiro culto neste novo local, num domingo de páscoa no ano de 1926, agora numa capela que abrigava duzentas pessoas sentadas.

Da mesma forma pode-se destacar que a citação revela uma rede de apoio estabelecida fora do país. Esta contribuiu para dar os primeiros passos na rede assembleiana.

Em 1929, para poder comportar o avanço dos trabalhos, foi alugado um prédio na Av. Cristóvão Colombo esquina Comendador Coruja, com capacidade para 800 pessoas. A partir de 1933, iniciou-se um trabalho de coleta para aquisição de uma nova sede e a Igreja já contava com cinco congregações nos bairros de Porto Alegre e quatro escolas dominicais. Neste período, também se destaca o trabalho evangelístico feito junto aos donos de barcos que desembocam no estuário do Guaíba.

No *site* AD Porto Alegre (s/d) também encontramos o seguinte registro

O mês de fevereiro de 1939 tornou-se uma data histórica para a Assembleia de Deus em Porto Alegre. No dia 26 do referido mês, presentes os obreiros do Estado,

autoridades, representantes das várias igrejas evangélicas, inaugurou-se o templo da Assembleia de Deus, localizado à Rua General Neto, 384, Bairro Floresta. Sendo, na época, o maior templo da Assembleia de Deus no Brasil. As festividades de inauguração prolongaram-se por uma semana, com estudos bíblicos durante o dia e cultos à noite. (<http://adportoalegre.com.br/site/nossa-historia/> Acesso em 23.Dez.2023)

Em 1946, o missionário Nils chegou ao Estado para fortalecer o trabalho desenvolvido pelo pastor Nordlund. Ambos foram dividir um sobrado, alugado por Nordlund e saíram a pastorear em diversas cidades pelo Rio Grande afora. Nils teve que contratar uma professora para aprender o português, pois a barreira da língua não deveria atrapalhar seu trabalho evangelizador no estado. Superada esta situação verificou-se que

Quando Nils chegou ao Rio Grande do Sul, o irmão Gustavo Nordlund era o responsável pelo trabalho de todo o Estado e fazia visitas periódicas às igrejas. Mas ele havia determinado que o pastor Herberto atenderia a fronteira e o pastor Olavo Nunes atenderia a serra. As primeiras igrejas na fronteira estavam localizadas em Itaqui, São Borja, Uruguaiana, Alegrete, Quaraí e Itacurubi. Na serra eram Passo Fundo, Nonoai, Palmeira das Missões, Boi Preto e Cruz Alta.

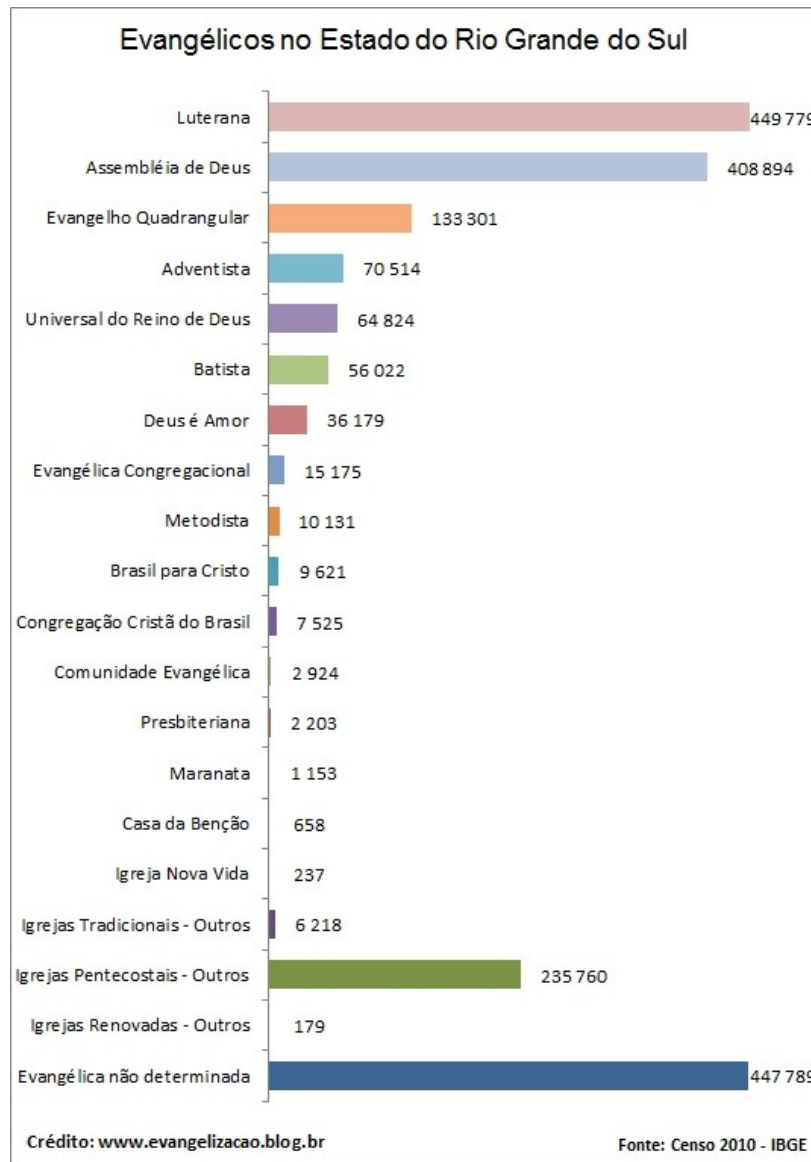
Este trecho extraído do *site* da CIEPADERGS indica uma diretriz de instalação da Igreja Assembleia de Deus nos cantos mais recônditos do Rio Grande do Sul. São distâncias enormes entre as cidades citadas e muitas delas não são necessariamente polos regionais, embora haja muitas, conforme corrobora a fala da chegada do Pastor Nils Taranger descrita abaixo:

A Assembleia de Deus tornou-se grande em toda a parte. As reuniões gerais ocorriam duas vezes por ano, como se fossem Convenções. Os assuntos administrativos eram muito pouco tratados, para que não tirassem o tempo do estudo da Palavra e da Oração. Durante o dia, eram realizados os Estudos Bíblicos, e, à noite, ocorriam os cultos de avivamento. Eram uma semana de festa espiritual e muitos milagres, e maravilhas aconteciam, e Jesus batizava centenas com Espírito Santo, pois os momentos de Oração eram indispensáveis antes de qualquer reunião, e a frequência era maciça. Essas reuniões eram abertas ao público, mas só eram consagrados ao pastorado, irmãos de tempo integral na obra. A igreja não admitia pastor com atividade paralela ao ministério.

Este trecho revela um trabalho profissionalizado por parte do pastorado. Esta situação indica uma rede de arrecadação e uma teia de igrejas, bem como um considerável número de fiéis já nos princípios do trabalho missionário assembleiano no RS.

O *site* da CIEPADERGS cita 307 igrejas autônomas, em 300 municípios do Rio Grande do Sul, das quais destaco as igrejas da cidade de São Leopoldo: AD São Leopoldo e AD São Leopoldo-Scharlau.

Ainda, segundo o *blog Evangelização*, os evangélicos e os assembleianos estão assim distribuídos:

Gráfico 1- Número de evangélicos no Rio Grande do Sul

Fonte: (IBGE, 2010).

A cientista política Elis Radmam (2022), que coordena pesquisas comportamentais em diversas localidades do Rio Grande do Sul, coordenou um levantamento em junho de 2022, com 1000 pessoas, que nos permite ter uma referência sobre o tamanho dos evangélicos na sociedade gaúcha. Primeiro, que este grupo representa 16,7% da população gaúcha e que de sua parte, os evangélicos tradicionais ou protestantes históricos compreendem 8,3%. Também demonstrou que no Estado, o percentual dos que se assumem católicos é de 46,5%, ou seja, por esta base temos uma diversidade religiosa que em partes replica o contexto nacional, mas que tem um item diferenciado, visto que os protestantes históricos são percentualmente maiores no RS do que no Brasil. Segundo o IBGE (2010), os protestantes históricos representam em média 5% no país, enquanto que no RS aparecem com 8,3%. Creio que este fato possa explicar a

situação de que tenhamos um percentual de evangélicos abaixo da média percentual nacional (22% no Brasil, contra 16.7% no RS – embora feito por bases diferentes).

Nesta mesma esteira, capta-se que Porto Alegre é a capital menos evangélica do Brasil. Segundo a revista Exame (s/p., 2023) a diferença entre uma e outra capital varia até quatro vezes, pois enquanto em Palmas (TO) se identificam 32,7% de evangélicos, em Porto Alegre há 11,65% se identificam com esta fé. No computo geral, São Paulo é a cidade com o maior número de evangélicos, 2.3 milhões, mas eles representam 21,88% do total da população, portanto, um pouco abaixo da média nacional (22.2%, segundo o Censo de 2010).

Desta forma, a seguinte distribuição percentual de evangélicos por capitais (em relação a população destas cidades).

Quadro 3 - percentual de evangélicos nas capitais brasileiras

Cidade	Percentual de evangélicos
Palmas (TO)	32,77%
Porto Velho (RO)	32,16%
Boa Vista (RR)	32,09%
Campo Grande (MS)	30,22%
Vitória (ES)	29,19%
Belém (PA)	28,24%
Macapá (AP)	26,59%
Brasília (DF)	26,58%
Cuiabá (MT)	26,33%
Recife (PE)	24,80%
Curitiba (PR)	24,03%
João Pessoa (PB)	23,87%
Maceió (AL)	23,5%
São Luís (MA)	23,47%
Rio de Janeiro (RJ)	23,05%
São Paulo (SP)	21,88%
Fortaleza (CE)	21,12%
Natal (RN)	20,65%
Salvador (BA)	19,42%
Aracaju (SE)	15,15%
Florianópolis (SC)	12,81%
Porto Alegre (RS)	11,65%

Fonte: Revista Exame (2016).

Segundo os números expostos pela mesma matéria, o que indicaria tal situação é o fato de Porto Alegre ter um percentual maior de auto identificados nas categorias “espírita – 7,03%, “candomblé e umbanda – 3,35” – considerada a maior do Brasil, além de ter um grupo considerável de pessoas que se intitulam “Sem religião – 10,38%”. Estes dados agregados ao já exposto acima sobre o percentual de protestantes históricos apresenta um campo menos fértil para o considerável crescimento da inserção evangélica na sociedade, embora ele também ocorra.

5. São Leopoldo: de bicicleta para o mundo

O foco desta dissertação é a cidade de São Leopoldo. Em função disso, busca-se compreender a diversidade de denominações evangélicas que se estruturaram na cidade, bem com sua inserção e fragmentação na comunidade leopoldense.

5.1 História da Assembleia de Deus em São Leopoldo

Antes, contudo, é preciso olhar os evangélicos em São Leopoldo. Nesse sentido, o Grupo Gestando o Diálogo Inter-religioso e Ecumenismo (Gdirec) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) nos apresenta um quadro do ambiente evangélico na cidade e sua multiplicidade. Vamos a ele:

5.1.1 Evangélicos em São Leopoldo

O Observasinos (Observatório da Realidade e das Políticas Públicas do Vale do Rio dos Sinos), em uma publicação do IHU – Instituto Humanitas, da Unisinos faz uma breve análise dos números do IBGE sobre a configuração religiosa evangélica na cidade de São Leopoldo, baseado na movimentação populacional ocorrida na década de 2000 a 2010. O título do documento é “Opções Religiosas em São Leopoldo”.

Neste relatório, frisa-se que, segundo o IBGE, a Igreja Católica em São Leopoldo abrangia 76,8% da população em 2000 e em 2010 65.92%, portanto, tendo uma substancial queda, apesar de ainda manter a hegemonia religiosa local, repetindo contexto ainda persistente no Brasil

Por sua vez, as Igrejas Evangélicas e suas muitas denominações apresentam um destacado avanço assim descrito em seus detalhes:

a) “Evangélicos de missão”:

Igreja Batista;

Igreja Adventista;

Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB);

Igreja Evangélica Episcopal (IEAB) e

Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECLB) que juntas perfaziam 6.38% da população leopoldense em 2000.

No Censo de 2010 (IBGE, 2010) foi identificada uma redução de fiéis de 5.15% para 3.72% em relação ao ano 2000 nas seguintes congregações; assim apresentada em 2010:

Igreja Evangélica Luterana – 3.72%

Igreja Evangélica Batista – 0.03%

Igreja Evangélica Metodista – 0.02%

Igreja Evangélica Presbiteriana – 0.02%

Igreja Evangélica Confessional – 0.05%

Desta forma Inácio José Sphor, coordenador do GDirec conclui que:

Assim como o catolicismo romano, as evangélicas de missão tiveram uma diminuição que engloba 2.6% da população do município durante a década de 2000-2010. Perderam adeptos as Igrejas Luterana (2,69%), Batista (0,32%) e outras evangélicas de missão (0.03%). Ganharam mais adeptos as Igrejas Adventista e Presbiteriana (0,02%), enquanto neste mesmo período a Igreja Evangélica Metodista manteve estáveis 0.03% dos adeptos; a Igreja Evangélica Congregacional sem registros em 2000, conquistou 0,02% dos habitantes em 2010”. (SPHOR, 2015).

b) Igrejas Evangélicas de Origem Pentecostal

Assembleia de Deus: 6,84% da população leopoldense (14.641 habitantes), sendo que esta denominação cresceu aos seus quadros mais 1,44% da população em uma década Universal, Quadrangular, Deus é Amor: 3,57% (7.641). Destas a Igreja Deus é Amor cresceu 0,27% no intervalo entre os censos. Já a Universal perdeu de suas hostes 0,82% dos fiéis. Situação semelhante, por sinal, vivenciaram a Congregação Cristã para Cristo (-0,05%); Brasil para Cristo (-0,05%) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (-0,82%).

c) Igrejas Evangélicas sem vínculo institucional e não determinada

No Censo de 2000 (IBGE, 2000) os chamados “evangélicos sem vínculo” eram 0.62% da população leopoldense, somando 1.208 aderentes. Na avaliação deste mesmo item no Censo de 2010 **Igrejas Evangélicas sem vínculo institucional e não determinada.**

No Censo de 2000 (IBGE, 2000) os chamados “evangélicos sem vínculo” eram 0.62% da população leopoldense, somando 1.208 aderentes. Na avaliação deste mesmo item no Censo de 2010 houve mudança de nomenclatura apresentando um percentual de 6.38% de aderentes,

o que indicava 13.662 pessoas. Houve mudança de nomenclatura apresentando um percentual de 6.38% de aderentes, o que indicava 13.662 pessoas.

5.2 Assembleia de Deus de São Leopoldo

Em São Leopoldo, a Assembleia de Deus está organizada desde 1936, conforme sequência abaixo extraída de seu *site*, que hoje está fora do ar. Do *site*, foi extraída uma linha do tempo que apresenta a chegada, a inserção e indica o trabalho feito por este grupo na cidade. Destaca-se que a AD tem dois campos na cidade: 1) um coordenado pelo Pastor Arnaldo Freitag, que tem abrangência regional no Vale dos Sinos e; 2) outro coordenado pelo Pastor Albertino que compreende a AD Scharlau. Os, em torno de 15 mil, autoidentificados pelo Censo de 2010 (IBGE, 2010), são absorvidos em pelo menos 96 espaços de congregação na cidade. Segundo o Pastor Arnaldo, cerca de 40% desta são contribuintes regulares, o que indica uma massa de mais ou menos 6 mil pessoas que frequentam regularmente estes espaços. Há, portanto, um público flutuante considerável, mas que compõem o que poderíamos chamar de espectro assembleiano na cidade.

A linha do tempo extraída do blog Assembleia de Deus em São Leopoldo (2023), assim segue:

1936- Um grupo composto por Gustavo Nordlund, Herbert, Amaro, Viana e Czeslavo vieram de bicicleta abrir um novo campo missionário. Eles ficaram se revezando e vinham toda a semana realizar o culto a Deus na casa de irmãos.

Aqui há que se registrar que embora ao lado de Porto Alegre, onde Gustavo Nordlund chegou em 1924, o trabalho evangelístico chegou primeiro em outras cidades, levando 12 anos para irromper os pouco mais de 30KM que separam a capital de São Leopoldo.

Embora as condições de locomoção fossem restritivas, pois havia comunicação de barco e a primeira estrada asfaltada – ligando São Leopoldo a Porto Alegre fosse inaugurada nos anos 1930, o que, provavelmente explica esta distância temporal, mais que física seja o fato de São Leopoldo ter uma forte atuação católica. Além de ter padres destacados, mas também ser um ponto de irradiação do protestantismo luterano, cidade foi ponto de chegada destes no Estado do Rio Grande do Sul. Mesmo assim, destaca-se um padrão de inserção que permeou o pentecostalismo nos EUA e no Norte do Brasil: um trabalho voluntário, feito em quaisquer condições e que literalmente ia abrindo picadas conquistando individualmente e montando uma rede social praticamente do zero.

1943- Formação do Coral de Quatro Vozes na casa, de um irmão, localizada na rua São Joaquim.

1951- Em 31 de janeiro, o Ev. Czeslavo Pakulski assume o trabalho que pertencia à igreja de Porto Alegre. Comprou-se o terreno na Rua Bento Gonçalves, 755 por Cr\$ 1.200,00.

1953- Em 1º de maio é inaugurada a Igreja Central com aproximadamente 200 membros.

1954- Aconteceu uma divisão que originou a chegada de um novo pastor.

1955- Empossado o Pr. Aleixo Flores da Cunha em 10 de outubro.

1956- O pr. registra a igreja com o nome de Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Vale do Rio dos Sinos, porque aconteceu um problema e o nome Igreja Evangélica Assembleia de Deus de São Leopoldo fora registrado antes por outra pessoa.

1960- Formação da Banda Arautos de Sião.

1982- A igreja que era composta por 17 cidades começou a se desmembrar. O campo era composto pelas seguintes cidades: São Leopoldo, Canudos, Campo Bom, Estância Velha, Caxias do Sul, Rolantinho, Rolante, Taquara, Esteio, Sapiranga, Montenegro, São Sebastião do Caí, São Francisco de Paula, Sapucaia do Sul, Canoas, Canela e Gramado. (a força do campo de São Leopoldo). (AD São Leopoldo, 2023)

Como se observa, a Assembleia de Deus organizada em São Leopoldo serve de referência para várias cidades da região, atuando como um polo aglutinador.

1986- Julibeu de ouro pelos 50 anos do trabalho em São Leopoldo. Pr. Aleixo recebe o título de cidadão leopoldense. Sendo o primeiro negro a receber esse título na cidade. É feito o monumento a Bíblia na praça dos brinquedos.

1988- Pr. Bento Alcebiádes Teixeira vem auxiliar o Pr. Aleixo, durante um período de sete meses (novembro de 1988 até abril de 1989) .

1989- Pr. Avelino Maicá Silveira assume o campo, vindo da cidade de Santa Maria. Construindo as Igrejas: Schuck, Paulo Couto, Barreiras (atual Lago São Borja) e Vila Branca

1997- O Pr. Albertino Rosa fica auxiliando a igreja até a chegada do novo Pr., durante 1 ano e 3 meses.

1998- No dia 26 de março, assume o Pr. Adalberto dos Santos Dutra. O mesmo dá autonomia ao campo da Scharlau. A Igreja antes jamais havia visto tamanho crescimento no trabalho. O Pr. reforma várias igrejas entre elas podemos citar: Cohab Duque, Uirapuru, Feitoria, Central etc. Em setembro, comprou o monumental Centro de Eventos, espaço enorme, onde todo o campo se reúne em diversos congressos e eventos da igreja. Além de construir inúmeros novos templos.

1999- Departamento de missão começa a crescer grandemente. Atualmente, possui os seguintes campos missionários no RS: Lagoão, Colinas, Imigrante, Pouso Novo, Amaral Ferrador. Duas cidades no estado do Ceará. Nos seguintes países: Argentina, Haiti, Estados Unidos, República Dominicana, Paraguai e Colômbia. Além de ter iniciado um trabalho no continente africano. (AD São Leopoldo, 2023)

O papel da Assembleia de Deus organizada em São Leopoldo conquista dimensões internacionais, demonstrando parte desta rede assembleiana mundial.

2001- Fundação da Rádio Feitoria FM no dia 24 de abril. Através da rádio o Pr. Adalberto pode alcançar muitas almas para Cristo. O seu programa até hoje é líder de audiência.

2002- O Pr. Adalberto recebe o título de cidadão Leopoldense. Honra e reconhecimento pelo excelente trabalho na obra de Deus na cidade.

2009- Reforma da igreja Central.

2013- Pré-inauguração do grande templo da Assembleia de Deus em Apóstoles/ Argentina.

2014- Criação do departamento de pediatria, que facilitará o entrosamento dos novos convertidos na igreja. Esse departamento foi criado devido o grande número de almas que estão aceitando Jesus na Igreja do Vale do Rio dos Sinos. Comemoração pelos 16 anos do pr. Adalberto em São Leopoldo. (AD São Leopoldo, 2023)

Este breve histórico apresenta sinteticamente a capilaridade da Assembleia de Deus em São Leopoldo, bem como demonstra sua influência regional, sua capacidade missionária. Destaque-se também as relações com a Argentina, o que indica uma articulação latino-americana. Ademais, percebe-se que alguns de seus expoentes têm muita influência na cidade, o que sugere que suas figuras públicas vão além do seu círculo religioso. Também apontam interação e reconhecimento político na comunidade.

Marcha para Jesus em São Leopoldo

São Leopoldo teve, por muitos anos, a Marcha para Jesus. Depois da pandemia ela não mais ocorreu, porém, como pesquisador, acompanhou-se mais diretamente a ocorrida em 2019.

Sobre a Marcha para Jesus, Oliveira esclarece que se trata de um movimento internacional dos evangélicos iniciada em Londres, em 1987 pelo pastor Roger Thomas Forstes, “surge como um movimento que colocava nas ruas a celebração da fé cristã, fundamentalmente na perspectiva evangélica.” (2015, p.15). Oliveira define a Marcha para Jesus da seguinte forma:

A Marcha para Jesus é uma manifestação pública, constitui-se em um meio de dar visibilidade e expressão a questões, inicialmente, de interesse privado, mas que são lançadas como uma demanda coletiva, decorrente de uma moral e de uma ética confessada pelo grupo religioso, do seu *ethos*.

Sobre a sua chegada no Brasil, Oliveira (2015, (p.15-16) relata que

Segundo o depoimento do Pastor Édson Ferreira Guiné, esse modelo foi importado para o Brasil e a primeira edição aconteceu na cidade de São Paulo-SP, em 1993, liderado pela Igreja Renascer em Cristo, passando primeiramente aos cuidados do Pastor João Gonçalves, da Assembleia de Deus, o qual junto do Pastor Jabes Alencar, da mesma denominação, encomendou a Marcha ao Pastor Estevão Hernandes, da Igreja Renascer em Cristo, por entenderem que ela não se viabilizaria a partir de sua denominação. Essa primeira edição reuniu mais de 200.000⁵ pessoas na Avenida Paulista, a mais famosa da maior capital brasileira, dando visibilidade a uma identidade consolidada em torno da celebração de Jesus Cristo, elemento central da fé evangélica.

Portanto, ocorre uma situação de expressão pública dos evangélicos no Brasil que não vingaria, ou pelo menos não teria a dimensão proposta se não tivesse a participação da Assembleia de Deus na sua organização e como parte expressiva da sua mobilização. Atualmente, o evento que ocorre em São Paulo é tido como “o maior evento cristão do mundo”. (Oliveira, 2015, p. 16)

O autor frisa que em São Leopoldo ocorreu pela primeira vez em 2011 organizado por uma empresa de eventos evangélica denominada Ministério Marcha para Jesus comandada pelo casal de pastores Edson Ferreira Guiné (Brown) e Roselane Eva da Rosa. A empresa é assim descrita por Oliveira:

“Essa empresa atua na criação, projeto, organização e produção de eventos em geral, além de cursos, seminários, convenções e campanhas publicitárias, tendo se destacado pela promoção de diversas Marchas para Jesus na região metropolitana de Porto Alegre. Segundo o pastor Edson, a escolha do nome da empresa foi inspirada em sua experiência na Marcha para Jesus de São Paulo-SP, procurando abranger as igrejas como um todo, sem distinções denominacionais.” (Oliveira, 2015, p. 16).

O referido casal trabalhou em São Paulo nas oito primeiras edições da Marcha para Jesus e são originários da Igreja Renascer em Cristo – do Bispo Hernandes e da Bispa Sonia Hernandes. Em verdade, na cidade havia já há muito um interesse do ConPas-SL, o Conselho de Pastores, pois os pastores Ademir e Giesta relatavam que os eventos públicos ocorridos na cidade não mobilizavam uma quantidade de pessoas que expressasse a força popular evangélica. Nesse sentido,

Segundo o Pr. Joel Giesta, presidente e um dos fundadores do ConPas SL, não havia ocorrido, ainda, em São Leopoldo, eventos que reunissem número superior a 1.000 pessoas nas ruas. Ele relata que há aproximadamente 14 ou 15 anos foram realizadas duas caminhadas na rua Independência, mas essas não reuniram não mais de 1.000 fiéis cada. Por causa desse histórico e o fato de Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, em sua a MPJ, haver reunido em 2011 cerca de 3.000 evangélicos, estimou-se que se houvesse a participação de 1.000 pessoas em São Leopoldo naquele ano estaria de bom tamanho. (Oliveira, 2015, p. 17).

Oliveira, por sinal, relata um diálogo com o prefeito petista Ary Vanazzi, ocorrido neste mesmo ano (2011) que disse que “O então prefeito da cidade, Ary José Vanazzi brincou provocativamente com o Brow e sua esposa Rose, dizendo que se dessa vez os evangélicos reunissem 1.000 pessoas na rua Independência, ele lhes pagaria um churrasco. A MPJ de São Leopoldo em 2011 reuniu, segundo a organização, aproximadamente 10.000 fiéis⁹ e foi considerado o maior evento interdenominacional do estado Gaúcho naquele ano”.

Sobre o ConPas-SL Oliveira esclarece que “Este conselho existe desde 1999 e, no biênio 2015-16, é presidido pelo pastor Joel Giesta da Igreja Aliança Bíblica de Avivamento. A atividade do ConPas SL visa conciliar as lideranças evangélicas da cidade, a fim de promover unidade entre as igrejas, objetivando tanto representar, como deliberar oficialmente sobre assuntos de interesse comum ao segmento evangélico no âmbito do município. Na ocasião das entrevistas foi mencionado que há, nos encontros semanais do ConPas SL, a presença regular de muitos pastores, apesar de muitos outros participarem apenas ocasionalmente das reuniões. Ou seja, apesar do caráter interdenominacional do Conselho, e de ser reconhecido legalmente pelos órgãos públicos, há, na prática, muitas lideranças que não se valem de tal prerrogativa, ou não se reconhecem nesse conselho, fato que corrobora as estatísticas que apresentam a heterogeneidade do campo evangélico brasileiro”. (Oliveira, 2015, p. 17).

Em São Leopoldo, como referi, as Marchas para Jesus ocorriam na Rua Grande – principal e histórica via da cidade, concentradas na convergência com a Av. João Correa – onde o trânsito

pulsa por esta artéria na qual praticamente toda a cidade passa todos os dias. Os eventos ocorriam nos sábados, as vezes pela manhã, outras vezes pela tarde.

Nesta parte, extraída do site anteriormente citado, apresentaremos agora a visão, missão e construção teológica desta denominação religiosa, embora tenha identificado participação nas redes sociais, ela se apresenta mínima e não é possível dizer que a figura dos tele-evangelistas se apresente em São Leopoldo, mas mesmo assim, há esta exposição de princípios, missão e de filosofia da referida igreja na página da AD da cidade.

MAIS QUE UMA IGREJA



Igreja Assembleia de Deus do Vale do Rio dos Sinos é uma comunidade de fé enraizada no amor por Deus. Acreditamos que o culto não é encontrado apenas em uma única ação, mas é algo expresso em tudo o que fazemos. Nossa filosofia se baseia profundamente nas Escrituras Sagradas que são o único manual para a vida. Venha e junte-se a nós para experimentar a graça de Deus por conta própria. Há um lugar especial para você na nossa igreja

Quem Somos

Somos uma igreja bíblica e cristã, pois temos como regra de fé e prática a Bíblia Sagrada – A infalível Palavra de Deus e cremos em Jesus Cristo como o Filho de Deus, único e suficiente Salvador de nossa vida; seguimos seus ensinamentos, pregamos o seu evangelho e vivemos em novidade de vida, em Cristo.

Nossa Visão

Uma igreja para ser verdadeira deve ser bíblica, portanto buscamos constantemente ser uma igreja relevante na comunidade, atingindo e desenvolvendo o ser humano, o ajudando a cumprir o propósito de Deus para a sua vida, através do serviço cristão. Tendo como lema: Jesus Cristo Salva, Cura, Batiza com o Espírito Santo e em breve voltará!

Nossa Missão

Entendemos que a igreja tem uma tríplice missão: Adoração, Edificação e Evangelização

1. Adoração: Glorificação ao nome do Senhor. Modo de ser, agir e pensar. Jo 3.23,24; At 13.1-3.
2. Edificação: Aperfeiçoamento, fortalecimento, crescimento. O ensino é a salvaguarda dos que são ganhos para Cristo. Ef 3.14-21; 4.11-16; Gl 4.19-20; Jo 17.15-23; 1Pe 3.15; 2Pe 3.18.
3. Evangelização: Anunciar o evangelho para salvar vidas, do mundo e do pecado (At 1.8; Mt 28.18-20; Lc 24.47).

É a maior missão da igreja, mas não a única de nossa responsabilidade (At 19.10). Preservar os frutos para transformarem-se em ganhadores de almas.

Nossos Valores

Conceito de vida baseado na Bíblia Sagrada. Estão relacionados ao Fruto do Espírito Santo, que produz no cristão uma nova vida e são representados por meio das suas atitudes, conforme o apóstolo Paulo descreve no livro de Gálatas, capítulo 5 e versículo 22:

AMOR: o interesse e a busca de querer bem outra pessoa sem nada em troca.

ALEGRIA: sensação de alegria baseada no amor, na graça, nas bênçãos, nas promessas e na presença de Deus.

PAZ: tranqüilidade de coração e mente, baseada na convicção de que tudo vai bem entre o cristão e seu Pai Celestial, Deus.

LONGANIMIDADE: perseverança, paciência, ser tardio para irar-se ou para o desespero.

BENIGNIDADE: não querer magoar ninguém, nem lhe provocar dor.

BONDADE: zelo pela verdade e pela retidão, e repulsa ao mal.

FÉ: lealdade constante e inabalável ao Senhor com quem estamos unidos por promessa, compromisso, fidelidade e honestidade.

MANSIDÃO: moderação, associada à força e à coragem; descreve alguém que pode irar-se com iniquidade quando for necessário, e também humildemente submeter-se quando for preciso.

TEMPERANÇA: o controle ou domínio sobre nossos próprios desejos e paixões, inclusive a fidelidade aos votos conjugais; também a pureza.

Nosso Credo

1 - Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).

2 - Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17).

3 - Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).

4 - Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).

5 - Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).

6 - No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).

7 - No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).

8 - Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pd 1.15).

9 - No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).

10 - Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1 Co 12.1-12).

11 - Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16, 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5 e Jd 14).

12 - Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10).

13 - No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).

14 - E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

5.3 Resultados eleitorais das eleições de 2018 em São Leopoldo

As eleições em São Leopoldo foram vencidas por Jair Bolsonaro, destacando que em função de nosso foco ser na eleição presidencial vamos tabelar somente estes votos, mas embora exista um contexto específico, que levou a este resultado de vitória no Brasil e em São Leopoldo, a exposição destes números nos remete a participação dos evangélicos neste número majoritário de Jair Bolsonaro (PSL) na cidade.

Destacamos também que diferente das eleições presidenciais de 1989, quando Fernando Collor, também um candidato sem partido estruturado na cidade, ficou em terceiro lugar no primeiro turno e em segundo lugar no segundo turno, Bolsonaro, quase que com as mesmas condições, superou a votação do candidato do PT na cidade. As outras derrotas de candidatos do PT na cidade, mesmo Lula, se deram para candidatos de partidos estruturados na cidade e a nível nacional.

Apesar de não ter instrumental formal para quantificar o centro da abordagem que fazemos neste trabalho, credita aos evangélicos grande parte desta diferença nas eleições de 2018, visto que atuaram enquanto bloco organizado, repetindo uma orientação geral do país e um trabalho feito pelo interior das igrejas. Segundo o TSE os números foram os seguintes:

a) Primeiro turno

Quadro 4 - Percentual de votos em São Leopoldo no 1º turno em 2018.

Candidatos	Votos	Percentual
Jair Bolsonaro (PSL)	66.908	53.79%
Fernando Haddad (PT)	27.403	22.03%
Ciro Gomes (PDT)	15.614	12.55%
Geraldo Alckmin (PSDB)	4.758	3.82%
João Amoedo (Novo)	4.471	3.59%
Henrique Meirelles (MDB)	1.622	1.30%
Cabo Daciolo (Patriotas)	993	0.80%
Marina Silva (Rede)	904	0.73%
Alvaro Dias (Podemos)	808	0.75%

Guilherme Boulos (PSOL)	777	0.62%
Vera (PSTU)	71	0.06%
João Goulart Filho (PPL)	41	0.03%
Eymael (Democracia Cristã)	25	0.02%

Fonte: TSE (2018).

b) Segundo turno

Quadro 5 - Percentual de votos em São Leopoldo no 1º turno em 2018.

Candidato	Votos	Percentual
Jair Bolsonaro	76.586	63.95%
Fernando Haddad	43.166	36.05%

Fonte: TSE (2018).

As tabelas acima demonstram que no primeiro turno Jair Bolsonaro (PSL) fez mais que o dobro do que o segundo colocado – Fernando Haddad (PT) e superou a soma de todos os candidatos registrados juntos. No segundo turno a diferença se ampliou, sendo que Jair Bolsonaro (PSL) se aproximou dos dois terços do voto dos leopoldenses, enquanto Fernando Haddad (PT) pouco cresceu.

Respeitado o resultado padrão da Nova República, principalmente após os anos 1990, o resultado seria de provável vitória do candidato do PT ou do PSDB, repetindo o que ocorria em todo o Brasil. Nesta eleição, o candidato Jair Bolsonaro ocupou o espaço do PSDB e concentrou em torno de si os votos conservadores e de direita, bem como agregou setores pouco afeitos ao processo eleitoral e que se viam pouco representados nas hostes tucanas.

Neste contexto, os evangélicos de São Leopoldo (54 mil pessoas, segundo o Censo do IBGE de 2010) se mobilizaram em bloco majoritário pela candidatura de Jair Bolsonaro. Os motivos abordamos anteriormente, mas de fato, o candidato se apresentou como um deles, repercutiu sua agenda moral e colocou-se como uma voz forte, com autoridade (vista pelos evangélicos).

As evidências indicam que os evangélicos atuaram no vazio partidário criado no âmbito local. Justamente por serem orgânicos, organizados e por terem um contingente mobilizado diariamente. Sua atuação foi irradiada a partir de sua gigantesca bolha (54 mil leopoldenses).

6. Metodologia de Pesquisa

Inicialmente, vejo o desenvolvimento metodológico desta proposta desde a perspectiva de uma pesquisa qualitativa. Nas palavras de Trivínos (1987, p. 124):

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade.

Como primeiro passo da metodologia da minha pesquisa, realizei uma vasta revisão bibliográfica para resgatar, com maior precisão, o estado da arte sobre os temas relacionados com a minha dissertação, muito especialmente a relação entre religião e política, conforme expresso nos primeiros capítulos. Tenho conhecimento que a revisão bibliográfica não é uma técnica uniforme, pois existem diferentes parâmetros que direcionam a sua realização, mas busquei trazer diferentes perspectivas que dão base para o fundamento da pesquisa.

A partir da revisão bibliográfica, a análise documental assentada nos documentos públicos que existem sobre a estruturação da Igreja Assembleia de Deus na cidade de São Leopoldo, estabeleceu os marcos organizativos dessa organização religiosa na cidade, assim como as regiões nas quais possui maior concentração de templos e cultos.

A terceira fase da pesquisa está concentrada em entrevistas com os pastores da Igreja, dos quais foram entrevistados dois, que apresentarei a seguir, sendo que realizei entrevista semi-estruturada (Anexo I da presente dissertação) na qual foi possível resgatar informações sobre a participação dos pastores nos debates eleitorais referentes às eleições presidenciais de 2018. De acordo com Tim May (2004), a entrevista semi-estruturada é identificada pelo seu caráter aberto e com isso pude dar liberdade para os entrevistados responderem as questões de acordo com as suas convicções. De modo geral, "as perguntas são normalmente especificadas, mas o entrevistador está mais livre para ir além das respostas (...)" (May, 2004, p. 163).

Por fim, pretendia organizar um grupo focal junto com fiéis que participam dos cultos da Igreja, pelo menos, desde 2018, com o objetivo de resgatar a memória dos participantes

sobre os debates envolvendo questões eleitorais que eram travados nos cultos no ano anteriormente referido. De acordo com Gondim, o grupo focal explora atividades coletivas – em grupo, visando

[...] discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos. (GONDIM, 2003, p. 151)

Entretanto, algumas situações atravessaram o planejamento feito no projeto de pesquisa e a seguir me debruçarei em alguns percalços que encontrei no caminho.

6.1 Resultado das entrevistas

Em que pese a proposta inicial de pesquisa no ambiente assembleiano leopoldense, quero registrar que, provavelmente em função do papel que ocupo no governo local, tive algumas gentis dificuldades para realizar o intento.

Destaco que tive o cuidado de não proceder a investigação durante o período eleitoral de 2022 (de cunho nacional e estadual), visto que percebi uma intensa movimentação por parte de grupos evangélicos, não necessariamente somente de assembleianos. É bem verdade que esta movimentação eleitoral por parte dos evangélicos ocorreu em todo o país, visto que as lideranças de projeção nacional se posicionaram publicamente, a maior parte em favor da candidatura de Jair Bolsonaro (PL). Entendi que, nestas condições, realizar qualquer ação de campo poderia dificultar ainda mais o olhar para este ambiente.

Ademais, pude constatar que, embora sejam de bom trato, abertos e receptivos, os assembleianos são um grupo fechado que pouco falam de si, com isso tive que reduzir o projeto inicial para o que apresento agora.

Vamos analisar as entrevistas sobre três prismas, quais sejam: perfilação, atuação religiosa e participação política, sendo que este último item é o que buscamos como foco da nossa abordagem e proposta desta dissertação, os quais agora apresento individualmente.

6.1.1 Perfilação

Embora realizem grandes eventos públicos, todos abertos ao público, como os que tive oportunidade de participar, a inquirição não era tratada tão receptivamente assim. Consegui

diversas entrevistas com o Pastor Arnaldo Freitag, Presidente da Assembleia de Deus do Vale do Sinos, mas não obtive apoio na montagem de grupos focais de fiéis e nem mesmo para acessar o conjunto de pastores que administram os 54 espaços (nem todos coordenados por pastores) que se reúnem frequentemente com o Presidente. Também destaco a intensa agenda do Pastor Presidente, visto que ele compõe a Direção da Convenção das Igrejas Assembleia de Deus do Rio Grande do Sul (CIEPADERGS), ocupando o cargo de tesoureiro geral no Estado do Rio Grande do Sul.

Da parte do Pastor Laureado Adalberto Santos Dutra, consegui muitas entrevistas de seu longo pastorado na cidade e na região, bem como da indicação de membros da igreja que me concederam entrevistas.

Entrevistar duas pessoas de alto escalão na Assembleia de Deus, sem dúvida me permitiu ter uma visão institucional e também me possibilitou visualizar o peso que a AD de São Leopoldo tem na estrutura institucional assembleiana no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil, visto suas participações na estrutura da Convenção Geral da Assembleia de Deus no Brasil (CGADB). Em função deste contexto, optei por entrevistas individuais que me permitissem compreender o atual contexto interno que a AD São Leopoldo enfrenta e como ela se relaciona com as demais igrejas e instituições públicas leopoldenses.

Nas referidas entrevistas procurei utilizar questionários semi-estruturados que me permitissem ter um diálogo mais aberto sobre as histórias de vida, os motivos de conversão, o tipo de convivência religiosa com os demais desta comunidade, bem como suas posturas políticas, visto que, alguns apresentaram trajetória político partidária. Além disso, o questionário semi-estruturado me permitiu ter um acesso mais aberto ao diálogo que pretendia buscar sobre a participação política dos entrevistados nas eleições de 2018.

Entrevistei dez pessoas, dentre estes dois pastores anteriormente citados, sendo oito homens e duas mulheres. Nas entrevistas com os dois pastores aprofundei pontos de seus papéis na evangelização, de suas histórias de vida dentro da igreja, bem como conduziam as relações externas ao ambiente religioso. As duas mulheres que entrevistei tem particularidades, visto que uma delas estava concluindo o segundo mandato de conselheira tutelar e a outra coordena um projeto de atenção às crianças e aos adolescentes no Bairro Feitoria, que envolve mais de 500 crianças. As duas atuam em pontos e regiões distintos da cidade.

Quanto aos homens, expressam parte do universo diverso que compõe o ambiente assembleiano. Falo de um empresário; um jovem (filho do empresário), um operário aposentado, um presbítero que seu bisavô era membro da Assembleia de Deus; um funcionário público e outro presbítero aposentado.

Entendo que estas entrevistas me permitiram enxergar aspectos que procurava no ambiente assembleiano e também demonstraram o quanto a noção de comunidade religiosa compõe sua visão de mundo, mesmo que passem por tempo de pouca frequência nos cultos ou de pouco engajamento com a obra social da Igreja, apresentam elementos de uma identidade religiosa que quando questionada sempre se apresenta. Isso fica claro quando são questionados sobre o papel da igreja nas eleições de 2018, na defesa de um candidato. Mesmo quando suscitam que houve participação dos pastores e demais membros da hierarquia eclesial, em nenhum momento deixam de defender a denominação, mesmo que discordem do posicionamento de seus líderes.

Ademais, pude perceber que existe um modo de vida evangélico que faz parte do seu cotidiano. Falo do respeito ao Pastor Presidente, autoridade constituída da igreja, mesmo que discordem de parte da orientação; o não uso da bebida alcóolica e o convívio familiar. Por sinal, também percebi divergências que levaram parte dos entrevistados a se afastarem da Assembleia de Deus ou de comungarem em outras praças, mas não percebi arrependimento por sua opção religiosa.

Parece existir um *modus* de vida evangélico que tem seu viés assembleiano e que, portanto, com uma exceção, não exclui estas pessoas da convivência com outras pessoas que não são crentes. Nem eles mesmo parecem se retirar do convívio geral. A imagem do crente com vestimenta específica e com a Bíblia debaixo do braço, que poderia ser percebido a quilômetros, não é mais tão comum.

Para analisarmos as entrevistas vamos montar blocos que nos permitam olhar certas especificidades. Num primeiro bloco, mesmo que analisando individualmente, vamos dialogar com as respostas dos dois pastores. Falamos do Pastor Arnaldo Freitag, atual presidente da Assembleia de Deus do Vale dos Sinos e do Pastor Adalberto Santos Dutra, laureado, mas que já ocupou diversos cargos na hierarquia eclesiástica da Assembleia de Deus. O que os dois têm em comum além de galgarem postos na estrutura eclesial, é o de serem originários de cidades do interior do Rio Grande do Sul e de terem iniciado suas trajetórias em municípios muito distantes de São Leopoldo, este fato denota um dedicado trabalho missionário em localidades no qual o catolicismo é bem enraizado.

De sua parte, o Pastor Arnaldo vem de família luterana, mas também do interior do Estado do Rio Grande do Sul (Tenente Portela). Seu trabalho mais acentuado se deu na cidade de Nova Hartz, onde declara ter repassado os trabalhos pastorais com 13% da cidade professando a fé evangélica. Ambos realizaram evangelizações em outros países, sendo que o Pastor Adalberto atuou em seis países (Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, México e no Brasil).

Adalbert conta que trancou um curso superior de Psicologia para aprender a falar inglês, pois teria tido uma visão de que deveria pregar nos Estados Unidos.

De sua parte, o Pastor Arnaldo relata atividade missionária em três países da África e em outras da América Latina (Uruguai, Paraguai, Chile, Senegal, Mali, Níger, Guiné-Bissau), localidades em que teria levado a obra social da igreja para as crianças necessitadas daqueles países. Neste último país citado (Guiné-Bissau) ajudou a estruturar o projeto Criança Missionária que atende em torno de 2 mil crianças.

O Pastor Adalberto chegou a Vice-presidência Nacional da CGADB e ocupou a Presidência da CIEPADERGS por diversas vezes e também compôs outros espaços nas diretorias. Além disso, atuou na Central de Publicações da Assembleia de Deus (CPAD).

Sobre o Pastor Adalberto, que chegou em 1998 a São Leopoldo, é preciso dizer que seu pastorado fez a AD florescer na cidade e na região, pois organizou um trabalho muito intenso ao trazer suas capacidades de se relacionar e abrir campos de atuação em bairros e vilas da cidade e também de influenciar a região. Foi na sua gestão que a AD adquiriu o Centro de Eventos que tem, por sinal, página nas redes sociais e um grande número de atividades durante todo o ano.

O Pastor Adalberto Santos Dutra também recebeu título de cidadão porto alegreense. Repercutu aqui a exposição de motivos do Vereador Elisandro, no ano de 2016 (um destaque: há um erro na data de nascimento: a real é 25/04/1945):

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Adalberto dos Santos Dutra nasceu no dia 25 de abril de 1965, na cidade de Tucunduva. Aos vinte anos, converteu-se ao Evangelho, sendo batizado em 1º de janeiro de 1966. Casou-se com Lucena Silveira Dutra em março de 1967, batizada no mesmo ano.

No dia 15 de junho de 1968 foi separado a diácono, e em outubro do ano seguinte foi separado a presbítero, mesmo ano em que se transferiu para a cidade de Horizontina, onde começou a trabalhar na empresa SLC como ferreiro. Mesmo sendo funileiro de profissão, buscou se aperfeiçoar por meio de cursos técnicos, tendo seu trabalho reconhecido com crescimento profissional dentro da empresa, chegando à equipe técnica, e permanecendo até o ano de 1983.

Sempre envolvido com trabalhos sociais, no ano de 1970, foi sócio fundador da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Porto Alegre – APAE – de Horizontina. Em 1972, foi sócio fundador do Sindicato Mecânico e Material Elétrico da Cidade de Horizontina, e no mesmo ano fundou o Lar Bom Pastor e a Escola Profissionalizante da cidade de Boa Vista do Buricá, chegando a presidi-la.

Em novembro de 1976, foi separado ao Sagrado Ministério Pastoral, e sete anos após, em junho de 1983, era empossado pastor presidente da Igreja Assembleia de Deus em Porto Lucena, onde ficou até maio de 1984, quando foi empossado, também como Pastor Presidente, na Igreja Assembleia de Deus de Palmeira das Missões, onde permaneceu por 14 anos.

Durante sua passagem por Palmeira das Missões, construiu 58 novos templos, além da Escola Municipal Assembleia de Deus. Vivenciou o crescimento dos trabalhos na obra do Senhor e realizou um grandioso trabalho social, atendendo aos menos favorecidos.

Foi um dos fundadores da União dos Ministros das Assembleias de Deus dos Estados do Sul - Umadersul.

Em março de 1998, foi empossado Pastor Presidente da Igreja Assembleia de Deus na cidade de São Leopoldo, onde implantou diversos projetos de assistência social, comprou o centro de eventos onde estão segregados e fundou a Rádio Comunitária Alegria. Nessa época realizou um trabalho de mobilização da igreja, gerando impacto na evangelização urbana e o crescimento da Igreja e da obra missionária em mais de 10 países.

Para aperfeiçoar seu trabalho no Ministério Pastoral, tornou-se acadêmico de psicologia, se formou bacharel em teologia e pós-graduado na docência do ensino superior.

Na Convenção das Igrejas Evangélicas e Pastores da Assembleia de Deus do Estado do Rio Grande do Sul – CIEPADERGS –, sua trajetória iniciou no ano de 1985, quando assumiu como assessor. No biênio de 1986-1987, foi 1º Secretário da CIEPADERGS. No biênio seguinte, foi eleito, pela primeira vez, Pastor Presidente, quando realizou a reforma estatutária da CIEPADERGS, criando a diretoria completa. Eleito Presidente da CIEPADERGS pela segunda vez, no ano de 1996, comprou a atual sede da convenção e registrou a Igreja na Secretaria da Educação.

No ano de 2016, Adalberto foi eleito, pela terceira vez, pastor Presidente da CEPADERGS. No entanto, em menos de cem dias, foi reeleito em plenária convencional, sendo o seu atual mandato de 2 anos ampliado para 4 anos, tornando-se o primeiro pastor da história a receber este honroso desafio no Estado. (PORTO ALEGRE, 2016)

Destaque: hoje, Elizando Sabino hoje é Deputado Estadual do PRD.

Além das entrevistas tive a oportunidade de acompanhar um evento no dia 12/10 em homenagem ao Dia das Crianças, com mais de 800 jovens e adolescentes de todas as praças leopoldenses. A chamada era “Desligue-se das redes sociais e ligue-se em Jesus”. As mensagens questionavam o tempo que as crianças e adolescentes ficavam no *Tik Tok*. O evento tinha convidados de outras regiões do Estado, uma dinâmica atraente que mobilizava corações e mentes. As falas que discutiam o cotidiano da juventude eram permeadas por mensagens bíblicas e a frase mais entoada era “Jesus tem um plano para você”. Havia uma disposição em que os pastores e suas famílias ficavam em destaque, mas uma integração que parecia diluir, em alguns momentos, a hierarquia religiosa.

Os grupos de jovens fazem parte da obra social que a Igreja tem nas vilas e nos bairros e eram coordenados por missionárias e evangelistas. Todos recebem atenção básica, participam de escolas dominicais e bíblicas e realizam atividades coletivas. Esta congregação parece produzir um *modus* de vida e reorganiza o tecido social, principalmente se considerarmos o intenso e brutal movimento que houve de pessoas de suas comunidades para as cidades em torno das capitais e das regiões metropolitanas que ocorreu no Brasil a partir dos anos 1960.

Da mesma forma, fui convidado a acompanhar outro evento em uma igreja do Bairro Feitoria também sobre o Dia das Crianças. Este evento era mais informal. Foi realizado dia 28 de outubro de 2023, na parte da tarde. Começou às 14h e se estendeu até perto das 18h. Tinha uma estrutura de brinquedos e espaços de divertimentos montados na rua, em frente à igreja –

que por sinal fica situada ao lado de uma escola municipal, que teve a quadra interditada para que os participantes pudessem dispor com tranquilidade do que era disponibilizado.

Ali pude perceber uma dinâmica que envolvia o lúdico e o religioso, na qual tudo ocorria com a colaboração dos adolescentes e de alguns pais. Fui apresentado ao pastor Eliseu e ele me mostrou o acesso principal, com bancos dispostos para recepcionar os fiéis e uma parte mais elevada onde creio devem ocorrer às preleções religiosas. Na parte de trás do prédio, que era muito bem estruturado, havia uma cozinha e um espaço para reuniões com todas as condições para receber grupos pequenos de pessoas, que devem realizar dinâmicas quase que diárias. Deste espaço saíam pessoas, geralmente meninos com bandejas de cachorro-quente, pastéis, com jarras e copos de sucos e refrigerantes que eram servidos para quem estava presente. Havia em torno de umas 500 crianças, adolescentes e pessoas adultas “num vai e vem” intenso, todas coordenadas por grupos de voluntários que se dividiam em tarefas – além das citadas, havia monitores/monitoras de brinquedos, pessoas que coordenavam dinâmicas de grupo. Não pude acompanhar a abertura, mas afora este fato, percebi um dia com uma dinâmica leve, feita em homenagem as crianças.

Elisa, que me convidou (uma das entrevistadas na presente dissertação), me informou que muitas daquelas crianças e adolescentes que ali estavam eram originárias das dinâmicas dominicais (cursos bíblicos) e de acompanhamentos individuais ou familiares feitos nas casas das pessoas.

6.1.2 Atuação religiosa

Os entrevistados, os quais uso apenas o primeiro nome, declararam as seguintes atuações religiosas: Jeremias é evangelista e professor de escola dominical; Marcione também é evangelista e professor de escola dominical; Elisa também é professora na escola dominical e realiza um trabalho de acompanhamento de crianças; Caurio também é evangelista; Gerson é membro da igreja (atualmente afastado).

Sobre a contribuição religiosa, todos os fiéis entrevistados, mesmo aqueles que tem cargo na hierarquia religiosa, como presbíteros, alegam contribuir. Marcione, foi mais específica e disse que contribuía com 10% de seus rendimentos, todo o mês, porque “está na Bíblia”. O destaque fica para Elisa que alegou não ser mais dizimista, pois emprega todo o recurso que destinaria a Igreja para a obra social – feita em nome da Igreja – que coordena. Lembrando que ela coordena um trabalho com em torno de 500 crianças e adolescentes no bairro Feitoria.

Todos alegaram participar da obra social da Igreja de alguma forma, em pelo menos algum momento do ano, mas sempre de forma voluntária.

6.1.3 Atuação Política

O empresário Caurio, já foi filiado ao PDT, partido pelo qual foi candidato a vereador nas eleições de 2016. Se declara anti-petista, chegando a afirmar que jamais votaria no PT, mesmo que o PDT, partido ao qual foi por muitos anos filiado seja aliado do PT na cidade há mais de 20 anos.

O Gerson é filiado ao PT e compõe os governos do Prefeito Ary Vanazzi (PT) nos quatro mandatos na cidade. Ele conta que certa feita procurou o Pastor Albertino, responsável pela AD Scharlau, para que ele mobilizasse para o Orçamento Participativo (OP) que os governos do PT implantaram na cidade. Pretendia captar toda a capacidade mobilizatória da igreja para as Assembleias do OP, no entanto, não obteve sucesso, pois o Pastor resolveu não participar e fazer sua própria campanha arrecadatória para resolver problemas infraestruturais que suas igrejas tinham e também pouco conveniu com o município. Esta situação, por sinal, é comum a todos os governos da cidade: os convênios com instituições sociais da AD são poucos e pouco duradouros quando ocorrem.

O caso mais distinto, no entanto, é o de Clóvis que rejeita totalmente a política e afirma que “se a política entra por uma porta, eu saio por outra”. Marcione, por sua vez, também petista, não militante, por mais que tenha se aprofundado na obra social da igreja e atualmente seja evangelista, nunca se afastou do que chamou de opção familiar. O anti-petismo que captou nas eleições de 2018 a afastou um pouco da igreja, mas não do partido.

Sobre Marcione, por sinal, fica evidente o interesse que os evangélicos têm por eleições do Conselho Tutelar. Ela conta que trabalhava com crianças na Vila Santa Marta e que o Pastor de sua congregação a incentivou a concorrer ao cargo de conselheira tutelar. Nas eleições de 2016 ela foi a Conselheira mais votada de São Leopoldo, demonstrando o poder mobilizatório que a Igreja tem na cidade. Ela foi reeleita outras vezes.

Identifiquei que 7 dos entrevistados votaram em Bolsonaro e 3 em Fernando Haddad nas eleições de 2018, destes os que compõem a hierarquia eclesial são mais específicos na defesa de que houve uma orientação e uma parte dos que votaram no candidato Fernando Haddad expressam terem sentido o peso da doutrinação religiosa ter sido misturada à orientação de voto e, de que isso os incomodava.

Sobre o fato de a igreja orientar ou não o voto em um candidato as respostas não foram unânimes. Os 2 Pastores entrevistados declararam que ninguém foi orientado dentro da igreja, mas que o processo de diálogo existia por parte dos congregantes e ambos apresentaram convicções pessoais que os levavam a votar em Bolsonaro. O Pastor Arnaldo foi mais explícito ao dizer que via Lula como alguém que não respeitava os evangélicos. De sua parte, o Pastor Adalberto foi menos categórico, pois sempre manteve um perfil de atuação mais diplomático e nem sempre suas posições políticas eram claras, mesmo que suas convicções fossem visíveis. Por sinal, no período em que comandava a igreja um “amigo” da Igreja foi eleito vereador pelo PSB, em grande parte com o voto evangélico. Trata-se do Secretário de Obras do município Geraldo Passos, que naquela eleição (2008) fez 1.860 votos (em grande parte por causa da boa relação que tinha com alguns pastores da Assembleia de Deus). Na eleição seguinte (2012), não tendo mantida a mesma relação, conquistou 833 votos, ocupando a suplência na Câmara de Vereadores de São Leopoldo.

Em verdade um apoio que durou uma eleição, mas que demonstrou que a atuação política da igreja não, pelo menos no plano local, voltada a uma vinculação partidária, como, por sinal, é majoritariamente a Assembleia de Deus. Ao que parece seus muitos ramos não caberiam em um só partido.

Friso que muitos outros nomes figuraram como candidato a vereador, alguns chegaram à titularidade, na cidade de São Leopoldo, que são evangélicos, mas não pretendo aprofundar esta situação nesta abordagem, pois muitos não são assembleianos e, em poucos casos, (os que citei são os mais visíveis) houve algum empenho mais organizado por parte dos pastores, diferentemente da situação que focamos nesta pesquisa, que envolve a eleição de um candidato a Presidente da República – Jair Bolsonaro – batizado por um pastor assembleiano.

Da mesma forma, o pastor Rudimar Couto, concorreu a vereador nas eleições de 2004, conquistando 1.575 votos e ficando na suplência. Couto foi Secretário de Obras no governo do Prefeito Anibal Moacir (PSDB) nos anos de 2013 e 2014. Hoje exerce o pastorado na cidade de São Sebastião do Caí, onde ocupa o cargo de Pastor Presidente.

De parte de Gerson e Marcione houve uma clara identificação de que a Igreja foi usada como instrumento eleitoral da candidatura de Bolsonaro. Gerson destaca que muitas vezes saía dos cultos chateados com a intensa pregação anti-petista que geralmente finalizava os cultos. O mesmo foi dito por Marcione, que relatava as muitas vezes em que sua mãe reclamava da mistura entre política e religião dentro do espaço religioso. Demonstrou incomodo com a situação, pois entendia que a postura de engajamento adotada nos ambientes onde cultuava sua religião a distinguia dos demais. Registra certa postura segregacionista, visto que sua família

era vista como “uma família petista”. Victor Araújo, em sua tese de doutorado (2019) afirma que “o pentecostalismo mobiliza eleitores de baixa renda contra os partidos de esquerda” (p. 31).

Dos entrevistados, dois se declaram afastados da igreja Assembleia de Deus por discordarem da atual condução. Um dos quais se manifesta incomodado pela postura eleitoral dos pastores e presbíteros, que divulgavam a mensagem religiosa durante o período eleitoral de 2018 no interior dos cultos.

Aqui caberia a informação de que estes 3 aspectos que foram apresentados neste capítulo, são os excertos fundamentais que mobilizam a tua pesquisa, mas que o inteiro teor das mesmas encontrasse no Anexo II da presente dissertação.

Considerações finais

“Sem a influência cristã, os governos não têm uma bússola moral definida”. (Grudem, 2014, p. 96)

A ideia inicial era olhar para a Igreja Assembleia de Deus em São Leopoldo nas eleições de 2018. Afinal, os evangélicos estavam chamando a atenção, pois além de terem se tornado numericamente consideráveis, alguns de seus expoentes passaram a compor o repertório político nacional. Me refiro ao fato de os evangélicos, mais especificamente os assembleianos passarem, a partir de 1986, a se mobilizarem para elegerem seus representantes para o Congresso Nacional e participarem ativamente das eleições presidenciais, ativando sua identidade e seu pertencimento religioso no ambiente eleitoral.

Ao focar o olhar em coisas que em partes convivo, mas que quase nunca me despertavam a devida atenção por estar perto demais dos afazeres diários, por, às vezes, ser parte do trabalho fui instigado a um olhar mais atento a este grupo social. Pude perceber que já são várias gerações de assembleianos assentados na cidade, como o caso do Jeremias Panikulski, bisneto de um dos membros que trouxe a AD para a cidade e que nos dias de hoje ocupa as funções de evangelista na estrutura eclesial, bem como de famílias inteiras que se convertem a essa Igreja como os casos de Gerson de Souza e sua filha Marcione – estes por sinal, petistas e, que mesmo no calor das eleições de 2018 não abandonaram nenhuma de suas duas identidades, da mesma forma o caso do empresário Caurio e de seu filho Gabriel que atuam na mesma AD de São Leopoldo em regiões distintas da cidade.

Para falar do que ocorre em São Leopoldo tive que entender o que levou a Assembleia de Deus a existir; qual sua origem, porque esta síntese religiosa e social existe e consegue sobreviver, viver e se renovar sem macular sua essência a tantos anos.

Percorremos uma longa estrada histórica para mostrar como os evangélicos chegaram ao Brasil, de onde vieram e de que forma foram se transformando até chegarem a moldagem que apresentam hoje. Nesse sentido, procuramos as pistas de que por que certas nomenclaturas, o próprio termo evangélico, bem como pentecostal. Nesta caminhada percebemos o protestantismo que aportou em terras leopoldenses há 200 anos é o mesmo que está na origem remota deste movimento massivo que hoje é maior numérica e percentualmente na cidade, da mesma forma que no país do que o chamado protestantismo histórico. Este fio histórico que fomos reconstruindo nos permitiu também encontrar as pistas que levaram este grupo social a

promoverem uma guinada da religião para a política, ou melhor da junção das duas coisas em uma só mensagem que, no caso dos evangélicos, tem primazia religiosa, mas é traduzida politicamente para a sociedade. Nesse sentido podemos identificar o papel desta instituição Igreja Evangélica Assembleia de Deus “na definição das preferências e do comportamento político” de seus membros. (Contrera e Estevinho, 2012, p.30). Quando citamos fio histórico também devemos salientar que a história, segundo os neoestruturalistas históricos “não segue uma trajetória lógica, tendente sempre ao progresso. Ao contrário, é constituída por acidentes de tempo e circunstâncias com avanços e retrocessos, e a relação entre atores e estrutura não é harmoniosa”. Embora devamos citar que, com relação a escolha de Jair Bolsonaro os indícios apontam para uma harmonia entre estrutura e os atores, no caso pastores e fiéis.

Nas pesquisas, sejam bibliográficas ou de campo, as pistas da abordagem neoinstitucionalista sociológica aparecem e sinalizaram que “ as formas e procedimentos institucionais são considerados como práticas culturais e, como tal, são incorporados às organizações em razão do mesmo tipo de processo de transmissão que dá origem às práticas culturais em geral” (op. cit. p.31). Desta forma, ao colocar instituições cultura esta abordagem sinaliza que a mensagem religiosa, por muito tempo cativada é transmitida pelo pastor e disseminada pelos fiéis, na maior parte pessoas comuns que foram sendo *linkadas* mais diretamente, coletivamente ao processo político-eleitoral. É tão forte este processo que a Igreja trabalha para eleger conselheiros tutelares e parlamentares (bem como o Presidente no caso que investigamos) e os abandona se entende que sua mensagem não foi devidamente transmitida pelo eleito. O exemplo do vereador Geraldo Passos que citamos se encaixa nesta situação.

A minha surpresa foi encontrar pessoas que convivem em espaços comuns de trabalho e que realizam a obra social, são fiéis de base ou alcançaram degraus na hierarquia eclesial da igreja e que não ficam necessariamente ‘arrotando’ sua fé. Alguns, funcionários públicos que atuam em funções importantes para a cidade, mesmo pastores, não são nada diferentes dos que com eles convivem e professam outra fé ou talvez tenham fé nenhuma. Mas, na sua função religiosa dão conforto e se solidarizam com dezenas, centenas de pessoas. O caso do Pastor Eliseu, motorista de caminhão de uma autarquia municipal ilustra bem essa situação. Seu trabalho numa Igreja da AD no Bairro Feitoria envolve em torno de mil pessoas em ações quotidianas, religiosas e de assistência social. Aqui também percebemos traços do neoinstitucionalismo sociológico, visto que “ as preferências individuais são construídas socialmente, por intermédio das instituições. Tanto os indivíduos quanto as instituições procuram definir e manifestar suas identidades de acordo com modos socialmente apropriados” (Contrera e Estevinho, 2021, p. 31).

Descobrir em estudos e pesquisas o que é Assembleia de Deus me fez entender muito o porquê esta construção de pessoas comuns, a maior parte, de um trabalho social que sabe se renovar; que busca por onde se fortalecer consegue sair do ascetismo puro, da negação das inovações, da separação do convertido do convívio social anterior para uma condição de segunda maior igreja do país. Em São Leopoldo, por sinal, dois pastores foram sagrados com o título de Cidadania Leopoldense concedido pela Câmara de Vereadores, sendo que um deles era um pastor negro que por aqui pastoreou por décadas. Este fato é histórico porque falamos de uma cidade que até nosso tempo raramente elegeu negros para o legislativo local. O título mesmo foi concedido ao Pastor Adalberto Santos Dutra (que entrevistamos), que tem uma grandiosa obra de propagação, tolerância religiosa e boas relações sociais e políticas na cidade. Ao que parece, a máxima leopoldense de que quem bebe da água do Rio dos Sinos nunca mais sai de São Leopoldo vale para o Pastor, pois ele, depois de laureado, escolheu a cidade para morar. Desta feita, podemos salientar, ancorados em Fidelis (2017,p.196) que “uma instituição fornece modelos de comportamento conforme o comportamento do outro incluindo grande influência na vida de todos... visto que elas (as instituições) possuem como aspecto principal o fornecimento de símbolos para as ações humanas, levando informações para a formação da identidade individual no convívio social...” O papel que estes pastores ocuparam e ocupam na evangelização dos leopoldenses pode ser destacado desta forma, pois seus trabalhos e suas presenças na vida do cidadão, em nome da Igreja, ainda ecoam pela cidade e pela região.

Ao citar estes dois expoentes expresse o caminho que fiz desde o avivamento da Rua Rua Azusa, organizado por um Pastor negro, em uma sociedade racista como ainda é, em partes, a sociedade norte-americana. Para ter aulas de Charles Parham com o pregador Seymour teve que ficar sentado na porta, fora da sala de aula em que estavam outros 40 estudantes porque sua cor o separava dos demais. Mesmo assim não desistiu de sua missão e sua abnegação e seu sucesso redesenharam o jeito de ser evangélico e criaram um novo modelo, também um novo estilo: o pentecostalismo. Basicamente sua inovação consistia em resgatar um trecho da Bíblia que falava em uma festa e na importância para o povo judeu. Mas, ele agregou emoção ao processo de conversão, mobilizou intensidades. Uma construção feita com nomes próprios, mas que soube agregar milhões de anônimos e anônimas.

Quando chegou ao Brasil, há 112 anos também foi vista com desconfiança, também foi repulsada pelos seus, mas não deixou de crescer em cada fração que era aberta, mesmo assim não deixou de lado uma essência pentecostal, não interessando com quantos nomes ou ramos se juntasse ao termo Assembleia de Deus. Hoje são mais de 12 milhões, representam pelo menos 35% dos evangélicos, de um universo tão fragmentado quanto grandioso. Segundo o

antropólogo Juliano Spyer são pelo menos 40% de católicos que se juntaram ao ambiente evangélico.

Que fé professam? Uma fé essencialmente moldada num catolicismo popular que coube em partes no jeito evangélico de ser.

No Rio Grande do Sul chegaram há 100 anos, num dia de muita chuva em que para se proteger da intempérie do tempo, um indivíduo adentrou ao culto que se iniciara em terras gaúchas. Mal sabia o que iniciara, mas os realizadores da obra religiosa tinham certeza do que buscavam. Hoje o assembleianos estão representados em 307 igrejas organizadas em 300 municípios (CIEPADERGS, 2024).

Embora não sejam tão grandes No Rio Grande do Sul como o são em muitos estados, tem uma inserção social que lhes permitiu eleger deputados estaduais e federais, apoiar e compor governos e ter um pastor – Ronaldo Nogueira – que já foi ministro do Trabalho do governo do então Presidente Temer. A reportagem da Revista Exame demonstrou que Porto Alegre é a capital com menor percentual de evangélicos no Brasil (citado na página xxx)

Em São Leopoldo chegaram de bicicleta, num tempo em que mal havia estrada que ligasse a cidade a Porto Alegre. Lembremos que estamos falando da cidade berço do protestantismo luterano no Brasil – que muitos anos foi mobilizada por uma convivência nem sempre tão boa entre católicos e luteranos.

Mesmo chegando devagarinho, foram se instalando e em poucos anos se implantaram em diversas regiões da cidade. Segundo o IBGE são em torno de 15 mil pessoas auto-declaradas, dos quais o Pastor Presidente Arnaldo Freitag estima que 40% são dizimistas e frequentadores regulares.

A importância do trabalho da Assembleia de Deus de São Leopoldo ultrapassa os limites da cidade, visto que muitos pastores daqui são frequentemente requisitados para evangelizarem em outros países, inclusive nos Estados Unidos. Ela é também um centro de formação de pastores, como exemplo podemos citar o Pastor Rudimar Couto que teve toda sua trajetória eclesiástica na cidade e depois assumiu os trabalhos em outras cidades, muitos outros também para cá vieram e daqui se irradiaram para outras localidades e que nos dias atuais preside a Assembleia de Deus de São Sebastião do Caí.

O cerne do trabalho está na investigação da participação da Igreja Assembleia de Deus de São Leopoldo nas eleições de 2018, mais especificamente na candidatura do então deputado federal Jair Bolsonaro (PSL) à Presidência da República. Nesse sentido, temos pistas estruturais e locais desse envolvimento, quais sejam:

Embora muitos dos entrevistados tenham negado que a Igreja tenha atuado na eleição de Bolsonaro, as evidências são fartas de que isto ocorreu. Todos os entrevistados que frisam apoio a Bolsonaro nas eleições de 2018 declararam nas entrevistas que a orientação para o voto nos ambientes locais da Assembleia de Deus se deu sem que fosse forçado este apoio. Demonstravam ser uma ação normal de cidadãos que procuravam convencer seus irmãos e irmãs do melhor para o país. Estes foram os casos dos dois pastores – Adalberto e Arnaldo e de Caurio e seu filho, Gabriel e de Clóvis. Já quando captamos as entrevistas de Gerson e Marcione, ambos petistas que votaram em Fernando Haddad, ambos reportam que se sentiram ofendidos com algumas falas feitas dentro de cultos e com pregações pró-Bolsonaro feitas em muitos eventos. A exceção fica por conta de Elisa que declara ter votado em Haddad e que não afirma ter sofrido pressão por outro voto no ambiente em que congrega.

Sobre a identificação da Igreja Assembleia de Deus com Bolsonaro temos outras pistas que apontam para uma relação forte e com elevado grau de organicidade. Vamos a algumas destas evidências:

1. O batismo de Bolsonaro foi realizado em 2016 por um pastor assembleiano. Lembremos que este fato carregou um símbolo de tornar Bolsonaro um dos seus, no caso um evangélico. Em verdade Michele Bolsonaro frequenta a Igreja Batista da Lagoinha, em Brasília;
2. Quem consagrou o casamento de Bolsonaro com Michele foi o pastor Silas Malafaia, que foi membro da direção da CGADB por muitos anos e, posteriormente fundou sua própria denominação – Assembleia de Deus Vitória em Cristo;
3. Os posicionamentos políticos de Bolsonaro o aproximaram dos evangélicos desde antes do Batismo;
4. Um dos principais expoentes na campanha eleitoral de 2018 foi o Pastor assembleiano e deputado Federal Marcos Feliciano. Bolsonaro organizou politicamente, conseguiu bloquear o *ethos* político assembleiano e esta situação os mobilizou majoritariamente de norte a sul do Brasil;
5. A participação política da Igreja não é um fato recente, visto que a síntese desta nova postura em relação a política foi fundamentada pelo livro “Irmão vota em Irmão” do presbítero assembleiano e assessor do Senado Federal Josué Sylvestre, também assembleiano. Esta virada se deu a partir da Constituinte de 1986; ademais, o funcionamento hierárquico da AD aponta para quando uma orientação é tirada por suas instâncias superiores ela é repassada para todos os órgãos vinculados em todo o país. No caso de São Leopoldo, os pastores entrevistados procuraram diminuir o peso deste

fato, mas as entrevistas feitas com dois assembleianos que fizeram campanha para Fernando Haddad (PT) apontam que não havia o mesmo espaço para outro candidato que não fosse Bolsonaro nos eventos da igreja.

6. A Igreja possui um Conselho Político como parte de sua estrutura de Conselhos que compõe a direção geral da CGADB e, segundo Valdir Deppe, em sua tese de doutorado (2005) esta situação é replicada nos Estados, assim descritos

[...] a respeito da organização de sua igreja, o Pastor presidente da Convenção Estadual, Ubiratan Batista Job, narrou a seguinte forma de composição da mesma no tocante a questão política:

Existe, a nível nacional, uma comissão formada por algumas pessoas que trata dessas questões. Então, a nossa estrutura é interessante. Nós temos, de fato, em cada estado, uma Convenção que congrega todos os pastores, os líderes, os dirigentes das igrejas e é uma espécie de parlamento. É ali onde as questões eclesiais são discutidas. Ela é presidida por uma mesa diretora eleita de dois em dois anos. Isso também depois essas mesmas Convenções Estaduais se unem em uma única Convenção, que seria a Convenção Geral, da Assembleia de Deus no Brasil; que, por sua vez, possui uma mesa diretora que se reúne de dois em dois anos ou extraordinariamente, se que houver necessidade, para tratar de questões em nível de país. Agora, não existem ainda reuniões. Logicamente que a gente tem sido, nas nossas Convenções, nós temos sido visitados pelos candidatos. Eles são bem recebidos e essa é a nossa forma de relacionamento com todos. (p. 130-131)

No depoimento, o Pastor destaca que a Assembleia de Deus mantém “relações diplomáticas” com muitos candidatos que lhes solicitam apoio, mas que o apoio da igreja somente é recebido pelos candidatos advindos de seus quadros” (p. 132). O pastor Ubiratan segue seu relato

Em âmbito nacional, essa igreja (AD) possui um grêmio cuja incumbência é discutir estratégias de sua inserção no campo da política partidária. Vale destacar que o pastor-presidente informou não haver reuniões oficiais voltadas a essa temática (política) em âmbito estadual. As entrevistas realizadas em nossa pesquisa de fato apontam para uma característica bastante informal na construção das candidaturas oriundas do berço da Assembleia de Deus.

A Assembleia Geral Ordinária elege a Mesa Diretora, bem como os Conselheiros e as Comissões. A Convenção Geral é composta por 15 Conselhos, entre os quais figura o Conselho Político. Merece atenção o fato de haver dois Conselhos nos quais a inserção política é discutida em âmbito nacional: além do próprio Conselho Político, já referido, existe o Conselho de Ética e Disciplina. Neste último, também outras questões ligadas aos valores da igreja são abordados.

O autor explica que “ Os Conselhos da Convenção Geral são os seguintes: Conselho Consultivo, Conselho Regional Norte; Conselho Regional Nordeste; Conselho Regional Sul; Conselho Regional Sudeste; Conselho Regional Centro-Oeste; Conselho de Ética e Disciplina; Conselho de Educação e Cultura; Conselho de Doutrina; Conselho de Ação Social; Conselho de Capelania; Conselho Político; Conselho de Comunicação e Imprensa; Conselho de Missões (<http://www.cgadb.com.br>) (DEPPE, 2005, p.132)

Reza o estatuto da Convenção Geral que o “Conselho Político é o órgão de assessoria da Convenção Geral para assuntos políticos, constituído de cinco membros titulares e outros cinco suplentes, sendo dois representantes de cada região.” (Convenção Geral das Assembleias

de Deus no Brasil, 2024). Conforme informa a página oficial da Convenção Geral na Internet, compete ao Conselho Político:

- I – escolher entre os seus membros, o Presidente, o secretário e o relator;
- II – orientar os membros da Convenção Geral a tomarem parte do processo político, através das respectivas Convenções Regionais;
- III – atuar como foro de debates para o apoio de candidato ao executivo federal;
- IV – atuar junto aos parlamentos federais da denominação fornecendo subsídios do interesse das Assembleias de Deus no Brasil;
- V – elaborar o cadastro dos parlamentares políticos, representantes das Assembleias de Deus no Brasil, com relatório de suas atuações;
- VI – manter arquivo atualizado da legislação eleitoral;
- VII – avaliar a atuação dos representantes parlamentares;
- VIII – propor a restituição de uma representação política quando a mesma não corresponder com os interesses das Assembleias de Deus no Brasil;
- IX – prestar relatórios à Assembleia Geral da CGADB ([http:// www.cgadb.com.br](http://www.cgadb.com.br))” (PEDDE, 2005. p. 132-133)

Sem dúvida que uma entidade religiosa ter um Conselho Político, mesmo que na maior parte de sua existência seja para orientar decisões no âmbito das necessidades políticas que a igreja entende ter, torna-se mais fácil orientar uma discussão para decisões sobre quem apoiar em eleição presidencial. De fato, mostramos aqui que desde a eleição presidencial de 1989 houve um engajamento por parte dos evangélicos, dentre os quais os assembleianos. Destaco esta situação para dizer que a participação política da Assembleia de Deus em uma eleição presidencial – enquanto instituição – não é tão novidade assim. A novidade é terem uma mobilização quase unânime em torno de um candidato que entendiam como um dos seus.

Pelo que apuramos foi assim que os assembleianos enxergaram Jair Bolsonaro e a ele se agarraram. Sempre destacando, é claro, que são muitos ramos, diversos perfis de pastores, mas que no seu ambiente foi, com certeza, aplicada uma diretriz institucional de defesa deste candidato. Os indícios são fortes de que houve uma identificação política dos assembleianos de todo o Brasil com Bolsonaro. O então candidato, de sua parte, fez questão de ativar signos religiosos e mensagens que estivessem de acordo com a agenda política defendida pelos evangélicos e também por assembleianos. É possível perceber uma movimentação estrutural, orgânica e massiva em torno dessa candidatura. Os números da pesquisa Datafolha de 2019 são importantes para comprovar esta hipótese, pois os índices apontam que 70% dos evangélicos do Brasil optaram pela candidatura de Jair Bolsonaro, eleito presidente em outubro de 2018.

Obviamente que falar de uma estrutura gigantesca que praticamente cobre a cidade inteira e querer dizer que ela teve uma postura uniforme em todos estes espaços pode não refletir o que de fato ocorre. No entanto, apoiado por depoimentos, acompanhando a postura um pouco discreta de alguns, muito acentuada de outros, podemos dizer com razoável grau de segurança que uma parte substancial da vitória de Bolsonaro sobre Haddad em São Leopoldo veio da

entrega de votos que os evangélicos assembleianos organizaram. Mesmo assim, é preciso afirmar que dos 63% dos votos que Bolsonaro conquistou na cidade há outros grupos religiosos, evangélicos e também estratos sociais que se blocaram em torno desta candidatura. Embora não seja nosso objeto de estudo, podemos perceber que houve no lapso temporal das eleições presidenciais de 1989 a 2018, por exemplo, mudanças estruturais no perfil da sociedade, da mesma forma que ocorre no Brasil. Me refiro, mesmo que genericamente, a diminuição do número de trabalhadores/trabalhadoras fabris (de 1989 a 2018), e o aumento da população idosa, bem como o aumento da escolaridade ocorrido neste mesmo tempo. O fato é que pela primeira vez, repercutindo o que ocorreu no Brasil, os evangélicos e, em especial, os assembleianos atuaram em bloco por uma candidatura, como se fosse um partido político, por sinal, ou, quem sabe, substituindo a ausência destes na mediação entre a sociedade e o Estado.

Em verdade, falamos de um grupo social expressivo, que em São Leopoldo representa 15 mil pessoas, de um total de 54 mil evangélicos, segundo o IBGE, conforme já citado, que tem uma convivência diária praticamente; em que a referência do pastor e de mensagens, mesmo que políticas, mas fundamentadas em princípios (depoimento) bíblicos mobiliza mentes e corações. Se não se alastrar para fora da bolha de convívio já é por demais suficiente para contribuir com uma maioria eleitoral, mas, com certeza deve ter, em alguns casos, ultrapassado esta esfera, pois embora o evangélico ou o evangélico assembleiano não faça militância política do jeito que nos acostumamos conhecer, principalmente como atuam os militantes de esquerda com amplas ações visuais; panfleteações em bairros, vilas e pontos de fluxo e, mais recentemente com o uso das redes sociais, há uma esfera flutuante entre estes fiéis mais empedernidos, pessoas com os quais eles conversam, interagem, ouvem e retrucam nos ambientes de moradia, de trabalho, nos espaços de convívio geral tipo mercado, paradas de ônibus, que indica extrapolação desta gigante bolha de convívio. É um trabalho político que parece invisível aos olhos aos grandes movimentos políticos, mas que, com certeza, fideliza voto e pelo grau de mobilização abarca parte expressiva daquela massa de indecisos que assim se mantém até o dia, até a hora do voto.

Imaginem o quanto isto é facilitado para quem no dia a dia acolhe o alcoólatra, o assassino, o bandido, o marido ou esposa infiel, o diferente que chegou as portas na cidade e foi viver em um ambiente hostil e estranho. *Linkar* uma mensagem política ou uma escolha eleitoral não me parece nada difícil.

O fato de os evangélicos terem uma posição blocada em favor de determinado candidato os permitiu movimentar-se com mais liberdade e vigor em sua vastíssima comunidade. Este fato também pouco produziu rachas e perdas de fiéis, visto que, ao que parece, o padrão captado

pela pesquisa Datafolha no Brasil (2019) em que se verificou que 70% dos evangélicos votaram em Bolsonaro naquela eleição se repetiu em São Leopoldo.

Em que pese o fato de que a participação política e eleitoral dos assembleianos não tem o mesmo padrão quando se trata de eleições locais, visto que, conforme exemplificamos na pesquisa, mesmo sendo conservadores e de direita, os pastores não se importavam em apoiar candidatos de partidos de esquerda. O atual prefeito, Ary Vanazzi (PT), em seus quatro mandatos teve um apoio considerável dos assembleianos, tendo-os recebido muitas vezes para orações em seu gabinete. Destaco que o prefeito é originário das CEBS e sua esposa, Daniela Affonso é umbandista.

Nas incursões aos espaços evangélicos assembleianos fiquei com a sensação de que eles se mobilizam de fato por suas pautas mais gerais, seguindo orientação de suas estruturas eclesísticas, pois isto lhes cria a sensação de que estariam ameaçados. O mesmo não ocorre com eleições locais, pelo menos no caso de São Leopoldo.

Por fim, fica claro que a religião como um todo e o exemplo assembleiano nos comprova, deixou de ser um fenômeno íntimo e privatista somente. O cientista da religião Oneide Bobsin (2012, p. 23) é quem nos instiga reflexões ao destacar que “[...] a participação dos evangélicos na vida política desprivatiza as igrejas. A religião passa a ocupar um espaço público. Isso faz avançar a democracia nos marcos de uma república, politizando a religião.”. Em tempos nos quais avança uma extrema-direita que se apossa do discurso conservador é o que esperamos que se mantenha.

Referências

- ALBANESE, Catherine L. **A Republic of Mind and Spirit: A Cultural History of American Metaphysical Religion**. Connecticut: Yale University, 2007.
- ALMEIDA, Ronaldo Machado de. **Traduções do Fundamentalismo Evangélico**. São Paulo, 2002. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001278173>>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- ALMEIDA, Ronaldo. Os Pentecostais serão maioria no Brasil? *Revista de Estudos da Religião*. Dezembro 2008, p. 48-58.
- ALVES, Eduardo Leandro. Brasil um país de fé: Por que o maior país católico do mundo também é o maior pentecostal do mundo? *Faculdades EST – Escola Superior de Teologia*. São Leopoldo, 2012. Trabalho final de Mestrado Profissional.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. **O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro**. : <https://www.ecodebate.com.br/2018/10/31/o-votoevangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 15.jun.2021.
- ARAUJO, Guilherme. **Estados Unidos**. Observatório da Laicidade na Educação. 2019. Disponível em: <<http://www.ole.uff.br/2019/05/31/estados-unidos/>>. Acesso em 15.jun.2023.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. **Levítico 23**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.
- BIBLIOTECA DO PREGADOR. **O Avivamento da Rua Azusa: Impactante História e Legado Pentecostal**. 29.Jun.2023. Disponível em: <<https://bibliotecadopregador.com.br/avivamento-da-rua-azusa-historia-e-legado-pentecostal/>>. Acesso em: 19 nov.2023.
- BOBSIN, Oneide. A Reificação da Religião. *A Religião na Sociologia*. **Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**. Juiz de Fora, MG. v.17 nº 1, p. 279-294.
- BOHN, Simone R. Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006). **Opinião Pública**, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 366–387, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641261>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- BRASIL. Frente Evangélica lança manifesto com propostas para gestão do Brasil. Câmara dos Deputados. Out.2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/546684-frente-evangelica-lanca-manifesto-com-propostas-para-gestao-do-brasil/>>. Acesso em: 19 dez.2023.
- BRASIL. TRIBUNAL DE JUSTIÇA ELEITORAL. **Resultados Eleições 2018**. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br>>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- BURITY, Joanildo. A. Religião Política e Cultura. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 83-113, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/rvTvKJ5tW6KLVNt9wB8nqny/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CÂMARA, Jonatas. **A evangelização na Igreja Evangélica Assembleia de Deus**. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo. 2019. Dissertação de Mestrado.

CANÇÃO NOVA. **O sentido de Pentecostes**, s/d. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/espiritualidade/o-sentido-do-pentecostes/>>. Acesso em: 16 dez.2023.

CARVALHO, Osiel Lourenço de. **Hermenêuticas Contemporâneas: A interpretação Bíblica a partir da Academia, da Igreja Católica, da Igreja Universal do Reino de Deus, da Teologia da Libertação e da Assembleia de Deus**. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2010. Trabalho final de Mestrado Profissional.

CIEPADERGS. **Assembleia de Deus no Rio Grande do Sul**. s/d. Disponível em: <<https://www.ciepadergs.com.br/assembleia-de-deus-no-rs/>>. Acesso em: 05 jan.2024.

CONTRERA, Renata Bueno. Estevinho, Telmo Antonio Dinelli. Neoinstitucionalismo na Ciência Política: uma revisão. **Revista de Ciência Política**, Direito e Políticas Públicas – POLITI(K)CON. UNEMAT. Vol. 2 Nº1, agosto/dezembro, 2021.

COUTINHO, Raquel Zanatta; GOLCHER, André Bráz. The changing Landscape of religions affiliation in Brazil between 1980 and 2010: age period, (oral cohort) perspectives. **Revista Brasileira de Estudos Populares**, v.31. Nº 1. p.73-98, janeiro a junho de 2014.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Brazil Above Everything. God Above Everyone.” Political-Religious Fundamentalist Expressions in Digital Media in Times of Ultra-Right Populism in Brazil. *International Journal of Communication*, v. 17, n. 2023, p. 2841–2863, 2023. Disponível em: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/16817>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

DEPPE, Valdir. Cabeça, sim; Cauda, não! UFRGS, 2005. Tese de doutorado.

ESTILO ADORAÇÃO. **O que é Pentecostes e qual o seu significado na Bíblia?** Disponível em: <<https://estiloadoracao.com/o-que-e-pentecostes/>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

EVANGELIZAÇÃO.BLOG.BR. **Quem são os evangélicos, quantos são e onde estão no Brasil**, s/d. Disponível em: <<https://www.evangelizacao.blog.br/quem-sao-os-evangelicos-quantos-sao-e-onde-estao-no-brasil.html>>. Acesso em: 26 dez.2023.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **Onde a luta se travar**. A expansão da Assembleia de Deus no Brasil Urbano (1946-1980). UNESP. Assis, São Paulo. 2015. Tese de Doutorado.

FAUSTINO, Arthur Schultz Pereira. **O senhor é meu vereador e nada me faltará: a inserção pentecostal assembleiana na vida política de Cabo Frio (RJ) – 2000 – 2008**. UERJ. Rio de Janeiro. 2012. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, Dalvani. **Geografia da Religião: um olhar sobre as especialidades da Juventude Evangélica da Assembleia de Deus**. Universidade do Paraná. Curitiba. 2013.

FERREIRA LOPES, Lindógenes. **Assembleia de Deus e a Política no Estado de Goiás (1980-2010)**. PUC Goiás. Goiânia. 2015. Dissertação de Mestrado.

FERREIRA, Matheus Gomes Mendonça; FUKS, Mario. O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 34, p. 2-23, 2021.

FIDELIS, Thiago. Cultura Política e Neoinstitucionalismo: Breves Reflexões. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**. Vol. 9 nº 18, julho-dezembro de 2017.

GONDIM, Sonia. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia* (Ribeirão Preto) 12, 149-161

GUADALUPE, JOSÉ Luis Péres. Carranza, Brenda (Org.). **Novo Ativismo Político no Brasil**: os evangélicos do século XXI. Fundação Konrad Adenauer, 2020.

GUADALUPE, José Luiz Pérez y GRUNDERBERGER (editores). **Evangélicos y Poder em America Latina**. Instituto de Estudios Social Cristianos/Konrad Adenauer Stiftung. 2019. Lima, Peru.

HALL, Peter A. Taylor, Rosemary C. R. **As três versões do Neo-Institucionalismo**. *Lua Nova* nº 58 – 2003, 193-224.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos E.U.A. (Nós, o Povo)**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 324 p.

INSTITUTO HUMANITAS. **Mídia, religião e política. Entrevista especial com Paul Freston**. **DISPONÍVEL EM** : <ihu.unisinos.br/entrevistas/34402-midia-religiao-e-politica-entrevista-especial-com-paul-freston>. Acesso em: 19 nov.2022.

INSTITUTO HUMANITAS. **Os fundamentalistas cristãos que empunham a Bíblia**. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/noticias/522486-os-fundamentalistas-cristaos-que-empunham-a-biblia>> Acesso em 07 Jan. 2024.

LUTERO, M. **As 95 Teses**. 1517. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/exposicoes_site/lutero500anosreforma/lutero_95_teses.pdf. Acesso em: 04 dez.2023.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Religião, Cultura e Política**. *Revista Religião e Sociedade*, 32(2), 2012.

MACHADO, Maria. das Dores C. **Política e religião**: a participação dos evangélicos nas eleições. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MAIA, Eduardo Lopes Cabral. Os evangélicos e a política. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2 nº 2 (4), p. 91-112, agosto-dezembro/2006.

MARIANO, André Luis de Castro. **Pentecostalismo clássico**: Histórias, Memórias e Trajetórias Sociais. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2012.

MATOS, Alderi Souza de. Breve História do Protestantismo no Brasil. Disponível em: < Acesso em:

MAURÍCIO JUNIOR, Cleonardo. **Vasos nas mãos do oleiro: A constituição do pastor pentecostal.** Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2014.

MAY, Tim. **Pesquisa Social.** Porto Alegre: ArtMED, 2004.

MOURA, Luana Cristina Baracho de. **Espaço e Lugar Sagrado na percepção dos membros da Assembleia de Deus Jardim 25 de agosto – ADJ25A: um estudo de geografia da religião em Duque de Caxias.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 2013.

NASCIMENTO do, Emerson Oliveira. Os novos institucionalismos na ciência política contemporânea e o problema da integração teórica. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 1. Brasília, janeiro-junho de 2009, p. 95-121.

Nicolau, Jairo. 2020. **O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018.** Rio de Janeiro: Zahar. 141 p.

OLIVEIRA, Fábio. Governo Bolsonaro e o apoio religioso como bandeira política. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. XIII, n. 37, p. 137-160, 2020.

ORO, Ari Pedro. **Religião e política no Brasil**, Cahiers des Amériques latines [Online], 48-49 | 2005. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cal/7951>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

ORO, Ari Pedro; JUNIOR, Erico Tavares de Carvalho. Eleições gerais de 2014: religião e política no Rio Grande do Sul. Debates do NER, Porto Alegre, ano 16, n. 27, p. 145-171, jan./jun. 2015.

ORO, Ari Pedro. **O neopentecostalismo macumbeiro.** REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 319-332, dezembro/fevereiro 2005-2006.

PIERUCCI, A F O. **Representantes de deus em Brasília: a bancada evangélica na constituinte.** Realidade Social das Religioes No Brasil: Religião, Sociedade e Política. Tradução . São Paulo: Hucitec, 1996. Acesso em: 27 abr. 2024.

PORTO ALEGRE. Câmara de Vereadores. **Justificativa Título Cidadão de Porto Alegre.** 2016. Disponível em: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/draco/processos/130115/PLL_275-16_ELIZANDRO_SABINO_Titulo_Cidadao_de_Porto_Alegre_Pastor_Adalberto_dos_Santos_Dutra.doc>. Acesso em: 07 jan.2024

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos; BONATO, Massimo. Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. **Revista USP**, n. 120, pp. 43-60, 2019.

PY, Fábio. Cristofascismo à brasileira na eleição de **2018.** *Carta Capital*, Eleições, 21 set. 2018. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Cristofascismo-a-brasileira-na-eleicao-de-2018/60/41803>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

QUEIROZ, Christina. Fé Pública. **Revista Pesquisa – FAPESP.** Edição 286, Dez.2019. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/fe-publica/>. Acesso em: 05.Jan.2024.

RADMANN, Elis. **A maior parte dos gaúchos têm religião**. Coletiva.net. 12 jul.2022. Disponível em: <<https://coletiva.net/colunas/a-maior-parte-dos-gauchos-tem-religiao,416536.jhtml>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

REVISTA EXAME. **As capitais mais (e menos) evangélicas do Brasil**. 13 set.2016. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/as-capitais-mais-e-menos-evangelicas-do-brasil/>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

RODRIGUES-SILVEIRA, Rodrigo; CERVI, Emerson Urizzi. **Evangélicos e voto legislativo: diversidade confessional e voto em deputados da bancada evangélica no Brasil**. Latin American Research Review, v. 54, n. 3, pp. 560-573, 2019.

SALES, LILIAN ; MARIANO, Ricardo . **Ativismo político de grupos religiosos e luta por direitos** RELIGIÃO E SOCIEDADE , v. 39 , p. 9 - 27 , 2019.

SIMÕES, Janaína. **Igrejas Evangélicas abrem 17 novos templos em média no Brasil em 2019. Centro de Estudos da Metrópole**. 17/Mai.2023. Disponível em: <https://centrodametropole.fflch.usp.br/pt-br/noticia/igrejas-evangelicas-abriram-17-novos-templos-em-media-por-dia-no-brasil-em-2019> Acesso em: 20.Dez.2023.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo**. In: _____. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo:Atlas, 1987. p. 31-79.

VIA CARREIRA. **Como se tornar pastor em 6 passos**. Disponível em: <<https://viacarreira.com/como-se-tornar-pastor-evangelico/>>. Acesso em 05.jan.2024.

WEBER, Max. **A política como vocação e ofício**. Petrópolis: Vozes, 2021.

ZAVERUCHA, Jorge. A fragilidade do Ministério da Defesa. **Revista de Sociologia e Política**, n.25, p. 107-121, 2005.

Anexo I – Questionário para entrevista

Questionário Mestrado UFPEL – Universidade de Pelotas

Nome:

Idade:

Local de moradia:

Origem:

Há quanto tempo atua na Assembleia de Deus?

Com que regularidade você participa da igreja?

Em qual área da igreja você atua?

Como se deu sua conversão?

Anexo II – Extrato de algumas das entrevistas

a) Entrevista Pastor Arnaldo Freitag

É o pastor presidente da Assembleia de Deus do Vale dos Sinos

Congrega vários municípios

A sede é em São Leopoldo

O Pastor destaca que sua conversão se deu aos 12 anos (em 1975), pois foi “quando aceitou Jesus como seu salvador”; que seus familiares eram luteranos; que sua cidade de origem é Tenente Portela.

Informa que aos 13 anos proferiu sua primeira mensagem em um culto para adolescentes.

Salienta que os cultos eram realizados em Praça Pública e nas casas. “muitas vezes colocávamos cepos para receber as pessoas”. Certa feita declara ter feito “um cepo maior para servir de púlpito”.

Frisa que, na juventude, fazia exercícios de oratória “pregando para os cepos e me imaginava pregando para uma multidão”.

Informa que aos 14 anos liderava a juventude e que, com esta idade sua família se mudou para Sapiranga; que trabalhou em fábrica de calçados e depois voltou para Vista Gaúcha (ver onde é);

Informa que ascendeu a condição de Diácono em 1980 e que em 1982 voltou para Sapiranga.

Informa que trabalhou nos Calçados Paquetá de 1982 a 1990; que depois estruturou uma empresa de terceirização de serviços que chegou a empregar 120 mulheres costureiras de calçados.

Destaca que em 1993 tinha com a empresa citada anteriormente um vultoso contrato e que, nesta mesma época já havia se tornado Presbítero.

Afirma que “nunca pratiquei coisas que me levassem ao pecado. O corpo é o templo do Espírito Santo e isso me fez bem sucedido”.

Informa que foi convidado para dedicar-se integralmente a Igreja; que nesta época ganhava 120 salários por ano e que, por missão, refez sua vida com 4, 5 salários mínimos mensais que a Assembleia de Deus lhe propiciava para dirigir os trabalhos pastorais em Nova Hartz, Araricá num total de 17 Congregações. Informa que de Nova Hartz assumiu responsabilidades pastorais em Sapiranga e posteriormente São Leopoldo.

Destaca também organizou missões no Amazonas, Acre e Paraíba e em outros países como o Uruguai, Paraguai, Chile, Senegal, Mali, Niger, Guiné-Bissau. Neste últimos país citado informa que atendem duas mil crianças, num programa chamado Criança Missionária.

Destaca que seu trabalho lhe dá um prestígio que aparece nas pequenas coisas. Exemplifica “nunca precisei comprar um terno, sempre ganhei dos irmãos”. Afirma que em sua caminhada ministerial “sempre segue os desígnios de Deus”. “Estamos cumprindo o que Jesus determinou: Ide por todo o mundo”.

Sobre esta trajetória missionária o Pastor Freitag conta uma história. “Uma irmã, senhora simples declarou em uma roda de oração uma visão dirigida a mim: disse-me que me vira subindo em um trator muito alto e que eu saia abrindo caminho. Este trator teria entrado no mar e chegado na África para levar comida para as crianças... cinco anos depois Deus falou comigo de madrugada sobre um projeto de missão no continente africano. Quando fui ao Senegal lembrei desta visão. Neste país adotei seis missionários (remunerados) por três meses. Eles atendiam 200 crianças. Tinha intérprete em francês. Me chamava a atenção o fato de as crianças irem para o canto das ruas verem os carros passarem”. Da mesma forma relata que no Mali percorreu 300 km de carro em um dia junto com o pastor Lucas Trauli para pregar a palavra.

No decorrer da entrevista busca outro exemplo para demonstrar o prestígio que gera sua função: em uma determinada situação precisou estender um auxílio financeiro a sua filha; para este fim utilizou parte do décimo terceiro que recebe da Igreja. Relata que em função desta situação optou por não realizar a viagem de férias que sempre faz. Apareceu um irmão que teria ficado sabendo do ocorrido e teria lhe oferecido o valor que teve que estender a sua filha e lhe disse “Deus me pediu para lhe ajudar”. Freitag teria recusado a oferta e pedido para o fiel ficar com o recurso para seu próprio uso. A resposta de parte do fiel: “Pastor aceite, o sr. vai tirar o direito de minha benção?”. Freitag relata que pegou o dinheiro e combinou com sua esposa que depois devolveria. Passados alguns dias o fiel retornou a sua casa e lhe inquiriu: “Por que o sr. não foi viajar?”. Todo constrangido Freitag lhe disse que, em verdade, queria lhe devolver o recurso. A resposta veio de pronto: “O sr. não quer que Deus me abençoe?”. Freitag fez, com sua família, a habitual viagem de férias. Durante a viagem o fiel ligou para ele agradecendo por ter sido agraciado com uma decisão judicial que lhe rendera muitas vezes mais o que teria concedido ao pastor.

Sobre se Igreja orientou participação nas eleições de 2018 afirmou que “a gente orienta. Não obriga”.

Na mesma esteira destaca que “o que se tem visto nos governos é posição que cada um tem sobre as religiões”.

O assunto avançou até Lula. Sobre o atual presidente da República Freitag afirma que “Lula é mais do ocultismo do que cristão, mas que não tira de ninguém o direito de orar por ele”. Afirma que “Lula perdeu apoio quando mandou tirar a cruz do palácio. Ela é um símbolo do cristianismo”. Com isso entende que foi criada uma barreira e termina ponderando “Não acho que o PT pregue isso”, pois “temos na Igreja muita gente do PT e de outros partidos”.

b) Entrevista Pastor Adalberto Santos Dutra

Por vários mandatos foi Presidente da Convenção (definir qual) no Rio Grande do Sul
Compôs o Conselho Editorial da CPAD

Foi Vice-Presidente da Convenção Nacional

Nasceu em 25/4/1945, no Distrito de Tucunduva, na época da cidade de Santa Rosa.

Informa que foi batizado na Paróquia São Roque em Tucunduva pelo Padre Pedro.

Destaca que começou a frequentar a Igreja Evangélica Assembleia de Deus em 1965, na cidade de Três de Maio. “Inicialmente gostei dos louvores e da pregação, mas da oração não gostei”. Informa que a Igreja funcionava em um salão alugado.

Informa que contribuiu com a construção do primeiro templo em 1967.

Frisa que foi trabalhar na SLC, como técnico industrial, em Horizontina, em 1970 e que se deparou com o trabalho iniciante da Assembleia de Deus em uma pequena casa de madeira.

Em 1972 foi empossado como Presbítero e dirigente local da Igreja.

Em Horizontina construiu uma Igreja com um apartamento residencial para o Pastor e também com Refeitório.

Informa que, em Horizontina foi representante sindical e fez parte do grupo que construiu a sede do Sindicato da categoria; também informa que ajudou a construir a sede da APAE nesta mesma cidade, em 1973.

Destaca que em 1976 foi consagrado Pastor em Porto Alegre.

Apresenta o seguinte cronograma: ficou em Horizontina até 1983; em 23/6/1983 assume a Presidência da Igreja Assembleia de Deus em Porto Lucena; que a partir de 7/5/1984 assumiu o campo de Palmeira das Missões e, a partir de 26/3/1998 assumiu São Leopoldo. Em 24/6/2017 assume Caxias do Sul. Nesta cidade ficou até 2020. Depois fez uma cirurgia de Aneurisma e foi laureado (se aposentou), pois contribuiu ao INSS como autônomo e que recebe um suporte financeiro da Igreja.

Nesta trajetória foi um dos cinco assessores da Convenção no Estado do Rio Grande do Sul.

Também informa que em 1986/1987 foi Primeiro Secretário da Convenção Estadual.

De 1987 a 1989 foi Presidente da Convenção Estadual; cargo que ocupou mais duas vezes entre 1996/1998 e entre 2016 e 2020.

Informa que fez curso de Teologia na ETAD – Escola de Teologia da Assembleia de Deus, na cidade de Campinas, SP. Os cursos, funcionavam em EAD (?) em núcleos presenciais. Aprofundou seus estudos e se formou em Teologia; depois fez Mestrado em Ciências da Religião. Chegou a fazer alguns semestres de Psicologia na ULBRA, a partir do ano 2000.

Informa que na juventude já andou armado, bebeu, fumou, jogou...

Destaca que teve um tempo em que a “Assembleia de Deus adotou a Abstinência por ter um grande número de alcoólatras”.

Informa que por muito tempo exerceu funções sem nenhuma remuneração.

Em determinado momento após os anos 2000 informa que “senti um desejo de abrir uma obra missionária na Flórida”. Nesta época cursava Psicologia. Trancou o curso e foi fazer um curso de Inglês. “Quando me senti para me comunicar em Inglês, fui para Flórida”.

“Todo o pastor tem que ter duas funções: missionário e evangelista”.

Sobre sua participação em São Leopoldo

- Fez um acordo com o Pastor Albertino e manteve a unidade da Igreja na cidade, pois este não era aceito pela Convenção. Desta forma dividiu a cidade em dois campos. Um baseado na Zona Norte – comandado por Albertino e outro ao sul do Rio dos Sinos. Neste são 54 espaços de congregação.

- Adquiriu um amplo espaço chamado Centro de Eventos

- Destaca que o foco de sua atuação era o incentivo dos jovens para o estudo; da reconciliação de casais e fortalecimento e ampliação da Igreja no seu ambiente de atuação.

“Nunca fui um Pastor de gabinete” tascou Dutra.

- Das suas muitas ações destaca o episódio da compra do centro de eventos quando lhe informaram que bandidos estavam se organizando para sequestrar “um fazendeiro vindo de Palmeiras das Missões para comprar a sede da Transportadora Mandelli”. Disse que um dos prováveis sequestradores lhe perseguiu por vários dias, mas que nunca conseguiu lhe abordar. Relato que Dutra teve desta pessoa depois que ela se converteu.

- em outro momento fez vários eventos de pregação em Iona no Morro do Paula há uns 20 anos. Um tempo depois uma pessoa lhe pediu para ser atendido. Recebeu-o e ao chegar foi surpreendido por um homem que tirou duas armas da cintura e as entregou a Dutra. Disse ao pastor que já havia matado 11 pessoas em outro estado e que gostaria de se redimir. Dutra relata

que procurou uma juíza da comarca leopoldense e negociou o rendição e punição do arrependido. Informa que esta pessoa é membro da Igreja até os dias atuais; que mora em outra comunidade.

Dutra sempre foi personagem muito requisitado; que apoiou governos do MDB e do PT e que fez campanha para vereadores de diversas siglas, tendo destacado a eleição de um vereador do PSB que ele identifica como amigo da Igreja.

Sobre a participação da Igreja na eleição de 2018 afirma que não houve campanha direta nos cultos; que havia orientação fora destes ambientes, mas que ninguém era obrigado a votar nos candidatos indicados.

Quando questionei sobre sua posição pessoal afirmou que votara em Bolsonaro nas eleições de 2018.

c) Entrevista Gilberto Leirias Caurio

Idade: 55 anos

Local de Moradia: Rua Martinho Silva da Silveira, 381 – Bairro Santa Teresa. Destaca que chegou em São Leopoldo em 1987

Caurio é Empresário.

Formado em Teologia pela Unigran

Destaca que nasceu em um lar cristão na cidade de Santo Augusto e que “se converteu em busca da paz”. Afirma que “nos cristãos temos certeza que temos alma”. Sobre sua relação com a Igreja Assembleia de Deus afirmou que “nasci nela, me criei nela e tive a graça de sempre viver nela”. Afirma que “A Assembleia de Deus é a mãe que acolhe a minha alma”.

Das muitas citações bíblicas nas quais ancora sua participação na entrevista ele cita que “tem valores eternos quem planta arroz, colhe arroz. Amor colhe amor. Salvação colhe salvação” Mateus 11:28 e 29.

Afirma que “vive se na terra para escolher a eternidade”. Conclui o raciocínio afirmando, baseado em Eclesiastes que “a vida tem um tempo determinado”.

Destaca que sua vida teve idas e vindas; que teve muito sucesso nos seus negócios, mas que não tinha paz. Afirma que teve um tempo afastado das atividades e que retornou em 1999. Para refletir sobre esta situação novamente ancora-se na Bíblia ao afirmar que “quando tem dificuldade em uma área a Bíblia tem ensinamentos em todas as áreas”. Resgata que se converteu em busca da paz e que seu reingresso como membro ativo da Igreja

Caurio destaca que é evangelista e que a “hierarquia eclesiástica é um dom”; que administra uma Igreja na Vila Esperança e que coordena Círculos de Oração; que também atua

na cura de doentes e que visita casas para pregar a palavra para adolescentes, jovens e idosos. Relata que “já vi mortos ressuscitarem” e que esta pessoa hoje é professora na Feitoria.

Destaca que O Rio Grande do Sul é um estado considerado de difícil conversão. Cita como causa o fato de os espanhóis serem muito místicos”. “Junto com os guaranis, povo místico que aprendeu a lidar com o gado aos gritos”. Frisa que estes povos “colocam a alma no animal e esquecem a sua”.

Destaca que a fé trouxe o crescimento da Igreja. Cita o Apóstolo Paulo: “A salvação é a fé”. Define três tipos de fé:

1. Fé natural: nascimentos
2. Fé sobrenatural: milagres
3. Fé para a salvação: “é a principal”. “Só depende de cada um” João 14.6. Frisa que “a fé para a salvação é um dom de Deus” e cita Romanos 10.16 “ a fé vem pelo ouvir”.

Afirma que “todos somos cristãos”, mas diferencia cristão convertido de não convertido. Afirma que “nos convertemos a Cristo através do evangelho”. “Pode se ter vários caminhos, mas um só é o certo”.

Afirmou que “a vida é um veículo que nos transporta para a eternidade” e que “Jesus é o caminho, a verdade e a vida” João 14.6.

Destaca que realiza um trabalho social de atenção aos moradores de rua – distribui porções de sopa; citou que levantou 287 pessoas de rua entre 2009 e 2010. Afirma que “70% conhecem a Bíblia, só não tem fé”; que já realizou curas na Praça do Imigrante.

Informa que foi por muitos anos filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e que foi candidato a vereador por este partido. Destaca que se desligou da agremiação partidária e que nunca votou no PT, muitas vezes aliado do PDT.

Sobre a eleição de 2018 disse que a Igreja não orientou voto em ninguém e que, mesmo que ocorra orientação de voto feita em momentos distintos “não é cabresto”. Afirma que votou em Bolsonaro e que hoje se coloca mais a favor do Governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), pois é menos radical que o ex-presidente.

d) Entrevista com Gerson Luís de Souza

Idade: 58 anos

Formação: Ensino médio

Tem 4 filhos e seis netos.

Mora no Loteamento Terra Sinos, no Bairro Campinas

Destaca que sua esposa começou a frequentar a Igreja Assembleia de Deus no começo dos anos 2000. Ele passou a acompanhá-la e se converteu em 2005.

Congregou na Vila Antonio Leite, no mesmo bairro. Esta componente do Campo Scharlau – que se compunha de 36 Congregações. Comandadas pelo Pastor Albertino (ver sobrenome).

Destacou que “muitas vezes chamamos de Pastor quem é evangelista”. Esta fala decorreu de perceber que nem sempre os espaços religiosos têm pastores responsáveis.

Afirmou que no seu espaço de congregação as frequências ocorriam entre 50 e 70 pessoas por culto.

Destacou que percebeu até 2019 a criação de “muitos ministérios pequenos, alguns dos quais saíram da Assembleia de Deus”.

Afirmou que, junto com Jair Correa dos Santos, seu cunhado, formou uma dupla de cantores que frequentavam diversos espaços da Assembleia de Deus na cidade e em outras cidades também.

Destacou que sua filha Marcione foi Conselheira Tutelar eleita por dois mandatos. Ela, por sinal, continua nas hostes da Igreja.

Souza destacou que “a convivência é diária. É culto toda a terça-feira, quarta-feira, quinta-feira... bem como ensaio de coral, de teatro.

Frisa que, mesmo nos tempos de intensa atuação religiosa sempre foi filiado ao PT; que votou em Fernando Haddad em 2018.

Salienta que foi assessor parlamentar do vereador petista Nestor Schwertner. Que também compôs a sua equipe na Secretaria Municipal do Orçamento Participativo e que, resultado das Assembleias do OP foram construídos 6 ginásios em Igrejas Católicas; que reuniu Pastor Albertino com o Secretário Municipal para que a Assembleia de Deus, pelo menos este campo, se agregasse as mobilizações populares do Orçamento participativo para, com isso, conquistarem obras em seus espaços ou entidades. Para sua surpresa o Pastor recusou mobilizar seus fiéis.

Destaca que “tinha um tempo que, mesmo a Igreja Assembleia de Deus sendo anti-petista não se pregava contra o PT e a esquerda”.

Frisou que percebeu que muito da mudança ou radicalização de postura se deve a postura do Pastor e Deputado Federal Marco Feliciano que fazia pregações pelo Brasil inteiro. “Cheguei a ir em Caravana até Camboriú para vê-lo pregar”. Sua influência é muito forte, destaca Souza.

Informou que o Campo Scharlau tem uma sede administrativa que fica no Bairro Jardim Viaduto e um templo central que se situa no Parque Mauá, Bairro Arroio da Manteiga.

Destacou que nas segundas-feiras há um culto com os obreiros em que são apresentadas ao tesoureiro da Igreja as coletas financeiras realizadas durante a semana anterior.

Informa que teve que mediar problemas de prestação de contas de verbas públicas repassadas para programas sociais da Igreja pelo Governo Municipal para a Associação Vida Nova – uma entidade da Igreja, visto que estas teriam sido reprovadas pelas estruturas públicas. Mas, que sabia das mesmas situações ocorridas com o Lar Adalgiza – outra entidade ligada ao Campo do Vale dos Sinos.

Afirmou que percebeu mudanças de orientação e de postura depois da saída do Pastor Adalberto Santos Dutra da presidência do Vale dos Sinos. Percebeu que o Pastor Arnaldo Freitag como mais conservador na condução do culto.

Salienta que saiu da Igreja em 2019: “quando Bolsonaro entrou na Igreja eu saí” e que, mesmo mantendo relações com pessoas da Assembleia de Deus afirma que “ficou descrente depois que vi pessoas que considerava inteligentes ficarem aficionadas por Bolsonaro”

Por fim, reclamou que jovens não tem espaço na Igreja em São Leopoldo. Em função disso, informou que “muitos que comungam em Portão são assembleanos sem espaço na cidade”.

e) Entrevista com Marcione de Andrade

39 anos

Divorciada

Tem um filho

Pedagoga

Professora de Escola Bíblica

Informa que já congregou na Scharlau, Antônio Leite, Santa Helena, Santa Marta e Feitoria.

Destaca que seu trabalho é feito essencialmente com crianças e juventude.

Informa que acompanha o Pastor Gustavo e que, neste momento, ele prega na cidade de Portão.

Conselheira Tutelar desde 2006. Destaca que “gosta de confortar uma família”.

Destaca que a ideia de sua candidatura nasceu dentro da Igreja, pois o pastor Gustavo e vários irmãos entenderam que deveriam apostar no trabalho que ela fazia com as crianças. Marcione então, depois de aceitar a missão teria procurado o vereador do PT, Nestor Schwertner, para lhe pedir apoio. Segundo seu relato esta união da Igreja com o PT a levou a conquistar dois mandatos no Conselho Tutelar.

Explica que congregava na Vila Santa Marta. Neste local já fazia, em nome da Igreja, trabalho social com crianças. Ações orientadas pelo Pastor Gustavo e pelo Irmão Adão Naffin.

Explica que não disputou esta eleição para o Conselho Tutelar por que não passou na prova de seleção feita como parte do processo eleitoral deste órgão.

Destaca que não possui cargo eclesiástico e que as funções que exerce em nome da Assembleia de Deus nunca foram remuneradas.

Informa que contribui com 10% do seu salário todo o mês. Justifica dizendo que o dizimo está na Bíblia.

Informa que frequenta cultos desde os 14 anos. Mas, que num primeiro momento sua família decidiu não permitir seu convívio com a Igreja. Aos 22 anos passou a ser frequente nos cultos.

Destaca que sua família é petista, desde antes ela e os demais membros terem entrado para a Assembleia de Deus; que a convivência na Igreja não a afastou do PT, mas que, em diversos momentos sentiu apartada de vivências. “Se tu pensasse de forma diferente, era tratado diferente”.

Destaca que, nos locais onde comunga a pregação pró-Bolsonaro foi intensa nas eleições de 2018. Que havia recepção de candidatos a deputado no espaço religioso e que havia distribuição de bandeiras do Brasil e que “minha família saia muito triste dos cultos. Acredito que não seja o lugar para decidir voto”. Saliencia que “altar é para a palavra de Deus”.

Informa que a sustentação da pregação pró-Bolsonaro era feita ancorada nos temas da família e que a frase que mais ecoou em sua cabeça foi: “Cristão deve votar em Bolsonaro. Não vota em PT”.

Informa que tinha no atual Deputado Federal Marco Feliciano uma grande referência de pregador da palavra cristã. Afirma que Feliciano “Era um ícone. Pregava muito”. E que foi a Santa Catarina em caravana para ouvi-lo, fazendo o mesmo quando ele esteve no Rio Grande do Sul”. Mas que hoje perdeu a admiração.

f) Entrevista Jeremias Pakulski Panizzon

Idade: 36 anos. Tem dois filhos.

Mora em São Leopoldo, no Bairro Campestre

É Presbítero e Professor da Escola Dominical.

Formação: Engenharia de Alimentos

Local de culto: Cultua na Igreja da Bento Gonçalves e no Centro de Eventos. Destaca que nos cultos que frequenta e professa congregam em torno de 200 pessoas.

Jeremias faz suas pregações a partir da Revista Trimestral. Esta produz uma orientação geral para crianças, adolescentes, juniores e jovens. Seu Plano de aula é baseado nesta revista.

Jeremias destaca que “nasceu na Igreja” que nunca “foi do mundo” e que as pessoas precisam fazer uma escolha: “servir a Cristo, a Deus, ser salvo”. Frisa que seu bisavô “veio abrir o ponto em São Leopoldo em 1934. Chamava-se Czeslavo Pakulski. Afirma que seu descendente sofreu o primeiro cisma da Igreja na cidade em 1954. Destaca que seu avô Jeremias Pakulski também foi pastor da Igreja Assembleia de Deus. Destaca que sua mãe faz parte do Coral da Igreja. E que seu pai, Alceu Panizzon, era católico de Nova Araça, convertido ao assembleanismo em 1995, quando já morava em São Leopoldo.

Historicamente, por sinal, Jeremias destaca primeiramente a Igreja foi instalada na Rua João Neves da Fontoura esquina Rua São Paulo, no Centro de São Leopoldo. E que a Igreja da rua Bento Gonçalves foi inaugurada em 1º de maio de 1952

O presbítero também destaca que o batismo ocorre depois dos 12 anos.

Jeremias afirma que possui um ponto de pregação em sua casa.

Sobre os cargos eclesiais que ocupou:

1. Destaca que foi Superintendente de Assistência Social; que nesta função coordenava os atendimentos a população de rua. Destaca que é um trabalho voluntário.

2. Afirma que no Culto da Ceia (ocorre uma vez por mês) ocorre a “Oferta do Quilo”, na qual os frequentadores levam um quilo de alimentos não perecível. Com estas doações a Superintendência organiza cestas básicas que são distribuídas para membros e não membros da Igreja. Frisa que, com relação aos membros ocorre um cadastramento e que as cestas são entregues por um período de quatro meses.

Da mesma forma destaca que arrecadam camas hospitalares, cadeiras de rodas, cadeiras de banho e muletas para o uso daqueles que necessitam.

Sobre a participação eleitoral

1. Afirma que “quando aparece um candidato (genericamente descrito) ele é apresentado como candidato.”.

2. Afirma que cada um faz a escolha que quiser

3. Afirma que a Igreja não dirige o voto. Mas, afirma que sabe que a Igreja Assembleia de Deus tem uma linha para cada eleição, mas que ninguém é obrigado a votar em função desta orientação. Afirma que esta orientação mais direta é passada em conversas informais.

4. Que, por exemplo, os obreiros quando concorrem ao Conselho Tutelar são afastados dos cargos que exercem.

5. Diz que há a “entrega de santinhos” de candidatos nos pontos de acesso aos cultos
6. Quando pergunto em quem ele votou a resposta é taxativa: “ Votei em Bolsonaro (nas eleições de 2018). Eu não achava o outro capacitado para ser presidente”.

g) Entrevistado Clóvis Coelho Jaime

Idade: 72 anos

Local de nascimento: Caçapava do Sul. Tem três filhos.

Tem Parkinson desde nascença, segundo o entrevistado, causado pela Anestesia que era dada à época de seu nascimento.

Destaca que se batizou na Igreja Deus é Amor em 1982. Afirma que “antes de eu me converter ao evangelho eu não era nada, nem católico, nem batuqueiro, nem nada”

Que veio para São Leopoldo com 13 anos.

Que é viúvo do primeiro casamento. Que sua esposa era da Umbanda e ele a converteu ao credo evangélico.

Jaime destaca que começou na Igreja em 2001, com o Pastor Adalberto. E que, por divergência com a direção atual da Igreja Assembleia de Deus na cidade se afastou para um ramo da Assembleia (ver desde quando).

Destaque-se sua gratidão ao Pastor Adalberto, visto que, quando a ele se refere, afirma “sou grato a Deus pela vinda do Pastor Adalberto”.

Sobre sua participação na Igreja Assembleia de Deus destaca que construiu um templo na Vila São Jorge, zona sul da cidade, seu local de moradia. Afirma que o templo tem 7x18,30m² e que esta obra evitou o pagamento de aluguel e que este fato ocorreu há mais de 15 anos.

Sobre sua participação destaca que realizou o exorcismo de uma mulher que identificou estar “possuída pelo Demônio”; que ele teria mandado demônio sair, pois “não se interroga o Demônio, se manda ele voltar para onde veio”. Afirma que disse “ Te reprendo em nome de Jesus” e, ao ouvir, tal frase a mulher caiu e os participantes também”.

Jaime salientou que “ A Igreja não me disse para apoiar ninguém e não faço, mesmo que pedisse”. Na mesma esteira acrescenta que “eu ganhei um ministério e não negocio com ninguém”, pois afirma que “não se negocia o que Deus dá” e arremata “a salvação não se negocia”.

h) Entrevista Elisa da Silva Troquato Bragé

Idade: 49 anos

Local de moradia: Feitoria Nova (R. José Schuck, 715)

Origem: São Leopoldo

Tem dois filhos, ambos são assembleanos

É funcionária pública concursada na Prefeitura de São Leopoldo.

Destaca que sua trajetória religiosa começa na Igreja Batista Filadélfia. Que foi batizada no Rio dos Sinos, perto da Feitoria; que ficou nesta Igreja por 3 anos. Mas que seu marido se entristeceu com esta Igreja e, em função disso, ela procurou uma Igreja mais perto de sua casa. Encontrou a Igreja Assembleia de Deus – Distrito 3

Destaca que sua mãe frequentava eventualmente a Igreja Universal do Reino de Deus; Frisa que seu avô foi Pastor da Assembleia de Deus em Sapucaia do Sul. Informa que ela somente “visitava” os cultos.

Informa que “amigos a convidaram, pois tinha um irmão que era ‘medonho’; que grupos de jovens foram orar por seu irmão e ela os acompanhou em solidariedade ao parente”. Frisa que se encantou “com o amor dos irmãos” e destaca o fato de eles (o grupo) andarem sempre juntos.

Informa que passou a frequentar o Culto das Mulheres da Bíblia no Centro de Eventos da Igreja Assembleia de Deus há 20 anos. No entanto, nos dias atuais, dentre as funções sociais que exerce em nome da Igreja procura “ir o culto aos domingos, para ter mais tempo para ficar com sua família. Depois frequentou Grupos de Louvor. Informa também que na Assembleia de Deus fez uma “reconversão” (espécie de rebatismo)

Destaca que já foi coordenadora do Distrito e Professora das crianças e que cuida de sete denominações, das quais destaca:

1. Como estão sendo tratadas as crianças
2. Se as famílias precisam de auxílio;
3. Como está sendo ensinada a palavra.

Afirma que é responsável por 300 crianças de 5 até 10 anos (filhos de membros e não membros da Igreja). Informa que, de dez anos em diante, são outros grupos.

Informa que para as crianças “ a gente ensina a palavra e não religião” Afirma que “fazemos tudo por amor”

Afirma que a “escolinha” funciona das 14h30min as 16h e tem por objetivos pregar a palavra, organizar brincadeiras e disponibilizar lanches. Destaca que seu trabalho é feito principalmente nos finais de semana, mas que a escola funciona de segunda a domingo que “nos domingos eu e meu marido levamos merenda para as crianças da Vila Areia (grupo de famílias em situação de vulnerabilidade social que moram embaixo das redes de alta tensão situada na Av. Imperatriz – Bairro Independência).

Informa que na Vila Esperança trabalha com 25 crianças.

Quando questionada sobre o dizimo responde que “antigamente eu dava o dizimo. Hoje prefiro dar para as crianças”. Informa que, mesmo quando contribuía diretamente nunca se sentiu obrigada a fazê-la.

i) Entrevista Gabriel Fragoso Caurio

Idade: 22 anos

Nasceu em São Leopoldo

Assembleiano de berço

É mecânico automotivo e cursa farmácia na Uninter.

Destaca que viveu um momento no qual “coisas da vida não estavam agradando” e que percebeu “conhecer a Deus, a palavra é um ponto que estava faltando”. Mas que se afastou mesmo da Igreja durante o período que cumpriu o tempo de serviço militar obrigatório. Disse que retornou as hostes da Igreja por que “Tinha convicção que a obra de Deus não havia acabado para mim”, pois tenho com a Igreja um “Vínculo de gratidão”

Destacou que “antes da pandemia estava muito apegado com Deus. Ia todos os dias a Igreja. Afirmou que “ Se tu tens um compromisso com Deus, Ele terá um compromisso contigo”, pois diz que “todos os dias deve-se pagar um pouco de benção”.

Afirmou que congregava na Vila Maria . Que realizava funções de ajuda nas orações; que também cuidava da aparelhagem de som.

Informou também que executa um projeto de entrega de alimentos para pessoas em situação de rua; que faz isso com um grupo de oito jovens, dos quais explica que nem todos são assembleianos e que um membro do grupo é haitiano, destacou também um cozinheiro que tem mais idade que os demais e que, neste trabalho social, ele procura conquistar intimidade com

os beneficiários de sua ação, visto que “intimidade gera confiança. Isto me permite falar do amor de Deus”.

Informa também que segue o pastor Joel Ramão há 13 anos.

Sobre a participação eleitoral da Igreja frisa que em 2018 tinha 16 anos e que não se alistou como eleitor, somente fazendo isso quando completou 18 anos. Destacou que não recebeu nenhuma orientação de voto nos espaços religiosos. Destacou que, se votasse em 2018, sua escolha seria Bolsonaro e que em 2022 votou no ex-presidente.

Afirmou que para ele não interessa quem ganhe. Tanto faz se Bolsonaro ou Lula, pois o que interessa é que temos que fazer as coisas para Deus.

Por fim, o jovem também é fisiculturista e mantém uma exposição incomum para o meio nas redes sociais, especialmente Instagram.